

TESTEMUNHOS EX-MEMBROS NOVA ACRÓPOLE

ANONYMOUS



Testemunhos

Ex-Membros

Nova Acrópole

2025

Anonymous

Prefácio

O que leva uma pessoa a se entregar completamente a uma organização? O que faz alguém acreditar, de forma inquestionável, que está trilhando um caminho de iluminação enquanto, na realidade, está sendo submetido a um sistema de controle psicológico sofisticado e devastador?

Os testemunhos apresentados neste livro são mais do que meras histórias individuais – são gritos de socorro, relatos de sobrevivência e evidências contundentes de um sistema que opera nas sombras, camuflado sob o rótulo de uma escola de filosofia.

A Nova Acrópole se vende como um espaço de estudo, reflexão e desenvolvimento pessoal, mas a experiência daqueles que estiveram em seus círculos mais internos revela outra face dessa organização. Uma face sombria, onde a manipulação, o controle emocional e a submissão absoluta são a norma.

Aqueles que ingressam na Nova Acrópole não imaginam que estão entrando em um sistema onde, aos poucos, suas identidades serão moldadas, seus laços familiares e sociais enfraquecidos, e seu senso de realidade distorcido. O que começa como um curso de filosofia inofensivo logo se transforma em um labirinto de hierarquias ocultas, exigências inquestionáveis e uma devoção cega ao ideal acropolitano.

As Histórias Que Eles Queriam Silenciar

Os depoimentos aqui reunidos nos mostram como essa jornada se desenrola. Antonia, por exemplo, passou mais de vinte anos dentro da Nova Acrópole, chegando a integrar as Brigadas Femininas, um grupo restrito dentro da organização. Seu relato expõe como a seita explora a necessidade humana de pertencimento e propósito, utilizando esses anseios para prender seus membros em um ciclo de exploração emocional, financeira e até física.

Maria, por outro lado, descobriu tardiamente que havia sido conduzida para um sistema rigidamente estruturado, no qual as mulheres e os homens possuíam “códigos de conduta” específicos, reforçando papéis tradicionais e limitadores. Só depois de cinco anos dentro da organização ela percebeu a verdade: a Nova Acrópole não é uma simples escola de filosofia, mas sim um sistema de doutrinação que opera à margem da sociedade, ocultando seus reais objetivos até que seja tarde demais para questioná-los sem consequências.

Já Matthieu, na França, relata como foi exposto a rituais secretos, discursos sobre uma raça superior e até saudações romanas – elementos que evidenciam as ligações da Nova Acrópole com ideologias totalitárias do passado. Sua experiência dentro das Forças Vivas, um grupo interno que exige obediência absoluta e dedicação total à organização, mostra como a seita utiliza pressão psicológica, doutrinação ideológica e rituais iniciáticos para transformar seus seguidores em soldados de uma causa oculta.

A Ilusão do Livre Arbítrio

Uma das maiores armadilhas da Nova Acrópole é fazer com que seus membros acreditem que estão ali por livre e espontânea vontade. Nada é imposto diretamente – tudo é sutilmente induzido.

Primeiro, você é encantado pelo ambiente acolhedor e pelas ideias inspiradoras. Depois, surgem as pequenas exigências: um compromisso aqui, um voluntariado ali, um curso avançado que só os mais “dedicados” podem fazer. E, quando você percebe, sua vida já não é mais sua.

Os testemunhos revelam como a organização gradualmente suga o tempo, a energia e os recursos financeiros de seus seguidores, convencendo-os de que tudo isso é necessário para seu “crescimento espiritual”.

A partir do momento em que um membro se compromete com os níveis mais altos, ele se torna prisioneiro da estrutura hierárquica, submetido a treinamentos brutais, testes físicos e psicológicos, e um código de obediência que não permite dúvidas ou questionamentos.

A Dissonância Cognitiva e o Medo de Sair

Muitos ex-membros relatam que, mesmo após perceberem as contradições e os abusos dentro da Nova Acrópole, sentiam um medo irracional de sair. Esse medo não era apenas de represálias diretas, mas de algo ainda mais profundo: o medo de perder sua identidade, sua comunidade e sua razão de existir.

A organização cria um ambiente onde o mundo exterior é visto como caótico, materialista e espiritualmente falido. Os membros são levados a acreditar que fora da Nova Acrópole não há propósito, não há verdade, não há evolução. Assim, mesmo aqueles que começam a enxergar a realidade muitas vezes hesitam em deixar o grupo, temendo estar cometendo um erro irreversível.

Mas, como mostram os relatos, esse medo não é real. Ele é um reflexo da doutrinação, da dissonância cognitiva imposta ao longo dos anos. E aqueles que tiveram coragem de sair descobriram algo essencial: a verdadeira liberdade só pode ser encontrada fora da Nova Acrópole.

A Importância de Expor a Verdade

A Nova Acrópole prospera no sigilo. Ela se protege por trás de uma fachada de respeitabilidade e utiliza diversas associações de fachada para disfarçar suas reais intenções. Por isso, expor essas histórias é essencial.

Cada testemunho presente neste livro é um ato de coragem. Muitos dos que decidiram falar enfrentaram pressão, ameaças e isolamento, mas escolheram se posicionar porque sabem que suas experiências podem impedir que outras pessoas caiam na mesma armadilha.

Este livro é, portanto, mais do que um registro de abusos – é um alerta, um chamado à consciência e um convite à reflexão.

Conclusão: A Verdade Precisa Ser Dita

Ler esses relatos é um choque. É impossível permanecer indiferente ao sofrimento e à manipulação que tantos passaram. Mas há algo ainda mais assustador: saber que, neste exato momento, outras pessoas estão sendo capturadas pelo mesmo sistema.

A Nova Acrópole continuará recrutando. Continuará apresentando sua imagem pública impecável, seduzindo novos membros com a promessa de um mundo melhor. Mas agora, a verdade está sendo revelada.

Se este livro puder abrir os olhos de ao menos uma pessoa, se puder evitar que alguém caia na mesma armadilha, então ele terá cumprido sua missão.

A manipulação se alimenta do silêncio.

E este livro é a voz daqueles que não podem mais ser calados.

Índice:

1. Testimonio de Antonia. España
2. Testimonio de Liliana. Francia
3. Testimonio de Matthieu. Francia.
4. Testimonio de Nathan. Francia.
5. Testimonio de Ana. España.
6. Testimonio de Zuhai. España
7. Testimonio de Francesca. Italia
8. Testimonio de Maria. Polonia.
9. Testimonio de Juliano. México.
10. Testimonio de Daniella. Uruguay.

Testemunho de ANTONIA

Antonia V. Espanha

(Ele esteve no Círculo Interno da Nova Acrópole por mais de 20 anos. Especificamente, fazia parte das Brigadas Femininas, a seção feminina do grupo interno)

Primeiras reflexões:

É incrível a quantidade de grupos que se dizem místicos, religiosos ou filosóficos que proliferam à sombra da lei, grupos que aos olhos de todos chamamos de seitas, mas que legalmente não podemos denunciar porque estaríamos atacando a constituição, contra o direito humano do livre pensamento e expressão.

E é verdade, não podemos atentar contra o direito humano de poder pensar e viver como melhor acreditarmos, pois faz parte de nossa liberdade como indivíduos, mas também está acontecendo que muitas pessoas descobrem depois de um tempo, inclusive muitos anos, que foram enganadas, enganadas e maltratadas, que acreditavam viver uma verdade entregando suas vidas a uma boa causa, de construção de um mundo novo e melhor para todos e que não podem denunciá-lo porque não há espaço legal para poder fazê-lo, pois aparentemente não há crime que possa ser provado.

Ou seja, não é o típico engano da estampa, que se queria trocar dez euros por um euro, quando uma pessoa querendo tirar proveito da situação é enganada por egoísta, mas é manipulada, dirigida e coacionada com códigos discipulares para beneficiar uma organização no orçamento e em outros chamados prazeres terrenos, enquanto se acreditava que trabalhava para a humanidade, ao mesmo tempo que se desenvolvia como um ser humano completo.

O que acontece é que eles vêm para se aproveitar de uma necessidade humana inata, porque somos seres sociais e por isso naturalmente nos movemos para ser empáticos e altruístas.

Muitos desses grupos começam desde o início com o engano, dizem ser uma coisa, então você descobre que é outra e finalmente acaba enredado em um fio torcido de obrigações "voluntárias" adquiridas de forma cerimonial para se amarrar ainda mais como responsável por seu voluntariado na organização, é aí que o abuso de todos os tipos tem lugar, desde físico, psicológico e mental.

Meu primeiro encontro com Nova Acrópole:

Como quase todo mundo que entra na Nova Acrópole, meu primeiro encontro foi através do que eles chamam de "Terceiro Círculo", ou seja, através das atividades que eles fazem para o público. Um dia você descobre que se anuncia uma atividade gratuita, uma palestra sobre valores humanos e psicologia, por exemplo, que você acha interessante e parece com vontade de participar, a atividade também é feita em um espaço cultural e que quando você procura na internet parece muito interessante, pois you see young people very smiling and many examples of other activities already done. Nada parece fora do comum ou estranho para você, mas você vê isso como entretenimento cultural, como quando você vai ao cinema.

No dia do evento você comparece e descobre que eles o recebem com a intenção de informá-lo sobre o espaço cultural em que você está, sobre as atividades realizadas pelos diferentes grupos que o compõem, entre eles uma "escola de filosofia" e colocam especial interesse em que você compareça a uma apresentação deste curso. Já é hora do evento, você se senta na sala e aparece um apresentador que informa novamente aos participantes do espaço cultural em que se encontram e para dizer que essa atividade é realizada pela Nova Acrópolis (quando dizem, na melhor das hipóteses) dentro deste espaço cultural e voltam a informar sobre o "curso de filosofia para viver" e que também quem vai fazer a palestra é uma pessoa preparada nesta escola, ou seja, nem é psicóloga.

Por falta de tempo não pude procurar na "rede" que é a coisa da Nova Acrópole, mas também não me ocorre desconfiar, na verdade acho que será mais uma associação que faz atividades, além disso a palestra é interessante, tem muita informação, a pessoa está preparada, está correta, dá exemplos interessantes e estou me entusiasmando porque estou gostando, então menciona a importância da filosofia e da busca da verdade para o ser humano e surpreendentemente concordo, sinto que é algo importante para saber!

Finalmente vem o colóquio e as pessoas perguntam sobre coisas específicas que lhes acontecem ou que lhes aconteceram e o tema do "curso de filosofia para viver" volta a sair e aquele que dá a palestra o recomenda como algo necessário em nossas vidas e como estou sob um estado de entusiasmo me parece muito interessante, quando só tinha participado de uma palestra sobre valores humanos e psicologia em um espaço

cultural que até que você não entre lá você não sabe que a atividade é realizada pela Nova Acrópole.

A atividade termina e antes de sair outra pessoa me aborda que me menciona novamente o curso de filosofia e a apresentação deste curso que será realizada a seguir e que dura nada mais que meia hora, caso eu queira assistir. Se esse dia não puder porque já estou atrasado, deixo meu número de celular para que me avisem da próxima apresentação do "curso de filosofia para viver".

Poucos dias depois (dois ou três dias para que a emoção não esfrie muito) me ligam, é uma pessoa muito simpática que me lembra o interesse que tinha pelo curso de filosofia e me dá duas datas com horários diferentes para ver qual me convém melhor para que eu possa participar. Escolho uma data, me apresento e volto a ficar entusiasmada com a filosofia, preencho a inscrição, pago a mensalidade e a primeira mensalidade e na semana seguinte começo o curso.

O que aconteceu? Agora vou fazer um curso de filosofia na Nova Acrópole sem saber o que é a Nova Acrópole, mas se eu fosse a uma atividade cultural que achei interessante e que era um espaço cultural com um nome que não dizia nada sobre a Nova Acrópole! *(para mais informações sobre associações falsas, veja o final do artigo)*

Começo o curso de filosofia comparada:

Comecei o curso de filosofia e um novo mundo se abriu para minha mente: Karma, Dharma, Reencarnação, o Bhagavad Gita, Buda, Tibete... Também Platão, Aristóteles, a importância de se formar como verdadeiro cidadão (como acropolitano), ser um agente consciente da história (fazendo voluntariado na Nova Acrópole) e a importância de ser responsável por criar um mundo novo e melhor me formando como um ser humano novo e melhor... Também os ciclos históricos e seu futuro, Yugas, a nova ordem do mundo quando o velho mundo (a civilização em que vivemos) cai...

Faz meses que comecei a sentir uma grande responsabilidade por colaborar como voluntário na criação de um mundo novo e melhor e que não posso ficar inativo ou à margem, devo dar minha contribuição de energia para o mundo, simulando de alguma forma o que Platão mostra em "o mito da caverna", pois graças à Nova Acrópole pude sair da caverna do velho mundo e devo voltar para ajudar meus semelhantes a conhecer a verdade deste mundo falso e materialista em que vivem.

Por isso começo a fazer guardas de trabalho, em uma secretaria, depois em duas e a colaborar em outras atividades da própria filial ou nas diferentes estruturas nacionais onde são realizados os cursos com o comando nacional e internacional. Logo começo a

distinguir que há um núcleo mais interno, as “forças vivas”, que trabalham como voluntários mais ativos na construção do mundo novo e melhor, o “módulo de sobrevivência espiritual” de que falava o fundador, no qual, além disso, te treinam como discípulo para entrar nos pequenos mistérios...

Probacionismo de Forças Vivas:

Realizo um “probacionismo de forças vivas”, ou seja, sou instruído sobre como deve ser e agir uma força viva dentro do núcleo da Nova Acrópole. Realizo uma série de testes bestiais no monte no meio de uma noite de inverno e depois, sob cerimônia no templo (que está escondido na filial) da força viva em que entrei como mulher ou como homem (sempre se apegando ao corpo com o qual nasci), me comprometo a servir com lealdade e eficácia como membro de forças vivas (que termina com a frase eu pertença eu obedeço), ou seja, a trabalhar com uma maior dedicação e a continuar treinando para me comprometer ainda mais com a ideia de que devo ser um líder juramentado (machado), que deve pagar uma taxa mais alta, um dízimo e entregar todos os bens à causa acropolitana, mesmo aqueles que vai herdar.

Não sou mais um membro/a que estuda filosofia em Nova Acrópole, nem um voluntário, agora sou um discípulo comprometido ou juramentado com a organização e pertença à cadeia discipular da qual Nova Acrópole é a única herdeira no mundo.

Estou preso/a e não percebi!

- Eu obedeço sem me perguntar (pois a princípio eu era filósofo) se isso é realmente liberdade.
- Para participar de cursos nacionais devo mentir e enganar no trabalho para ter esse tempo, mas passo por cima, pois como filósofo sou um buscador da verdade.
- Conceito que meus chefes de filial e de forças vivas (diretores e responsáveis) tenham defeitos graves, mas como são mestres dedicados à causa não devo apontá-los.
- Se a filial não cresce é por culpa dos discípulos, porque não fazem bem o trabalho de base.
- Me humilham em particular e em público, me coagem, me exigem o que não tenho, mas mesmo assim sinto que devo continuar me esforçando porque não dou o suficiente e que sou eu o problema.

- Fui agredido fisicamente, mas suporto isso porque estou sendo treinado como discípulo porque não posso ser fraco como acropolitano.
- Trabalho de quatorze a dezesseis horas por dia, sofero de estresse, inquietação e alta tensão, pois sinto que não poderei entregar meus trabalhos de secretariado, discipulares e outras responsabilidades às quais devia me entregar completamente.
- Tenho uma doença, mas meu corpo sofre e não minha alma, o que não é motivo para diminuir meu ritmo de trabalho.
- Devo colaborar, como bom discípulo/a, no serviço de limpeza na casa particular dos chefes de filiais, e até mesmo como assistente de câmara.
- Devo dividir um apartamento com outros acropolitanos, pois o ambiente discipular fará com que acelere minha transformação interior como discípulo/a e por isso devo consentir que o chefe de filial ou mestre acropolitano supervisione todos os aspectos pessoais da minha vida, porque mesmo na intimidade continuo sendo discípulo/a.
- Fui estuprado, mas só devo notar que foi no físico, no perecível, no mortal e que, minha alma, no imortal, não pode ser estuprada.
- Como líder, devo formar outros acropolitanos, com os mesmos métodos, mesmo que isso signifique forçá-los "moralmente" a deixar suas responsabilidades familiares ou de trabalho.

Há tantos estados de maus-tratos e que também os consentimos sem saber que o são devido a uma forte doutrinação coercitiva!

Mas um dia, depois de vários anos, começo a intuir que sou um escravo, vivo exclusivamente para o ideal acropolitano, não posso escolher meus dias de férias, não tenho um emprego que me garanta meu próprio futuro, não tenho um parceiro fora da Nova Acrópole (e se tive, eles a quebraram), não tenho fins de semana livres, não vou a eventos familiares (nem mesmo no Natal), ou nem mesmo estive presente ao lado de minhas irmãs quando tiveram seus filhos, quando antes éramos inseparáveis...

O que aconteceu? Depois de anos de pertencimento e completa dedicação, sofrendo estresse, insônia, sentimento de culpa por ser um mau discípulo porque nunca dou o que se espera de mim e porque não integro novos discípulos, que não obedecem cegamente ao que me é ordenado, começo a sentir que sou deixado de lado com a desculpa de que tive tempo e formação mais do que suficiente para ter me tornar um

bom discípulo e que devo ser humilde em minha pequena estatura interior e facilitar às novas gerações sua oportunidade de avanço...

Se você conhecer aquele momento em que sente que foi espremido e descartado como casca de laranja, não se preocupe, você está com sorte, é hora de sua libertação.

Você vai passar mal, você vai se perguntar por que o destino te pune, mas é normal, lembre-se que você fez um longo caminho de doutrinação, com cerimônias de noivado que o fizeram entrar ainda mais em uma mentira que você está começando a descobrir, ou talvez você tenha vivido experiências imperdoáveis.

Em breve você terá um medo irracional dos deuses, do carma e se perguntará preocupado, o que acontecerá comigo se eu trair (na verdade se deixar) a Nova Acrópole? Você se sentirá sozinho, sem amigos, sem ninguém para se apoiar, mas você deve saber que não está sozinho, sua família te ama e realmente te ama e se você não tem família, escreva para nós no blog, ou você pode solicitar apoio psicológico, embora este último seja difícil para você, porque a Nova Acrópole se esforçou muito para nos dizer que a psicologia do velho mundo é defeituosa, mas não é verdade.

Em pouco tempo você começa a descobrir que agora você começa a ser você e só você, a tomar suas próprias decisões, seus próprios caminhos e que isso é maravilhoso. Confie na vida! Pois ela agora é sua.

Então, sabendo como você conhece as forças vivas, o "corpo de segurança" acima de tudo, ou se você tem um parceiro acropolitano que preferiu permanecer fiel ao que é chamado de "cadeia discipular", você começará a temer suas represálias, mas você já terá começado a respirar um ar mais limpo e saudável e isso lhe dará a força para enfrentar a situação, embora seja verdade, não tirará o sofrimento, pois você deve enfrentar a dura realidade, que você foi enganado por uma seita. E tudo porque no começo você pensou que estava indo para uma atividade cultural.

Pouco tempo depois você vai olhar para trás e fazer uma revisão de sua vida, você vai ficar muito, muito bravo, porque você não poderá denunciá-lo legalmente, mas não fique muito tempo nesse estado e acima de tudo não se castigue dizendo palavras feias, porque você não fez nada de errado, você foi uma vítima.

Você também começará a pensar nos colegas que ficaram lá e sentirá vontade de fazer algo por eles, novamente o sentimento que você teve dentro da nova Acrópole pensa que havia saído da caverna, a que Platão narra e você vai rir com ironia, pois perceberá que a Nova Acrópole era a verdadeira "Caverna".

Aconselho você a ter sempre em mente um lema que o impeça de desmoronar: "Comigo eles não poderão". Pense nisso, eles já levaram uma parte da sua vida, não concerte que continuem levando. Assuma o controle e seja o verdadeiro dono do seu corpo, da sua vida, da sua psique e da sua mente. Embora seja difícil virar a página, é necessário voltar a ser você mesmo e uma vez que o faça, verá que pode, se quiser, sem raiva e sem desejo de justiça, denunciar junto com mais pessoas que sofreram o mesmo abuso por parte da Nova Acrópole, para que não haja grupos que se aproveitem da boa vontade das pessoas e campem à vontade.

Meus melhores votos em sua nova vida, a que agora volta a ser sua!

Antonia V, novembro de 2024

ANEXO

Sobre as falsas instituições da Nova Acrópole:

Na primeira década do século XXI, a Nova Acrópole decidiu implementar uma nova estratégia para atrair pessoas, já que o nome "Nova Acrópole" tinha uma reputação muito ruim como seita. A estratégia que deveria ser seguida era esconder uma nova acrópole dentro de outra associação cultural que abrigasse vários grupos e que, assim, também, realizasse atividades dentro dessas novas associações, o que era um completo engano para todo o público, pois não era mais uma nova acrópole, mas outra associação cultural que dava a cara.

Por que isso é uma farsa? Porque todos os grupos pertencentes a esta organização cultural criada para não mostrar diretamente a Nova Acrópole são de Nova Acrópole, mesmo aqueles que aparecem como diretores, secretário, tesoureiro e vogais são membros de forças vivas (pessoas comprometidas ou juramentadas com Nova Acrópole, é o círculo mais interno onde se dá a conhecer a cadeia de comando e a hierarquia piramidal) de Nova Acrópole.

Assim nasceu o "Centro Idealia" em Almería, o "Centro Imaginalia" em Alicante, "Espacio Luzarra" em Bilbao, "Centro Hispalia" em Sevilha, "Es Racó de ses Idees" em Palma de Mallorca, "Itaca Espacio Cultural" em Valência, "Espacio Alejandría Cultural" em Elche, "Centro Cultural Castalia" em Castellón, "Espacio Da Vinci" em Zaragoza, "La Escuela, Iniciativas Culturales" em La Coruña, "Espacio Gran Vía, Ideas en Acción" em Vigo, "Centro Naos" em Málaga, "Centro Habis" em Huelva, "Espacio Victoria" em Madrid, etc.

Dentro dessas associações, também existem outros grupos, que usam tanto para atrair pessoas quanto para mostrar que além da Nova Acrópole também existem outras associações. Alguns exemplos são os seguintes:

- “Revista Esfinge digital”

“Esfinge é uma revista publicada pela EDITORIAL NA, promovida pela Escola de Filosofia da Organização Internacional Nova Acrópole na Espanha” (extraído de seu site).

Até muito recentemente diziam que não tinham nada a ver com Nova Acrópole, de fato, mudou o nome de Nova Acrópole para Revista Esfinge com editorial NA, como se vê no canto inferior direito da segunda imagem, e depois passou para Revista Esfinge Digital e eram poucos os números que foram impressos para os membros de Nova Acrópole nostálgicos do papel, mas na revista se omitia que era de Nova Acrópole.

- “GEA”, grupo de ecologia ativa.

Eles não mencionam que é de Nova Acrópole em seu site, mas é dirigido por pessoas juramentadas (chamados de machados que pertencem a forças vivas) com Nova Acrópole, de fato em um curso nacional de forças vivas, no qual a recém-nomeada diretora de GEA (machado), com microfone na mão, revelou a todos os membros de forças vivas que não poderia relacionar a GEA com Nova Acrópole para que pudesse ser desenvolvida com instituições públicas, como bombeiros ou proteção civil, mas com a ordem de não negá-lo abertamente se não fosse necessário e sempre com o consentimento do comando nacional.

- “Escola do esporte com coração”

Foi iniciado pelo que foi chefe de filial (diretor) da Nueva Acrópolis Zaragoza e só se desenvolve em todos os espaços culturais onde está Nueva Acrópolis, assim como "GEA", e é dirigido por membros comprometidos com esta organização.

- “Biblioteca...” (nome segundo cidade).

É a biblioteca da Nova Acrópole que, à vista do público, faz parecer independente (como a “Escola do Esporte Com Coração”), mas é administrada por membros comprometidos da Nova Acrópole com colaboradores que são estudantes do “curso de filosofia para viver” (chamados “probacionistas”) e novos membros.

Outros nomes ou institutos também aparecem como independentes de Nova Acrópole para o público, mas são os diferentes institutos que pertencem à Nova Acrópole e são conduzidos por profissionais, como "Hígia" ou "Seraphis" (de medicina), "Fidias" (de arquitetura), "Tristán" (de música), "Bodhidharma" (de artes marciais), "Hermes" (de antropologia), ou "Maat" jurídico, este último cuidado! Ele tem a bunda pelada (mais de quarenta anos de experiência) em processar por difamação e contra a honra da Nova Acrópole, nunca revele publicamente sua verdadeira identidade quando você diz algo real que vai contra eles.

Todas essas organizações, que tentam NÃO colocar a Nova Acrópole à frente, mostram abertamente o curso de filosofia "Para Viver" da Nova Acrópole, como atividade principal, até têm o lema de "Filosofia, Cultura e Voluntariado" em sua página inicial e que é o mesmo que aparece sob o logotipo da Nova Acrópole.

Testemunho de MARIA

Maria. Polônia

Deixei a Nova Acrópole há um ano. Fui membro por cinco anos e durante meu último ano estive em treinamento para "**Forças Vivas**" (o **grupo interno da Nova Acrópole**). Eu nunca terminei.

Embora eu tenha falado de algumas reuniões do Live Forces, onde sempre cumprimentávamos uns aos outros com uma **mão direita levantada alta**. Fui lá porque estava procurando um lugar onde pudesse aprender mais sobre filósofos e filosofia em geral.

Em primeiro lugar, quero começar com algo significativo na minha opinião: o diretor da New Acropolis na Polônia é um homem muito sensível e bom. No entanto, à medida que assume o papel de 'instrutor', ele muda além do reconhecimento. Eu não o conhecia muito bem, mas vi a transformação que ele passou. Durante as reuniões de 'forças vivas' **ele se torna uma pessoa diferente**, ele se parece com um pai estrito criando seus filhos. Eu queria começar com isso porque notei a grande influência que NA tem sobre as pessoas.

Meu maior rancor que tenho contra a NA é que aprendi sobre os aspectos cruciais de sua atividade cinco anos depois de me tornar um membro. A questão mais importante é em que a Nova Acrópole acredita. É crucial que as pessoas que pensam da mesma maneira e as pessoas que não compartilham sua visão possam decidir por si mesmas conscientemente. É assim que é simples...

Existe algo chamado **códigos de 'mulheres' e 'cavaleiros'**, que literalmente significa códigos de mulheres e homens. Ninguém que não se encaixa nessas regras se sentiria confortável lá. Eles se apresentam como uma escola de filosofia, mas é tudo sobre uma ideologia particular. Infelizmente, está escondido até que você decida se juntar ao 'círculo interno'. Qual é o propósito disso? Então, novamente, não se pode dizer às pessoas a verdade desde o início, no que a organização acredita e no que ela promove? Por que não dar às pessoas uma escolha livre?

Existem organizações que colocam de forma direta: 'acreditamos que o mundo é administrado por pessoas verdes' e esta é uma mensagem clara para as pessoas que pensam da mesma maneira e para aqueles que não compartilham essa visão. É possível ser simples? NA acredita na reencarnação, acredita que **as pessoas que não querem se juntar a eles ainda não 'acordaram'**, que o feminismo não é o caminho para uma 'dama de verdade' e os homens devem aprender a manusear armas. Até onde eu sei, em muitos países, armas estão presentes na sede de NA. Também é importante que as pessoas saibam sobre a paixão de Livraga por armas e sua convicção pela posse ilegal de armas. Essas são coisas que eu gostaria de saber mais cedo, é importante para que eu pudesse ter tomado uma decisão consciente se quisesse ingressar em uma organização como essa ou não. Não é justo, você não concorda?

Eu fui membro da Nova Acrópole por quase cinco anos. Eu saí há um ano. Mas a verdade é que, antes de eu fazer isso, algumas dúvidas gradualmente começaram a aparecer. Tudo começou no início do meu treinamento de 'forças vivas'. Este sistema de terminologia em si, que é criado por esta organização, me fez pensar, por que alguém criaria uma linguagem diferente e secreta que ninguém de fora poderia entender, por exemplo, 'forças vivas', 'machados' e assim por diante. Eu não sabia o que as forças vivas realmente significavam. As respostas à minha pergunta foram: 'a

força viva tem sua própria vida interior', 'a força viva dedica tempo para ajudar na escola'... não foi uma explicação boa o suficiente para mim, porque quase desde o início quando me tornei um membro, eu estava comprometido em ajudar na escola e sabia toda a minha vida que eu tinha uma vida interior, assim como qualquer outro ser humano. Mas, apesar disso, continuei até entrar na chamada 'fase da mente'. Então **minhas perguntas e dúvidas causaram grande insatisfação**. O diretor, durante a próxima reunião, disse diretamente com um tom firme que ou eu gostei de algo ou não gostei. Isso me fez sentir deprimido, senti como se tivesse feito algo errado. Felizmente, encontrei força para seguir meus sentimentos. Embora não tenha sido fácil, porque sempre queremos ser apreciados e nos sentir aceitos. Especialmente, em um lugar onde você gasta tanto tempo, porque o tempo gasto na escola nunca acaba. Há sempre algo para fazer, serviço, palestras, viagens, reuniões organizacionais que duram muitas horas. Mesmo que não houvesse nada acontecendo, 'LFs' estavam quase sempre lá.

Perguntas sobre a organização e sua estrutura, por que eles fazem algo do jeito que fazem, não foram bem-vindas. Tentativas de discutir os textos do fundador Jorge Livraga, bem como os textos de Delia Steinberg, que ainda o chama de seu mestre, terminou com acusações de atacar a escola ou mal-entendido das intenções do autor.

Para mim, uma das coisas que eu não conseguia entender era a obrigação de **usar os mesmos uniformes para as cerimônias**. Quando perguntei por que, eles disseram que é por causa da unificação, para unir melhor e não distrair um ao outro. Mas durante minha visita a Madri, vi o escritório e o museu de Livraga dedicados a ele com suas vestes douradas cerimoniais feitas sob medida... então havia uma exceção, ele não precisava obedecer à regra... Alguém da Nova Acrópole pode dizer por que, se, como você afirma, você não adora Livraga?

Houve um momento em que as dúvidas começaram a crescer e eu sabia que havia coisas que os membros não sabiam. Estando em treinamento para 'LF' me deram alguns textos de Livraga para ler, eles me assustaram. Embora, como se saiu mais tarde, eles não foram tão agressivos quanto outros que ele havia escrito. Eu sabia que há coisas às quais os membros não têm acesso. Eles não

estão disponíveis para eles porque, como dizem os 'professores', eles não estão prontos para eles, eles não estão conscientes o suficiente para entendê-los ou eles insistem que é seu assunto íntimo 'interno'. Especialmente quando se trata do texto de Livraga sobre 'LF' e os diretores. Há também o argumento de que, afinal, em outras escolas como em universidades, os professores também não disponibilizam todos os materiais de uma vez. É só que nas universidades, as vidas íntimas dos estudantes não são discutidas, os professores não 'sugerem' a uma garota que ela deveria fazer um aborto, assim como eles não alertam contra homossexuais que espalham doenças. E tudo isso **aparece nos textos do fundador desta organização.**

Eu acho que se as pessoas de NA aqui na Polônia, ouvissem todas essas coisas horríveis sobre as quais Livraga escreveu, de uma pessoa aleatória na rua, que então lhes ofereceria para ensinar sobre a 'verdade' universal, elas não hesitariam e se recusariam. Mas dizer 'não' ao fundador da escola em quem você confiou por 10, 20 anos é muito difícil. Eu entendo que é difícil deixar de lado o que aceitamos como verdade por toda parte. O mito da caverna de Platão, tão frequentemente mencionado lá em relação à vida fora de NA tem relevância especial aqui. Estou falando sobre os acropolitanos poloneses porque os conheço um pouco e sei que eles não têm más intenções. Mas como adultos podemos encarar a realidade em vez de fugir dela. E, na minha opinião, esta organização adotou vários métodos de quebrar a psique dos outros para fazê-los obedecer. Ouvi muitas vezes para deixar minha personalidade fora da escola. No dever você deixa de ser você mesmo, tudo isso leva à **obediência incondicional, que se traduz como sacrifício por um propósito maior.**

Quanto você pode sacrificar? Pode uma ideia superior justificar o comportamento imoral, como fingir não ver materiais que dizem que os homossexuais são maus, que as pessoas suicidas são egoístas e os justificam de maneiras diferentes, como 'aqueles foram tempos diferentes...' Minha avó viveu naqueles tempos e ela tinha muitos amigos homossexuais e não era um tópico de discussão para ela porque ela tinha uma atitude normal em relação a isso. Esses argumentos não fazem sentido e só fazem aqueles que defendem Livraga tão teimosamente parecerem ainda

piores. Eles frequentemente criticam políticos ou a igreja, mas fazem exatamente a mesma coisa. Eles colocam o interesse da instituição antes da moralidade.

Por que nunca foi mencionado que Gabriel Tonetto morreu em circunstâncias trágicas na propriedade de NA?

Nunca esquecerei quando ouvi de nosso 'professor' que pessoas que sofrem de depressão são egoístas. Considerando que a organização tem filhos sob seus cuidados ou planos para educá-los tais pontos de vista apelam ainda mais.

E finalmente, mais uma pergunta. Quem tem a coragem de dizer que encontraram a verdade universal e o mestre que a proclama? Isso não significa, por acaso, que estamos nos colocando no papel de alguém que sabe o que é a verdadeira sabedoria?

Não estou dizendo que é assim por causa de más intenções. Acho que é mais sobre a condição mental dos seres humanos, aqueles que querem fazer algo de bom para si mesmos e para os outros, e acreditam em um mundo melhor. O importante em tudo isso é que somos adultos e decidimos se queremos, para o 'grande ideal' (o que quer que isso signifique) sacrificar nossas crenças e ir contra nós mesmos. Não é assim que riscamos aquilo em que acreditamos?

Maria, abril de 2023

Testemunho MATTHIEU

Matthieu, França

Ceci é um testemunho dirigido ao grande público, que não teria mais conhecimento da associação “Nouvelle Acropole” na França, e que procuraria informações diferentes da comunicação oficial ou não de origem.

Meu nome é Matthieu Chevillot, e fui membro da Nouvelle Acropole em Bordeaux, no Espace Mouneyra, entre 2017 e 2018. J'apporte ma voix à celle des autres ex-membres qui ont ssé level sur la nature cachée de l'association Nouvelle Acropole.

Entrei consternado com o ecletismo que ali se ensinava, fiquei pela camaradagem e pelo calor humano, mas saí pela deriva dos ensinamentos para temas esotéricos, pela presença crescente de teses e crenças mágico-espirituais, pelo sutil empreendimento de questionar dúvidas e, sobretudo, pela existência de um movimento paralelo, oculto, com fachada pública e oficial.

Depois de passar seis meses no primeiro ciclo de filosofia e com o grupo “Perséus” (um programa de atividades culturais e esportivas destinado a implementar os programas de filosofia na Nova Acrópole), fui chamado para fazer parte das Forças Vivas.

Pude descobrir os bastidores do movimento, com sua bandeira no estilo “águia imperial”, seus uniformes, seus rituais em salas escondidas saturadas de incenso e sua organização de inspiração militar, com o Corpo de Segurança, a Brigada de Trabalho e a Brigada de Mulheres. Dois chapéus para homens e um para mulheres, sem compromisso.

Tendo sido eu mesmo militar alguns anos antes, ela me lembrou de algumas palavras-chave deste tipo de organização: hierarquia, obediência, disciplina.

Mais então, por que esconder esse símbolo dos membros e do público em geral, não havia nada de errado com tudo isso? J'ai donc continué prudemment, afin de savoir plus.

A suíte do curso não foi capaz de confirmar meus medos, onde os exercícios de encenação para os aspirantes a Forças Vivas consistiam em aprender os elementos de linguagem para amadorar os néophytes, ou desamarçar as acusações de sectarismo em seu lugar. Ele também tinha textos (chamados de “bastiões”) que eu deveria estudar, apresentados como escritos pelo fundador da Nouvelle Acropole, Jorge Angel Livraga, cujos textos faziam logo a exaltação do esforço e do sacrifício pessoal, logo a apologia do advento de uma raça humana superior, da qual Nouvelle Acropole seria o terreno, e onde “não haveria lugar para os fracos”.

Meu treinador me assegurou então que não eram os valores do grupo.

Mas por que os conservar no curso?

Por que, escondidas dos olhos externos, as reuniões de trabalho compostas pelas Forças Vivas eram abertas com um “salud romain” (braço e mão direita estendidos a 45°) e pronunciando “Avé” diante de uma efigie mitológica?

A chamada “saudação romana”, embora ainda aceitável em seu contexto antigo, tornou-se ilegal na Europa desde 1945, e reclamei sobre isso com a pessoa que a realizou na minha frente.

Aqui está a resposta, que eu cito de memória:

“[...] Matthieu, nosso corpo é um ímã energético, com um pólo positivo e um pólo negativo. A frente do corpo, a metade alta, a metade direita são partes positivas, enquanto a traseira do corpo, a metade baixa e esquerda são pólos negativos. La main droite est donc l'extrémité la plus positive, et le talon du pied gauche, l'extrémité la plus negativo. Ao levantar assim a mão direita, apresenta-se, portanto, a parte mais emissora de ondas positivas, o que faz um gesto completamente benevolente e pacífico. Nada a ver com o gesto fascista.” Fim da citação.

Eu esperava que ele caísse na gargalhada depois de tal apresentação para verificar se eu tinha acreditado no seu discurso, mas não, ele foi realmente sincero. Longe de me tranquilizar, essa “explicação” absurda me esclareceu mais sobre o peso fenomenal dos discursos espiritualizantes/esotéricos para defender teorias da conspiração sustentadas pelo vice-diretor da escola (“Nossos líderes não querem que saibamos a verdade dos mitos/sabedoria antiga”), ou mesmo gestos ou palavras impensáveis na esfera pública.

Assim, eu subodorais que para bon nome de membros, ele havia se tornado “normal” de fazer a “salução romana”, mesmo em uniforme preto ou marrom, sem nenhuma resistência. E que não era o fato de alguns indivíduos desgarados. Quanto à única reunião anual à qual eu assisti, eu precisou proibido às não-Forças Vivas, onde o presidente, M. Fernand Schwartz, normalmente afável e charmoso, havia encarnado na ocasião um personagem formidável, marcial, quase tirânico, como um Zeus lando seu raio na cabeça daqueles que teriam merecido. Lamentamos que os membros

não permaneçam, mais sem saber por quê. Palavra de ordem do dia: “Recrutar novos membros e aumentar a presença nas redes sociais.”

Em me lembrando do que me atraiu à Nova Acrópole, depois de um ano de presença, mais nada corresponde à imagem que eu tinha feito. Je voyais se rejouir devant me les mêmes cycles de communication, de formation, d'incorporation, d'endotrinement, et cette fois j'étais appelé à passer du rôle de spectateur à celui de d'agent, de cúmplice dessa duplicidade para o público, sempre com o mesmo sorriso e o mesmo calor que com os quais eu mesmo fui acolhido.

Reciclar os mesmos temas de “heroísmo”, “guerra de paz”, “reencantamento”, “mistério” ou “sagrado”, que não são falados nem escritos. Manter a mascarada, acalmar os medos dos novos entrantes, usar palavras-chave, fórmulas milagrosas (“Torne-se quem você é”... “Nossas escolhas dizem quem somos”, etc.), repetir as mesmas bobagens para edificá-los, exaltá-los ou bajular suas crenças, a fim de alistá-los, e acima de tudo manter uma fachada respeitável, cultural, artística, filosófica e associativa, porque os bastidores francamente não eram honestos nem publicamente aceitáveis.

Pessoalmente, eu tinha vivido momentos humanamente formidáveis com meus camaradas de Perséus, mais ter que obedecer a esta organização e suas crenças farfelues ou mesmo repulsas para algumas, era muito caro pago. E acima de tudo, bom sangue, não deveria ser que uma escola de filosofia, não um pseudo exército secreto esotérico!

Acabei abandonando, então, o processo de integração das Forças Vivas, mas o dano já estava feito: todas aquelas cabeças familiares e amigáveis que me cercavam já eram, na realidade, Forças Vivas, ou estavam em vias de se tornarem. Essas pessoas foram queimadas pelos bastiões e queimadas por seu sistema; todo o resto das crenças, rituais e feitos da Nova Acrópole estavam esperando por elas. Como permanecer entre pessoas que agora estavam constantemente nadando entre duas identidades? Foi então que finalmente tomei a decisão de partir, para salvar minha

honra e minha saúde mental, mas às custas de muitas amizades que fiz neste grupo humano. Levei vários meses para resolver esse dilema.

Meus antigos camaradas, que desde então se tornaram Force Vives, sem dúvida me repreenderão por querer vingança pessoal aqui, por querer atrair glória fácil ou por ter cedido ao "ego" ou às "forças materiais".

Que minha intenção está perfeitamente clara aqui: não me ataque com pessoas. Eu até gostaria de manter essas belas amizades, mas como a Nova Acrópole tem tanto poder sobre a psique de seus membros e sobre as informações que pode extrair de seus contatos com antigos membros, tive que me resignar a considerá-las como adquiridas para os interesses deste movimento.

Eu gostaria de poder varrer todas essas crenças falsas e superstições obscurantistas, mas na França, todos são de fato livres para aderir a elas ou não, acreditar em conteúdo teosófico ou não, se tornar uma Força Viva ou não, e participar do funcionamento desta organização ou deixá-la.

Entre outras coisas, há o princípio da lei de 1905, chamado de “separação entre Igreja e Estado”.

O que eu quero, no entanto, sinalizar e chamar a atenção do interesse público, é o “sistema” Nouvelle Acropole, que carrega um certo nome de casos que define uma deriva sectária, a saber:

- O culto à personalidade:

Jorge Angel Livraga não é o Alfa e o Ômega em Nova Acrópole? E seus sucessores, Fernand Schwartz e Delia Steinberg Guzman não retomaram essa estatura? ;

- O caráter exorbitante das exigências financeiras:

Em uma associação ordinária, a contribuição é paga anualmente, e raramente excede 150 euros.

Por que na Nova Acrópole a taxa do primeiro ciclo é de 30 euros por mês (= 360 euros por ano)?

Por que ainda, quando um membro aceita continuar no próximo ciclo, não lhe anuncia o aumento de sua contribuição para 50 euros apenas APÓS o cerimonial de passagem e o início dos cursos de segundo ciclo? Depois de fazer a observação, meus formadores me responderam que havia um "esquecimento" de sua parte. Mais depois de questionar meus outros colegas de promoção, bem como aqueles de outras promoções, todos me confirmaram a mesma operação sorrateira.

Novo aumento da pressão financeira, com a entrada nas Forças Vivas: agora, a contribuição seria de 75 euros no mínimo por mês, com compra obrigatória de noites de alojamento no Cour Pétral, para participar de estágios e/ou cerimônias.

Por fim, todas as despesas de viagem, assim como as de acomodação e alimentação, serão por conta dos participantes.

- A desestabilização mental:

Os ensinamentos baseados no esoterismo hindu (especificamente a oposição Kama-Manas vs. Tríade, em outras palavras, “mente crítica” vs. “alma”) são ferramentas para controlar o pensamento, tanto individual quanto coletivo.

Isso se traduz da seguinte forma: se alguém espera “progredir em direção ao Ideal”, deve aprender a não mais ouvir o seu Kama-Manas e, portanto, desligar os seus sinais de alerta internos, parar de duvidar, parar de ficar na defensiva. Pelo contrário, quer você saiba ou não o que está fazendo, ou se está fazendo "bem" no final.

É, porém, no contato com situações de desconforto físico ou psicológico ou, por exemplo, de textos odiosos ou de responsabilidades crescentes a serem assumidas que esse imperativo se volta para a nova tarefa do indivíduo e do grupo. Qual não hesita em recolocar os membros perdidos no

caminho certo, às vezes gentilmente, às vezes bruscamente, em vista dessa divisão da personalidade humana.

A relação com o corpo e suas necessidades fisiológicas também é uma área sobre a qual a Nova Acrópole distribui seus “ensinamentos”: à força de repetir que o corpo é “apenas uma montaria a serviço da alma” que deve ser “canalizada” (ou seja, constrangida), práticas de meditação são incentivadas e, durante os fins de semana dos associados, o dia começa com uma sessão de Pranayama..

Da mesma forma, a privação de sono é considerada como uma fonte de progressão. A crença na aquisição de poderes sobrenaturais foi afirmada por discursos de que “nos limites físicos ocultos são na realidade sete vezes maiores do que somos capazes de realizar: vale para a apnação, a resistência, a fome, a fadiga, o frio...”, ou ainda: “Nosso mestre [Jorge Angel Livraga] tinha um mestre que chegou a passar comida. Ele se regenerava graças ao ar que respirava. Ele tinha conseguido se auto-alchimisar.” Enfin, dans son extension la plus dernière, la certitude en la réincarnation, et à l'immortalité de l'âme, muitas etes fois répétée, ressoou no oco como uma incitação ao sacrificio físico, a serviço do Ideal. Era considerado como um destino nobre e "digno de um filósofo em busca da verdade". À meu conhecimento, ninguém morreu por se submeter a essa crença durante o período em que frequentava a Nova Acrópole, mas era um mantra, uma espécie de slogan lembrado pelos altos executivos durante as cerimônias, e que por sua repetição impregnava o ambiente do grupo.

- Assim como outras irregularidades de funcionamento:

Por que na Nova Acrópole, na época em que eu era membro (mais não Force Vive), eu não fui convidado a nenhuma Assembleia Geral Anual, nem fui informado sobre as deliberações que poderiam ser realizadas?

Por que, durante as conferências públicas organizadas pela Nouvelle Acrópole, em um lugar possuído pela Nouvelle Acrópole, foi ainda dito ao público que a sala era "graciosamente colocada à disposição pelo espaço Mouneyra"?

Depois de adquirir suficiente antiguidade no movimento, pude notar que, muitas vezes, o palestrante convidado para fazer sua apresentação era um membro da Nova Acrópole, que vinha de outra cidade, mas seu vínculo de afiliação à Nova Acrópole nunca era mencionado.

E das poucas conferências que participei, poucas foram organizadas por especialistas externos, acadêmicos ou pescadores profissionais. Principalmente as Forças Vivas da Nova Acrópole, que vieram para se dirigir a um novo público e usar palavras-chave que provavelmente criariam entusiasmo pelos cursos de filosofia.

Quando M. Fernand Schwartz, presidente oficial da organização fazia a viagem a Bordeaux para uma conferência, era oficialmente na qualidade de egiptólogo. Nenhuma menção de sua ligação com a organização no cartaz ou na abertura. Quanto aos outros palestrantes, eram escritores ou ensaístas, simpatizantes externos, companheiros de viagem da Nova Acrópole, que falavam finalmente a mesma linguagem mística-esotérica.

Por que essa opacidade é tão opaca? Não é para impedir que o público imagine algo, principalmente o caráter da pessoa acusada e circule referências e animações? A escola dizia que o objetivo era ensinar filosofia, mas nunca houve a questão de estudar Rousseau, Kant ou Spinoza, por exemplo. Uma exceção, porém, para Nietzsche.

- Por fim, o crescente investimento pessoal:

Entre os cursos noturnos, as oficinas Perseus, as colagens de mapas para anunciar futuras conferências, as palestras para conferências, os assistentes de cozinha ou o serviço de mesa, o entretenimento dos inquilinos, a recepção dos prestigiados anfitriões, a preparação das próximas

cerimônias, o fim de semana dos membros, o fim de semana Perseus... Eu tinha 2 ou até 3 noites inteiras na Nova Acrópole por semana, e muitas vezes dedicava um dia adicional por semana. A fé é ao mesmo tempo corruptora e vingativa. As Forças Vives obviamente têm reuniões adicionais para homenagear em outras noites da semana.

E dizer que os primeiros ensinamentos traziam o mito da caverna de Platão... Que ironia, porque se o mito contava de sair de uma caverna (a ignorância) para acessar a luz do grande dia (a sabedoria), com Nova Acrópole, vista do exterior, é deixar uma primeira caverna para se refugiar em outra!

Ele ainda teria tanto a dizer, que eu ouvi da boca de outros membros ativos ou aposentados, mas eu me limitei aqui estritamente para falar do que eu vi, ouvi, e vivi pessoalmente, para garantir a autenticidade do meu propósito. Feito em Bordeaux, em 04 de fevereiro de 2023

Testemunho de NATHAN

Nathan Morel. França:

Meu nome é Nathan MOREL, estudei na Nova Acrópole na França, em Marselha, de 2011 a 2019.

Como resultado da minha experiência passada como membro ativo do movimento e das controvérsias em torno de suas atividades, é necessário que eu participe da restauração da verdade sobre ele e apoie os depoimentos de ex-membros da Nova Acrópole disponíveis na internet.

Conheci a Nova Acrópole pelo boca a boca, porque naquela época eu me interessava por esoterismo e espiritualidade, tinha simpatia pelos valores humanistas e universalistas de seu estatuto e seus discursos de apresentação como uma associação cultural que promove a filosofia e o engajamento cívico. Esses valores, em seu uso sempre atual, esperam explicar por que a nova acrópole fez essa promessa.

Inscrevi-me num ciclo de cursos de filosofia “do Oriente e do Ocidente”, fui calorosamente acolhido e descobri uma comunidade amigável, que se dedicava com zelo a todo o tipo de atividades complementares, culturais e voluntárias, que tiveram uma grande importância no processo da minha integração na nova acrópole.

Com a retrospectiva, este primeiro ciclo de cursos, descrito como “um estudo comparativo das filosofias oriental e ocidental”, revela-se um agregado de ilustrações filosóficas cuidadosamente selecionadas em benefício da ideologia espiritualista e totalitária do movimento. Toda a educação fornecida me proporcionou uma crítica exaustiva, mas minha palavra não é um depoimento, que eu pensava ser sintético.

Ressalto aqui o fato de que os alunos estão preparados para admitir os primeiros passos de um sistema de crenças sobre o homem, a sociedade, a história e a natureza, longe de ser um ato cultural inocente.

Rapidamente, após este primeiro ciclo de cursos, me propuseram de me tornar membro da organização e foi após um entretenimento individual e um incrível ritual de passagem que obtive o status de membro.

Como membro, agora devia pagar uma contribuição anual de 660 euros e abordamos novos temas nas aulas.

Este segundo ciclo revelou plenamente a adesão de nova acrópole à doutrina esotérica da ocultista e médium Helena Petrovna Blavaski, fundadora da sociedade théosophique, mais revisitado pelo fundador da nova acrópole, Jorge Angel Livraga (JAL).

Na época, eu não tinha o método para perceber que as crenças duvidosas que me ensinavam, além do fato de ser muito provavelmente falsas, seriam tanto argumentos falhosos para justificar a radicalidade crescente de meu compromisso com a organização.

Ninguém acredita nem se envolve na nova acrópole sob constraite, o processo de adesão é feito por uma exposição progressiva às ideias e práticas mágico-espirituais, jogando nos efeitos de contaminação pelo coletivo, e o de revelação ao longo do momento em que se é iniciado e se você se monta na hierarquia.

Por outro lado, a nova acrópole oferece oportunidades aos seus recém-chegados, há um benefício real quando se assume responsabilidade e poder. Ser capaz de falar em público, liderar equipes de voluntários, superar medos durante apresentações artísticas, ao mesmo tempo em que revela sua intimidade em debates coletivos, tem como consequência o desenvolvimento da autoconfiança e o reforço do sentimento de reconhecimento e pertencimento social.

Por todas essas razões, a pente de minha servidão voluntária é feita de cada vez mais marcada, acentuada por uma relação mestre - discípulo que se instalava pouco com o diretor do centro de Marselha.

Esta relação, a princípio benevolente, provou com o tempo ser muito autoritário, misturando sutilmente o medo e o fascínio em uma mistura de calor e frios desestabilizadores e cuja exposição prolongada acabará por efeito a perda de minha autonomia psicológica, intelectual e econômica.

Econômico porque, de fato, pouco depois de entrar no mercado de trabalho, ele se ofereceu para me contratar em um futuro contrato na associação "Les Fruits de la Terre" (satélite da Nova Acrópole) para atividades ecológicas. Anteriormente, ele me dissuadiu de retomar os estudos porque considerava isso incompatível com meu comprometimento e, cito: "isso poderia me fazer uma lavagem cerebral".

Depois de alguns meses de contratação, pedi para quebrar o contrato e em resposta ele me reclama o dinheiro que ele havia investido em minha pessoa. Ele exige que eu lhe apresente em meus balanços espirituais uma reflexão sobre a suposta violência que eu teria feito no processo de ruptura.

Mais voltamos à edição do segundo ciclo de curso, depois de um ano de participações na escola, o diretor do centro me propõe de me tornar força viva, e é depois de alguns entrevistas individuais que escrevo uma carta de inscrição para esta escola interna.

Entrada nas Forças Vives:

Para me dar uma força viva, recebi um curso individual semanal durante vários meses, com o coração contente, pontuado pela leitura de mensagens de texto chamadas "bastiões", escritas pelo fundador do NA, e tive que parar de me alertar sobre algumas declarações chocantes ou malucas sobre bons nomes de pais. Fui ordenado a restaurar as ideias desses bastiões sem emitir críticas, sendo a crítica considerada uma armadilha da mente; aqui, novamente, eu deveria ter percebido o processo no qual me

envolvi, ou seja, tornando-me gradualmente uma casca vazia restaurando discursos estereotipados, colocando um informante dentro de mim para expulsar todos os pensamentos de crítica ao movimento.

Mais, sem dúvida pelas razões que desenvolvi anteriormente, continuei e passei as quatro provas, “terra, água, ar, fogo” para se tornar força viva.

Esses testes cuidadosamente ritualizados provocaram, para alguns, profundos estados alterados de consciência em mim. Esses estados, à sua maneira, contribuíram para enviesar meu julgamento em relação ao que eu considerava espiritualidade e em relação ao que eu considerava compromisso voluntário e esclarecido.

Durante a prova final de admissão para a FV, descobri o que é na prática essa “escola interna de aplicação dos ensinamentos”.

Essas coisas me parecem hoje muito problemáticas e eu afirmo que não aderi antes de integrar a NA.

Condicionado a considerar que « *os mistérios se vivem mais não se explicam* », compartilhando meu cotidiano com pessoas formidáveis, sendo já adquirido à causa por meu engajamento em muitas atividades respeitáveis, é assim que meu entendimento foi compartimentado em um tal de impensados e sentimentos confusos.

Então descobri a organização paramilitar das forças vivas.

Os uniformes: camisa preta para os cavaleiros da segurança, e camisa marrom para os cavaleiros do trabalho.

As partes cerimoniais, com atenção e ordens executivas, marchando em passo e cadência, canções marciais místicas, glorificando o sofrimento e o sacrifício pela causa, o belicismo e o espírito de conquista. Assim, nossa voz proclama palavras como "nossos estandartes voarão sobre o mundo", "somos os herdeiros de Roma" etc.

Nós praticamos durante as cerimônias a salma chamada "roma", braços e palma esticada, tristemente conhecido e por outro lugar ilegal na França, em direção a bandeiras à la symbolique étrangement semblable aux grands totalitarismes d'extrême droite. Por exemplo, a águia solar do símbolo geral de NA, a luz e o S do estandarte do corpo de segurança, ou a roda cranté das brigadas de trabalho, ou o machado fascista, distinção para os líderes, tudo isso evoca um simbolismo difícil de justificar em uma associação chamada cultural.

Notemos também que no âmbito das forças vivas, praticávamos a devoção aos deuses antigos como Ares ou Ptah, recitando durante cada ritual as respectivas orações, um joelho no chão erguido de braços rosto a bandeira:

Para o corpo de segurança: "Ó grande senhor, não me deixes sucumbir à tentação de querer viver a qualquer preço"

As brigadas de trabalho: "Ó grande senhor, não me deixes sucumbir à tentação de querer descansar a qualquer preço"

As brigadas femininas: "Ó grande senhora, não me deixes sucumbir à tentação de querer ser amada a qualquer preço."

Nos hinos, Deus é sistematicamente mencionado, assim como no código de honra cujo primeiro ponto é: "acredite em Deus [...]" No hino geral "Deus te salve, nova acrópole

[...]" no hino das forças vivas "Meu deus meu deus, dá-me, sofrimento, dá-me, tormento [...]"

Tudo isso não tem mais nada a ver com as pretensões culturais, de filosofia apolítica e religiosa que a vitrine da nova acrópole apresenta ao público.

Por outro lado, gostaria de levantar um ponto problemático durante minha cerimônia de posse no templo: sou obrigado a fazer o seguinte juramento;

“Diante da Águia Solar, do fogo sagrado, do machado de Ares Dionísio, na presença da minha alma imortal e dos meus companheiros em busca da sabedoria. Eu, conhecido hoje como Nathan MOREL, comprometo-me a servir leal e eficientemente como um cavaleiro do corpo de segurança da OINAF.

Se eu não o fizesse assim, que os Deus, o Karma e meus maitres me reclamam”.

É assim que fui entronizado cavaleiro do corpo de segurança da nova acrópole da França.

Vamos refletir um pouco sobre a extensão do engano, desde as primeiras aulas de "filosofia prática" até o juramento mais estúpido que já fiz, envolvendo uma dívida e consequências relacionadas a um papel cuja natureza exata eu desconhecia.

Eu havia chegado ao ápice de um processo de doutrinação que me abriria as portas para um modo de vida completamente novo, cuja pedra angular seria a obediência e a devoção.

Eu havia ingressado em uma ordem piramidal rigorosa, não tinha mais escolha sobre a grande maioria das minhas atividades, minha agenda, o que eu poderia ou não

dizer dentro do movimento. A nova acrópole através do meu mestre tomou posse da minha vida. Pensei que tinha me comprometido voluntariamente, nunca imaginei que meu consentimento pudesse ser induzido.

Em uma vida de extremo estresse, minhas responsabilidades se acumulam desproporcionalmente, o esforço é constante e ininterrupto. Eu era regularmente afetado por uma exaustão intensa, exatamente da mesma forma que os outros FVs que conheci, porque todos nós estávamos imbuídos de uma cultura de sacrifício, de sofrimento como fonte de consciência, de trabalho como purificação e de comprometimento como prova de força moral. Era então impossível dizer não, expondo-me à dolorosa desaprovação do meu mestre, que considerava isso como cálculo egoísta ou pusilanimidade.

Como eu mencionei no início do meu testemunho, a relação que eu tinha com meu mestre havia mudado, os bons conselhos e as propostas dos primeiros se tornaram ordens implícitas, às vezes explícitas, sugeridas por fórmulas chave como "para um discípulo, os conselhos do mestre são sempre ordens" ou "a acrópole não pega um pouco, não pega muito, ela pega tudo".

Durante vários anos, a maneira de ser sorradeira e autoritária de meu mestre, a raiva e os recalls à obedição, misturados de atitudes afetuosas, falsamente amigáveis, de críticas acerbas e insinuações desvalorizantes, enquanto eu perdi minha capacidade de me defender nessa relação insaluta, inteciei profundamente e de forma sustentável minha vida psíquica, a ponto de desenvolver uma forma leve de estresse pós-traumático em relação a ele. (*CIM11 TSPT-C)

Durante minha vida de FV, fui também formador para estudantes no âmbito das aulas, mais também no âmbito de uma subestrutura para jovens chamada Perseus e instrutor também para os postulantes força vivas.

Minha formação, além da aprendizagem da doutrina, consistiu principalmente em aprender de maneira diferentes formas de linguagens, a fim de passar ideias ou comportamentos de acordo com o que pensávamos que a pessoa era capaz de entender.

Eu sabia, e sabíamos que todos os "ensinos" e ações internas não podiam ser apresentados como eram, eram necessário usar os modos de linguagem ditas de 1er, 2eme et 3eme cercle en fonction des circonstances.

Um pouco como uma boneca russa, a organização se estrutura em três círculos concêntricos, isolados uns dos outros, filtrando as boas contratações das más, instilando no conta-gotas os pontos importantes do sistema de crenças, permitindo um certo controle sobre os indivíduos e as informações.

Compreendi que o objetivo político da nova acrópole se aproximava tristemente dos grandes idealismos do século XX. Ela é totalitária pelo seu culto ao líder, ao coletivo e ao super-homem, pelo seu projeto de construir um império "filosófico" unindo poderes políticos e religiosos em um reino de glória, por ter que desencadear habilidades sobrenaturais e mágicas, por governar com punho de ferro este "homem novo e melhor em um mundo novo e melhor".

É obscurantista em sua doutrina, semelhante ao ocultismo da Nova Era imbuído de folclore iniciático, que de fato se opõe à disseminação de conhecimentos que contrariem sua visão de mundo, opondo-se assim ao racionalismo ateu que eles descrevem como a "catástrofe metafísica do Ocidente", fonte de todo o mal e objeto de sua perseguição como resistência legítima à regeneração espiritual da humanidade.

E, finalmente, a Nova Acrópole promove uma forma muito particular de racismo espiritual através de sua crença no evolucionismo teosófico, definindo "linhagens

espirituais" e afirmando que cada raça é uma "experiência de consciência" que substitui a outra, dentro da estrutura de uma grande "evolução da humanidade ÚNICA", a Nova Acrópole se define como sendo historicamente o germe da 6ª raça, e o ninho do futuro avatar divino, que governará a todos; como diz o adágio acropolitano: "Estamos preparando o ninho da águia".

Cito a JAL em particular:

«Esta 6a raça se caracterizará por sua clarividência e se organizará em pequenos estados independentes sujeitos a um governo mundial, a fraternidade total e uma ordem estrita, os sistemas coletivos prévaudront sob a direção hierárquico-paternelle dos mais aptos. » JAL. (« Anthropogénèse » manuel ISAO, Chapitre 3)

Não posso ser exaustivo em todos os pontos adulterados de seu paradigma de crenças, que afeta muitas áreas.

Parece-me importante especificar aqui seus apetites por pseudo-ciências e pseudo-medicinas.

Acho que testemunhei vários atrasos no atendimento de doenças graves ou ausência de atendimento de doenças crônicas ou psiquiátricas. Isso estabelece um argumento adicional para a separação desta organização.

As práticas enganosas relativas à imagem do movimento me parecem importantes de serem apontadas aqui para sustentar a falácia de suas práticas e a desonestidade consciente ou inconsciente daqueles que delas participam.

Fui ator e testemunha do astroturfing, uma técnica que consiste na simulação de comentários espontâneos na internet para criar uma opinião positiva sobre o movimento.

Portanto, convidamos você a postar comentários, pois não somos membros, mas estamos muito felizes com a atividade.

Clique em campanhas para exibir resultados favoráveis à nova acrópole nos mecanismos de busca.

A criação sistêmica de associações satélites nos dois centros, simulando o multiculturalismo e a ancoragem da vida associativa.

Os jogos de RPG que fizemos durante o treinamento para neutralizar acusações de sectarismo

E enfim, a infiltração da Wikipédia para tentar ter influência em algumas páginas da famosa enciclopédia participativa.

Minha partida:

Para concluir, agora desejo descrever as circunstâncias da minha partida.

No verão de 2017, minha parceira, que era uma força motriz e estava em treinamento para se tornar diretora de centro, sofreu um esgotamento grave e desenvolveu uma depressão indesejada de rara violência. Ela deixa o movimento e desfaz nossos cadarços da noite para o dia, elevando-a aos seus vários movimentos como ela mesma havia feito, amiga, cortando também seus cadarços preferidos.

Gostei particularmente das palavras do diretor: "Aquela vagabunda deixou a Acrópole como deixa um cara."

Como resultado, eu secretamente caí em uma depressão suicida, como se estivesse desligado de mim mesmo, fazendo as coisas automaticamente, mas levando minhas responsabilidades menos a sério, cansado do comportamento cego e estereotipado dos meus companheiros, dos meus superiores e de mim mesmo.

Estamos em 2018, em estado de exaustão avançada, desiludido e ainda não pronto para partir, embora sabendo simular perfeitamente o perfeito "acropolitano", para não atrair problemas, conhece uma nova mulher, recentemente morando em outra cidade.

O ponto de ruptura foi alcançado quando descobri simultaneamente que seus superiores a estavam dissuadindo de se relacionar comigo, enquanto meu próprio superior, após uma tentativa frustrada semelhante, sugeriu que eu a manipulasse por meio de seu filho para "colocá-la no meu bolso" e fazê-la vir para Marselha.

Ao mesmo tempo, descobri vídeos na internet descrevendo tópicos como pensamento crítico, método científico, epistemologia, alfabetização midiática e excessos sectários. Eles estão assumindo um papel importante no meu processo de desconversação.

Em fevereiro de 2019, fiz meu pedido para deixar as forças vivas. Levei mais alguns meses para me desligar gradualmente do movimento, perdendo gradualmente a confusão mental e emocional que a nova acrópole e seus líderes haviam criado em mim.

Em setembro de 2019, declarei ao meu ex-mestre que não voltaria, seguido de um e-mail sibilino me pedindo para destruir todos os documentos internos e devolver os

elementos rituais que eu tinha em minha posse, mais uma prova do conhecimento perfeito do que eles são e do que escondem.

Três anos se passaram enquanto eu escrevi essas linhas, e desejo testemunhar àqueles que podem ouvi-lo, que precisamos de um dos outros, precisamos de um sentido à nossas vidas, mais não importa qual preço.

Nathan, janeiro 2023

Testemunho de ZUHAL

Zuhal. Espanha

(Esteve em Nova Acrópole como membro integrado por 5 anos)

Entrei na Nova Acrópole para um curso, que é um dos métodos como eles capturam as pessoas pobres, que depois se tornam como eu os chamo "nos fiéis" apoiando uma suposta boa causa. Depois de cerca de 4 aulas, uma pessoa com um papel importante na escola se encontrou comigo e me explicou que para continuar com essas aulas na escola eu teria que fazer outro curso, que se chama probacionismo e fazer voluntariado em uma das secretárias e pagar uma mensalidade. Eu disse a ela que só estava interessada nas aulas que ele estava fazendo naquele momento. E ele me

deixou entender de uma maneira muito sutil e elegante que as coisas funcionam assim e como eu não tinha outras alternativas porque concordei em fazer o que se faz na escola. E até aqui, aparentemente tudo bem.

Você usa as instalações de um lugar etc, pois paga uma taxa simbólica que tudo é para a manutenção da "abenta" escola (eles te explicam) e você vê bem, por que não? - além disso, a escola parecia o jardim do Éden. Todas as pessoas com um grande sorriso no rosto, sempre te recebem de forma gentil e educada, um lugar onde você pode deixar seus pertences (bolsa, dinheiro etc) onde quiser porque ninguém toca, já que são todos honrados, um lugar onde as pessoas te dão um abraço de verdade e você praticamente sente que encontrou uma família talvez? Uma família maravilhosa que pensa como você e que te entende, vamos todas pessoas boas, cheias de virtudes que o mundo exterior carece bastante. Parece incrível, mas em Nova Acrópole você percebe que neste mundo tão difícil ainda existe bondade, honestidade e eles te compram com isso.

Não estou deprimida, nem amargada com a vida, nem sofro de nenhum problema psíquico (embora se eu tivesse continuado na escola é o mais seguro que teria me dado depressão) mas todos concordamos que o mundo ultimamente se parece mais com um zoológico ou uma selva e então você encontra esse pedacinho do paraíso e se apega a ele porque é o que você estava procurando toda a sua vida, certo? E assim a Nova Acrópole se torna uma lufada de ar fresco, um oásis em um deserto árido, onde várias pessoas se reúnem e lutam ou ensinam um mundo melhor para as pessoas, a Salvação.

E graças a Deus depois de uns 5 anos que se tornaram um pequeno inferno para mim, saí da escola. Eu fiz isso a tempo, porque talvez eu ainda esteja lá com todas as tarefas oprimidas que precisam ser feitas. Porque na Nova Acrópole nunca acabam as tarefas de limpeza, as doações de dinheiro, quanto mais você se envolve, mais você paga, e mais você chega em casa à noite, prepara tarefas para a próxima aula e estuda para os exames (você é examinado pelos instrutores que são treinados na escola com os líderes das filiais), porque você também tem que se examinar. Uma loucura e por tudo isso você paga dinheiro do seu bolso.

E não conto mais as saídas para Chinchilla (cursos de verão com o diretor-comando máximo) onde você realmente trabalha, não brinca e lava tantos daqueles pratos e utensílios de cozinha se você tem que se voluntariar na cozinha, não te conto mais a limpeza dos banheiros e o custo que essa saída tem em Euros, mais um dia de trabalho e o cansaço que você também volta por dormir mal em um beliche com um colchão de esponja muito ruim e com 60 ou mais pessoas roncando a noite toda. Realmente uma loucura. Se eu contar para alguém, ele vai rir na minha cara, mas você tem que viver para acreditar e se afastar da escola para ver que não é tão bom quanto parece.

Se sair da escola foi uma das melhores coisas. Sempre ouvi dizer muitas vezes que na escola que a porta está aberta para entrar e para sair também quando se quiser, que não retêm ninguém com a força. Esta frase sempre foi a explicação para a suposta difamação daqueles que chamavam de seita da Nova Acrópole.

E é verdade, saí da escola sem muitas explicações, mas foi difícil para mim fazer isso porque você percebe que se você sair não tem mais nada. Porque eles sutilmente

trabalharam com sua mente e depois por um tempo indo para a escola e cada vez mais dias e mais de seu tempo, você percebe que lá fora você não conhece mais ninguém, você se afastou de sua família, amigos (há pessoas que procuravam trabalho dando prioridade ao horário que devem cumprir em sua secretária ou pararam de trabalhar para poder ter tempo para ir à escola, para dedicar tempo à grande causa.). E não é que é característico das seitas isolar você das pessoas ao seu redor? Porque as pessoas de fora podem fazer você se afastar deste ninho e não estão interessadas em perder adeptos-fíéis, pequenas abelhas trabalhadoras que contribuem para a colmeia.

Se na escola eles sutilmente deixam você entender que se você tem amigos fora ou um parceiro, seria melhor convencê-los a vir à escola também para que não tirem seu tempo de suas aulas e atividades na escola, já que é desaprovado que você use seu tempo em outras coisas, isso é chamado de sucumbir ao egoísmo, à personalidade.

Na escola de Nova Acrópole te dão tarefas, responsabilidades, especialmente depois de um tempo que te observam em suas aulas de probacionismo e a frequência que você vai e participa dos eventos etc. que eles organizam. Então, para os recém-chegados que os veem que querem se envolver, que podem ser bons servidores da causa, seguidores fíéis porque começam a dar tarefas que fazem você se sentir importante, que você tem um cargo, você cuida de algo e é aí que eles começam a te pegar e manipulá-lo porque com importância, prestígio dentro da escola porque se você se tornar forças vivas, instrutor etc.

Eles que pregam para tirar a importância da personalidade, estão apenas fazendo o oposto com você, dando a você para que você fique viciado na escola e continue indo cada vez e que seja mais ativo e que passe horas e horas fazendo tarefas em vez de

fazê-las em sua casa ou ter um encontro ou ir ao cinema. Bem, sem distrações, Platão e Sócrates são melhores e comem o coco.

Então eles fazem você se sentir parte da família, como se você fosse uma peça importante e continuamente fazem você entender que eles estão contando com você. Os instrutores continuam pregando o quão importante é que você cumpra as tarefas que lhe cabem, que você não perca seu turno (de tal hora para tal hora, como se você assinasse em uma fábrica). E com o tempo você que quer ajudar, então você começa a se oferecer para fazer mais coisas porque sempre há falta de pessoas e um longo etc e para mostrar que você vale para uma futura renda em forças vivas porque isso você acaba tão ocupado e com tantas responsabilidades e em contribuir em tantas secretárias e correndo para cima e para baixo na escola, enquanto aqueles que levam as secretárias então conversam quando com um quando com outro e enquanto, você trabalha como uma formiga diligente que está sendo observada e corrigida o tempo todo porque em cima Que você faz tarefas de graça, eles sempre te pegam. Se você estiver sendo usado e espremido ao máximo. Não me surpreende aqueles que desmoronam porque não param de comer sua autoestima. Lá eles dizem que você tem que ser forte, mas ao mesmo tempo eles fazem você sentir que não vale muito e dando essas tarefas porque você supostamente vai melhorar e criar essa dependência com a escola, com eles. Para entrar em forças vivas sempre te dizem que para isso você tem que demonstrar, não valem a pena as fofocas porque os professores-líderes então valorizam tudo isso e se te veem merecedor então vão aprovar que você faça o curso preparatório para entrar em forças vivas. (uma vez que você entrou em forças vivas porque você é propriedade deles, acho que é a pior coisa que pode acontecer além de ir para NA.). Enquanto escrevo, me lembro de como fui usado, meu precioso tempo

perdido por algo que me fizeram acreditar que é bom, quando tudo lá é comido e não demorará a perecer.

Eu realmente espero que meu testemunho junto com outros depoimentos de ex-alunos da Nova Acrópole de todo o mundo sirva para que não haja mais pessoas que caiam em suas armadilhas muito habilidosas e sutis. Que as pessoas que querem ir fazer algo de bom que possam se informar e saibam o que estão fazendo e não percam um tempo precioso de suas vidas enganadas em uma seita mascarada.

Na escola eles fazem você sentir que não vale nada, que não faz nada bem, que você tem que aprender tudo com supostos professores e instrutores que te dão aulas que sinceramente têm tantos problemas pessoais que não sei como poderiam ensinar e dar exemplo de algumas virtudes que eles mesmos não têm. É um pouco difícil que alguém te ensine pontualidade ou constância quando ele mesmo não a tem e assim um longo etc de virtudes que não têm, mas se esforçam para ensiná-las. Entrei na Nova Acrópole com uma alta autoestima (sempre tive uma boa autoestima) e saí tendo que me olhar no espelho e repetir para mim uma e outra vez: você vale a pena! Eles haviam comido minha autoestima com as contínuas insinuações de que eu não faço as coisas bem, querendo assim me ensinar com as contínuas críticas e humilhações.

Sim, porque uma das minhas piores experiências de humilhação aconteceu na escola de Nova Acrópole em uma aula que acabou com sequelas físicas irreversíveis (não posso descrever muito detalhadamente porque não tenho interesse em que saibam quem sou, mas não por medo, mas porque quero deixar o capítulo fechado, embora se necessário o abra sem pestanejar. Se uma vez a vida me pegou um pouco fraco, eu sabia me levantar muito mais forte e agora olharíamos quem é quem.

Em uma aula, o instrutor me manteve de joelhos por quase duas horas porque me considerava muito orgulhosa e queria me ensinar o quão insignificante eu sou, me fazer sentir humilhada e miserável. Uma pessoa que não sabe nada da minha vida, do meu passado, do meu presente, das minhas tripulações, não pode se dar ao luxo de brincar com as emoções, sentimentos de ninguém. Não pode haver uma pessoa formada com um miserável curso de psicologia ministrado por um diretor que não tem formação de professor e depois este professor sem saber quais são as consequências de seus atos de jogar como professor, julgar outras pessoas iguais e que tinham ilusão com o que estavam fazendo na escola e contribuindo com sua parte.

Foi um dos piores momentos da minha vida e essa pequena provação de 2 horas na minha alma, pelo que vivi emocionalmente, a humilhação deixou sinais físicos permanentes e irreversíveis. Essa pequena pessoa-instrutora ainda me deve um grande pedido de desculpas porque sabe exatamente o que me causou sua lição de humilhação, algo que eu não precisava, mas como não sabia nada sobre mim, bem, era para ser a Justiça. Sim, peguei a experiência em um momento em que minha autoestima também pela contínua manipulação emocional na escola, pois desci e vivi uma provação sem apoio emocional de lugar nenhum porque também não pude contar a ninguém.

O desgosto tem sido muito grande e preciso de tempo para me recuperar. Mas me recuperei, mais forte e Deus o esteja longe de mim, porque se nos cruzássemos agora, pois se eu conhecesse a Zuhail em seu máximo esplendor, assim como poucos me conheceram, me lembraria como os da Pompéia ao Vesúvio, se você visse o quão louca sou e a ajuda que preciso, então saberia o que significa loucura, já que o instrutor me disse que também sou louca e preciso de ajuda.

Você pode imaginar ir a uma escola (de pintura etc.) e pagar uma taxa e que o instrutor, em vez de ensinar pintura, o mantenha de joelhos e seja continuamente dito que você não vale nada e que não faz nada bem. Se você ri muito alto, eles chamam sua atenção, mas se forem outros que riem alto, nada lhes é dito. Além disso, sempre havia alguém que era o pior e em algumas aulas ele por algumas semanas tocava um, depois outro. Às vezes, aquele que faltava ou aquele que parecia pouco comprometido com as aulas e o voluntariado na escola. O problema é que aqueles que estão no comando têm problemas emocionais e isso se reflete na maneira como eles levam a escola e na parte em que manipulam as pessoas. Não são pessoas de coração limpo, sinto muito e sempre notei que tudo era bom demais para ser verdade, tanta gentileza e bondade exagerada, pobres bons samaritanos. Que "queimadura" que me dei! NÃO ACONSELHO DE FORMA ALGUMA IR A UMA NOVA ACRÓPOLE, ESCOLA, SEITA, ONG, SEJA O QUE FOR OU COMO FOREM CHAMADAS. NÃO ID, NÃO PERCA SEU PRECIOSO TEMPO COM PESSOAS QUE TE TRATAM ASSIM. NÃO SEJA ESTÚPIDO COMO ALGUNS DE NÓS E GRAÇAS A DEUS PUDEMOS SAIR A TEMPO E APROVEITAR A VIDA, NÃO VIVER ACORRENTADOS A UM FALSO IDEAL ATRAVÉS DO QUAL SEU DINHEIRO E TEMPO SÃO CHUPADOS.

Então eu digo e escrevo com toda a tranquilidade da alma e da consciência que em Nova Acrópole reina uma hipocrisia e uma falsidade impressionante. Eles estão sempre sorrindo, felizes e assim para os recém-chegados tudo isso parece um mundo maravilhoso e por isso muitos querem ficar. E depois, com o tempo, o recém-chegado começará a ver todos os problemas que existem na escola e nas secretárias e as infinitas faltas de dinheiro (sempre é preciso contribuir para algo, é outra coisa que

não acaba além das tarefas) mas neste momento você é parte da família e é claro que você não vai sair por essas pequenas ou grandes asperezas, mas eles te dizem que assim você vai se forjando em ser um bom discípulo e aprende a não ser egoísta. Enfim... que muitos sorrisos fictícios e muitos abraços, muitas máscaras, muitas, porque na escola é desaprovado que você tenha uma queda, que esteja triste ou que possa ficar deprimido, não importa o quão mal você esteja com seu parceiro, por exemplo, na escola você tem que manter o relacionamento perfeito. Lembro-me de um casal que um dia pensei que eles estão indo bem, que bom relacionamento eles têm depois de tantos anos e para minha grande surpresa depois de 2 meses isso meus pensamentos se separaram. Garanto que você nunca poderia suspeitar que eles não estavam bem porque eles sempre estavam com a máscara, sorrindo como um casal feliz.

E que cada um tenha o relacionamento como pode, não me importo, e é normal que um mundo inteiro não tenha que descobrir que se tem problemas em casa, concordo, mas também não falta tanto teatro. Mas na escola se julga muito, especialmente aquele que pode se mostrar um pouco fraco, então as pessoas que fazem, fazem teatro para que sempre pareça que tudo está indo bem e isso é ótimo para captar novas pessoas.

E se eu acho que é uma seita perigosa, especialmente por causa dessa manipulação sutil. Eles sempre te culpam por ser muito sensível, eles não disseram ou fizeram isso assim, é sempre sua culpa, você interpreta mal as coisas, eles te dizem as coisas para o seu bem, para que você aprenda e se forje de virtudes, que eles querem que você aniquile sua personalidade = depois obedecendo totalmente a eles. Eles montaram muito bem com a desculpa da personalidade, não são tolos, de jeito nenhum. E o

problema é se você percebe tarde ou nem percebe essa manipulação e lavagem cerebral que te faz acreditar que está lá com todos os outros por uma boa causa e a verdade é que você está lá para manter com seu trabalho e cota que você paga alguns comandantes e que te usam o quanto podem, te espremem como um limão. Na Nova Acrópole, as pessoas estão sempre cansadas, pois não têm tempo suficiente para dormir, já que você sempre vai lá à noite e de manhã para o trabalho.

Então aqueles que estão lá acreditam que vivem algo real e maravilhoso, algo bom e bonito e garantem que não é e quando você acorda desse sonho hipnótico, você começa a contar as horas, os dias da sua vida, o dinheiro que você deixou, que não é pouco para apoiar essas causas perdidas ou melhor para manter os chefes, os comandantes que vivem sem trabalhar e viajam dessas cotas que as pessoas contribuem.

E dia após dia em vários anos que estive na escola, pois me fizeram acreditar que não há nada fora da Nova Acrópole, que é a salvação de um mundo horrível e que só fora da escola não se conseguirá assim você continua e continua, pois se pergunta o que poderá fazer fora e sozinho e sem amigos e com laços familiares quase inexistentes, já que na escola eles garantem que você não tenha tempo para a família, já que você está absorto cumprindo as infinitas tarefas que tem na escola e depois em casa Você também tem coisas para fazer para a escola. Sim, as tarefas nunca terminam e você está cada dia cada vez mais envolvido em uma farsa e mentira e desta forma hipócritamente sutil para que você não perceba e que você continue lá exatamente como um escravo, uma formiga trabalhadora que é tão boa para ele e não tem nenhum interesse que você perceba, então com alguns métodos especiais eles te acorrentam com algumas correntes invisíveis, como na caverna de Platão que tanto pregam e são eles mesmos que agem exatamente assim. Eles devem tomar a caverna de Platão

como modelo a seguir com os membros da escola para mantê-los lá. E então eles te dizem que você é livre para sair. Mas você pode ir embora? Você terá coragem de fazê-lo?

Então, se você NÃO quer perder seu tempo, dinheiro, estado emocional e laços familiares e amizades, então não vá à escola, mas SE você quer perder dinheiro e seu precioso tempo, amigos, familiares, então sim, vá. Vai passar um tempo então talvez 10 anos ou mais e então você vai perceber que foi estúpido por ter ido.

Eu me arrependo, é claro, porque a organização - seita Nova Acrópole me deixou sequeá-las na hora, mas para aqueles que me leem da Seita, pois também tenho uma mensagem de que, apesar de toda a bebida ruim e tantos dias ruins lá, nunca poderei estar muito mal ou que não posso me levantar independentemente de quantas ou quantas vezes eu caia ou me façam cair, sempre, sempre me levantarei de pé e com mais força, já que ainda tem que nascer aquele que pode me derrubar psiquicamente, é claro, porque se sou muito forte, tenho muita fé e tenho muita proteção do céu para que eles possam comigo. E sim, estou feliz e estou muito bem para minha grande e boa sorte, já que estou bem longe da Nova Acrópole, uma organização prejudicial para a psique e digo e escrevo com um grande sorriso e grande paz na consciência da alma.

(Posso ter me repetido em algumas coisas, mas é mais para que você possa entender o quanto eles te usam e com que habilidade e quão prejudicial isso pode ser. Quero acrescentar que vivi essa experiência amarga sem sequer ser força viva. Eu moro na Espanha, mas não sou espanhol, então desculpe minha maneira de me expressar)

Testemunho de Francesca

Francesca, Itália

(Estive em Nova Acrópoli desde a idade de 17 até 27 anos. Entrei no círculo mais restrito aos 22 anos. Fui instrutora, palestrante e líder.)

Decidi tornar públicas algumas informações sobre esta associação, pois considero que uma entidade pública “apolita” e “sem fins lucrativos” que se define uma “escola de filosofia” com princípios, deve ser coerente com o que ensina, e esta não é.

Como salta imediatamente na internet fazendo uma pesquisa também superficial, Nova Acrópole foi acusada muitas vezes e em mais países de ser uma seita esotérica paramilitar, de orientação nazifascista.

Depois de 7 anos de afastamento, senti a necessidade de confirmar e divulgar a verdade: Nova Acrópole é gerenciada e organizada internamente por uma seta. Ha una suddivisione “in strati” di cui la fachada più esterna, quella dell'Associazione di cultura, voluntariado e filosofia unita alla protezione civile, é, por exemplo, apenas uma fachada.

Internamente é organizada como uma verdadeira escola, mas o verdadeiro coração da Nova Acrópoli é uma organização ainda mais interna, composta pelas chamadas FF.VV., forças vivas.

Através dos cursos, as pessoas são abordadas para depois levá-las progressivamente do estado de membros. Não é uma passagem obrigatória, mas para os jovens mais entusiasmados e dispostos é uma passagem quase natural.

Testemunho pessoal:

O que se segue é um testemunho parcial porque não se pode resumir 10 anos de vida em poucas linhas.

Aos 17 anos eu estava procurando por algo, não sei o quê, mas sentia que faltava alguma coisa. Vi um pôster do curso de filosofia oriental e ocidental e imediatamente me apaixonei. Torne-se um membro imediatamente após o “teste”.

Sempre estava na primeira fila em todos os cursos e depois de alguns anos comecei o caminho para me tornar uma força viva. Lembro que tinha 22 anos quando estava prestes a me formar e me tornar pouco depois de força viva. Estava tão estressada que comecei a ter problemas na pele, mas tudo bem, o estresse faz parte da vida!

Ele lhe fornece:

Entrar nas forças vivas requer a superação de algumas provas divididas em provas de terra, ar, água e fogo, correspondentes ao aspecto físico, energético, emocional e mental. Se tratava de superar um percurso (desconhecido) com um mapa completamente sozinho, quando chegamos à meta a prova era superada. A nível energético, pintar um quarto da sede sozinho ou fazer esforços semelhantes. Emocional, cantar ou recitar algo perante todas as outras forças vivas e finalmente expor uma pesquisa temática à frente das forças vivas de toda a Itália. C'è stata anche una prova in mezzo la natura in cui bisognava mergulharsi nell'acqua fredda e raccogliere something dal fondale.

São provas “iniciáticas”, e obviamente no fervor do momento e o fogo do idealismo que incalça não me paramos a refletir sobre o quanto era estranho.

Sendo uma pessoa reflexiva, sempre, as provas foram todas simples, exceto aquelas mais físicas. No início do caminho da primeira prova, me disse que meu sentimento desapareceu poder fazer uma chamada. Em teoria não era permitido, mas a diretora de filial estava na fase materna ainda comigo, então me tranquilizou assim. Durante il percorso fiz uma chamada, per sicurezza, non queria perder! Ao traguardo meu sante sentir uma fraqueza porque não teria que ligar.

Eu chorei. Fui consolado. Mas esse mecanismo se repete todos os anos.

As tarefas chegaram. Palavra de ordem: obediência:

Superado as provas para acessar as forças vivas, tornou-se responsável pelas relações públicas e assessoria de imprensa. Eu não gostava de nada, mas era a mais adequada para desempenhar esse papel. O “prazer” além disso não era uma coisa necessária, e a enz, “o discípulo deve fazer o que não gosta”, então funciona nas escolas de discepató, sempre me dizia. Também me tornei palestrante e professora, e isso me agradava porque ensinando aprendi também, e isso era o principal motivo para o qual ainda estava lá dentro.

Na Nova Acrópole existe uma verdadeira escola com um programa de estudos rico em matéria. Infelizmente (ou por sorte) mas os militantes mais ativos eram poucos, então fomos em frente com o programa de estudos muito lento porque estávamos muito comprometidos. O que mais marcava os nossos superiores (chefes de filial e chefes dos corpos de força viva) eram as lições específicas para as forças vivas em que alguns assuntos se repetiam por meses, por exemplo, a obediência. Obviamente especificavam que não deveria tratar de obediência cega... mas de fé, amor. Perché dovere coincide com amore. Ame com obediência. Então eu deveria obedecer.

Simples não?

Uma única missão de vida: o ideal:

Não tinha tempo livre. Passava le giornate dedicando-me às les, àlle conferências, trabalhava la mattina part time quindi tutti i masereggia er in sede. Eu tinha episódios de ataques de pânico sobre os quais não falei e duraram pouco porque interrompei o que estava se tornando um alarme de defesa sem deixar espaço para minha personalidade se rebelar: deixei toda a minha vida e me dediquei completamente à minha missão, Nova Acrópole.

Aquela que era chamada de família espiritual havia se tornado mais importante de qualquer outra coisa.

Ente c'era un problema recorrente: qualunque cosa facessi, non era mai sufficiente. Eu nunca fui suficiente. Não era mais forte, não era mais suficiente de camarão, nada era mais suficiente.

Tudo deve ser feito com devoção e sem pedir menos que uma pequena recompensa. Ela estava lá porque tinha certeza. Pare, o dever é amor e o amor verdadeiro não pede nada em troca.

Jeans não eram permitidos porque não eram apropriados para a imagem de uma dama, uma "nova mulher". Minha maneira de me vestir estava errada e tive que mudá-la radicalmente em pouco tempo.

Não era permitido sofrer, ficar com raiva, mostrarei emoções. Era preciso estar sempre sorridente e disponível, especialmente na frente das novas pessoas.

Nós nos identificávamos com o discípulo e com a personalidade vaidosa e educada, mas na realidade isso era reprimido.

Não era permitido possuir social nem blog, esta coisa é poi mudou nos últimos anos, mas inicialmente era proibido.

Não se podia ser homossexual, isso também mudou nos últimos anos.

Não se podia mostrar fraqueza: desvenir ou sentir-se mal fisicamente eram considerados fraquezas indignas.

Trabalhar em tempo integral tornou-se um problema, porque apesar da dedicação total nas poucas horas livres, ainda não eram suficientes.

Eu teria milhos anedotas para contar que confirmam todas essas palavras, mas o sucesso é que em que ambiente se torna incoerente, pregando amor pela sabedoria mas desenvolvendo um ottuso bigotismo na prática, assim convencidos de operar por um bem superior, que há se justifica e não se prova culpa na mentira aos jovens no que propõe verdadeiramente Nova Acrópole.

Por que não me foi imediatamente?

Deixar a cerchia mais interna das forças vivas, ou seja, a seita, requer coragem, porque você não tem mais uma vida e se perdeu "o ideal" não sabe o que você fará. Também é preciso superar o medo de começar a seminar um carma negativo e subentra o senso de culpa.

Consegui andar muito lentamente, depois de um mal-estar físico de natureza emocional que me deu o choque necessário para despertar. Foi difícil e a coisa mais triste é que não houve um diálogo em que pude explicar o que estou vivendo. Entrar in disaccordo significa passare automaticamente da parte do "inimigo".

A inconsistência por trás dos princípios:

Não culpo aqueles que considere as figuras-guia importantes, porque só que estou assim sempre neste mecanismo não percebo que estão errados, mas não posso tolerar que esta organização finja ser uma simples associação de filosofia, cultura e voluntariado, atraindo jovens que desejam mudar o mundo e melhorar a sociedade.

Esta definição é além de fuorviante por seguintes motivos:

1- A filosofia é amor pelo conhecimento e implica estudo, elasticidade mental e abertura a novos conhecimentos. Na Nova Acrópole há uma ideologia básica que não pode mudar porque eles teriam menos sua fundação. Não há uma verdadeira abertura ao diálogo, que é uma das bases da busca do conhecimento. O que você sabe, já sabe.

2- Não há uma verdadeira fraternidade universal: os negros são considerados uma raça inferior, um resíduo da civilização precedente à atual, de acordo com as fontes esotéricas em cujos seus acreditavam, e os homossexuais são considerados anormais.

3- Segundo o terceiro princípio da Nova Acrópole, promove-se a realização do homem como indivíduo. A verdade é que há uma divisão constante entre a personalidade e o verdadeiro Eu, o Eu espiritual, que é identificado com o discípulo. O indivíduo, principalmente com força viva, foi aos poucos conseguindo identificar-se apenas com a condição de discípulo, voltando a ser um militante que tem medo de obedecer e ser obedecido pelos seus subordinados, os discípulos, porque por sua vez ele também é chamado a ser mestre. As paixões, os interesses, as amizades, os amores fora do escritório, tudo fica em segundo plano em relação ao mais importante: o ideal.

O verdadeiro propósito da Nova Acrópole:

A verdadeira missão da Nova Acrópole é a preparação para o nascimento de uma nova civilização, e ao fazê-lo usa todos os maiores ensinamentos de várias culturas ocidentais e orientais. Mas a ideologia mais poderosa e evidente está predominantemente ligada ao nazismo e ao fascismo.

Toda a simbologia, do emblema da Nova Acrópole aos símbolos ligados às forças vivas, às divisas, às cerimônias, à própria ideologia, são incrivelmente reducíveis ao fascismo e ao nazismo.

De acordo com sua visão, Hitler tinha sido um "discípulo aceito" da Gerarchia Bianca (ou Fratellanza Bianca, uma confraternita di esseri spirituali che guiam l'evoluzione

dell'umanità, secondo gli scritti della Blavatsky) che però poi "perse la testa" e viene quindi considerato un "experiment falhad". Nova Acrópole é outro “experimento” da Gerarquia Branca (para ajudar a humanidade a evoluir), na medida em que também o fundador da Nova Acrópoli é considerado um discipulo aceito, e entre ignorância e cegueira devocional não se consegue ver lúcidamente quanto esta conexão rende todo aquele vivido o delírio de uma seita que continua, ainda hoje, a promover cursos de “filosofia ativa” e “formação ao voluntariado”.

PS

Porque não falo agora, depois de 7 anos:

- Sono profondamente ignorante in historia e continuando a colmare le mie lacune sulla conoscenza storica nazifascista rimancora basita dai collegamenti che sono così evident.
- Eu gastei anos para me recuperar psicologicamente dos vórtices de abbattimento moral que eles exerceram sobre minha pessoa, me aceitando finalmente por aquela que eu sou: um ser humano com defeitos.
- Ainda encontro depoimentos de pessoas que tiveram experiências semelhantes à minha e que, como eu, só conseguem falar depois de anos.
- Ano passado conheci uma pessoa que foi uma “referência” e que me disse que eu deveria escolher de que lado ficar, se ajudaria o mundo e a humanidade a evoluir ou não faria nada. Há uma razão: gosto de pensar que posso desenhar um pouco de luz e verdade, e certamente faço isso porque peso tudo. Amo profundamente a filosofia.
- Penso a quando de adolescente cercavo “algo” e estou finita em um lugar que infelizmente se revelou o oposto de aquilo que dizia ser e tenho medo de que outros adolescentes possam viver a mesma experiência.

Francesca

Testemunho de ANA

Ana. Espanha

(Esteve em Nova Acrópole dos 19 aos 29 anos. Entrou no “Círculo Interno” aos 21 anos)

Entrei na Nova Acrópole aos 19 anos. Vi um cartaz nas ruas da minha cidade sobre um audiovisual do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung e me animei a ir. Para falar a verdade, quando vi o audiovisual de Jung fiquei muito decepcionado. Eu estava com a expectativa de poder entender melhor suas ideias, porque precisamente, Jung tinha uma obra bastante extensa e era difícil para mim terminar de entender seu ponto de

vista. No entanto, o audiovisual foi uma espécie de trecho sobre as ideias mitológicas de Jung. Um trecho de um documentário que eu já tinha visto na íntegra. Eu tinha baixado por Torrent (ano 2006) e tinha visto sozinho sem poder comentar com ninguém, então a única coisa que achei interessante daquele primeiro encontro foi poder estar em um lugar onde pelo menos estavam interessados nessas ideias. Eram pessoas de mente aberta, assim como eu tinha 19 anos. Mas também eram pessoas sérias, não pessoas que acreditavam em OVNI's ou em canalizações de anjos. Obviamente eu esperava muito mais, esperava poder aprender algo novo, mas pelo menos, algo era algo. Vale ressaltar que a Nova Acrópole costuma fazer várias atividades sobre Jung. No entanto, com o tempo, pude descobrir que eles usam suas ideias totalmente descontextualizadas e tendenciosas. Não porque sejam pessoas incultas ou com baixo perfil cognitivo. Muito pelo contrário. Às vezes, quando estamos muito convencidos de algo, a inteligência pode servir para criar argumentos que confirmem nossa crença, talvez muito melhor do que uma pessoa pouco inteligente. As pessoas só veem o que querem ver. A inteligência também pode servir para capturar com rapidez e precisão uma doutrina, para usá-la de forma hábil, para adaptá-la a diferentes contextos, etc. As crenças fazem parte de todos, dos inteligentes e dos não inteligentes. Este é um assunto muito complexo que não posso explicar aqui, mas que tem sido um dos meus interesses após a minha partida de NA.

Ao sair do audiovisual fui convidado a fazer um curso de filosofia comparada. Isso foi algo muito sugestivo. Eu adorava conhecer culturas antigas. Pensei que se fosse um curso, aí se pudesse aprender alguma coisa. No entanto, aconteceu o mesmo que aconteceu com Jung: todas as ideias filosóficas foram totalmente tendenciosas. Mas sem saber disso, me inscrevi no curso, e foi aí que tudo começou.

Depois de 2 anos já estava dentro do que eles chamam de “Forças Vivas” (o Grupo Interno da Organização). Ele havia feito um juramento com o braço para cima na frente da bandeira das Brigadas Femininas. Agora ela era uma discípula que havia jurado servir com lealdade a Nova Acrópole e que deveria obedecer às ordens de meus mestres. **Larguei os estudos, deixei meus amigos e mudei de cidade. Todo o meu mundo se tornou a Nova Acrópole. Como cheguei a esse ponto em apenas dois anos?**

COMO ME VICIEI NA NOVA ACRÓPOLE:

No curso de filosofia, que na verdade chamam de “Probacionismo”, tive como professora uma mulher muito simpática e educada. Ela também era professora de um instituto na minha cidade. No segundo ano de “Introdução à filosofia oriental” tive como professor o marido dela, que também era professor na universidade politécnica da minha cidade. Eram pessoas normais, cultas, gentis. Lá comecei a receber o que é chamado de “bombardeio de amor”, uma atenção e gentileza desmedidas que te faz sentir que você é importante, que as pessoas te consideram interessante e importante. É engraçado como pessoas tão boas podem causar tanto dano ao mesmo tempo. Isso eu percebi anos depois, quando eu também comecei a ser “instrutora” de filosofia. Acabei de dar aulas para uma garota que tinha 19 anos, a mesma idade em que entrei. Enquanto lhe dava as aulas, pensava: não quero nem posso fazê-lo passar por tudo o que estou passando. Esse foi um dos meus pontos de “quebra” interno. Mas vamos por partes...

Quando entrei na Nova Acrópole, meus amigos começaram a se preocupar. Chamaram psicólogos e imprimiram tudo o que havia na internet da Nova Acrópole.

Eu estava lendo. Mas eu não me importei. Eu pensava: *“Uma águia imperial como emblema? Baahh, e isso não significa que eles sejam fascistas. Se eles fossem lá e vissem todas as pessoas boas que existem, eles entenderiam.”* Um dia, eu estava com minha professora do primeiro ano e o diretor. Eu disse a eles que meus amigos estavam me dizendo que eu estava em uma seita e estavam ficando bravos comigo. O diretor me disse: *“e isso é o que você chama de amigos? Você acha que um amigo te trataria como uma estúpida? Porque, Ana... estão te tratando como uma tola... Se te considerassem inteligente, confiariam em você, certo? Se te apreciassem, te ouviriam, certo? Mas estão te tratando muito mal... Não sei... pense nisso...”*

Durante os primeiros anos você não sabe o que exatamente é NA e eles dizem que as críticas da internet são de um setor da igreja que critica NA por seu ecletismo religioso. As ideias mais esotéricas e ideológicas são explicadas a você muito lentamente. Eles dizem que isso é assim porque os ensinamentos devem ser espaçados para que possam ser assimilados. Mas qual é a diferença entre receber um conhecimento gradualmente e acabar acreditando em algo para o qual você não se inscreveu? Qual é a diferença entre ensinar uma ideia ou “inocular” uma ideia?

Há coisas que, por si só, você nunca aceitaria, coisas que não entram no seu sistema de valores. Mas lá você mergulha em uma relação de ligação, com seus professores e com seus colegas, e é como se através do vínculo se abrisse outro canal, um canal onde as coisas entravam sem filtro. Pertencer a um lugar e se identificar com ele, faz com que você não julgue as coisas da mesma forma que se as visse de fora. Por outro lado, as práticas contínuas de meditação e foco de atenção, mergulharam você em um estado diferente de consciência. Era um aprendizado um pouco diferente, um processamento das coisas que eu ousaria dizer que tinha algum tipo de componente

hipnótico. Além do vínculo, há dois outros aspectos relacionados ao tempo. Por um lado, que as coisas são introduzidas a você de forma gradual. Primeiro há um vínculo e ideias filosóficas mais ou menos aceitáveis. Depois vão introduzindo outros de forma muito lenta. Como se todos os dias você colocasse um pequeno ingrediente em uma refeição, e a mudança é imperceptível. Você só pode perceber se comparar o primeiro prato com o último. Por outro lado, há o fator de adaptabilidade. Quando você vê uma coisa pela primeira vez, parece estranho. Mas se você a vê há muito tempo, você se adapta e não acha estranho. É um processo de normalização que te impede de ver as coisas de forma objetiva. Assim, **o vínculo, as mudanças imperceptíveis e a adaptação**, fazem com que se crie uma **nova identidade**.

Por que alguém que nasceu em uma família cristã acaba sendo cristão e alguém que cresce em uma família muçulmana acaba sendo muçulmano? Não é tão simples, mas explicar a psicologia das crenças e por que acreditamos em algumas coisas e não em outras é complexo. E o processo de doutrinação é algo muito gradual.

Mesmo assim, é verdade que em algum momento pude perceber alguma ideia que não me encaixava e que colidia com meu sistema de crenças anterior. Naquele dia escrevi no meu diário algumas reflexões sobre o que estava acontecendo comigo. Relendo aquele diário encontrei esta frase que disse a mim mesma: Ana, por que você sempre quer estar certa? Por que você não deixa alguém te ensinar?

Essa frase representa uma das mudanças que começaram a ter em mim. Ele parou de me preocupar se o que eu ouvia me interessava ou não, se o que eu lia acreditava ou não. Meu foco havia mudado: eu não estava mais na Nova Acrópole por interesse intelectual, mas agora, o importante, era a relação Mestre-Discípulo.

Nova Acrópole era como uma grande família, onde o principal era o caminho do autoconhecimento através da relação Mestre-Discípulo. Esses professores te ajudaram por amor, não receberam nada em troca. Não importava se o ensino era transmitido através do taoísmo, do budismo, de Aristóteles ou de qualquer teoria. O que importava não era a crença, mas o que seu Mestre estava lhe ensinando através disso. Eu sentia uma devoção absoluta por eles. Então, quando as coisas são mostradas a você, você as aceita, não tanto pelo que significam em si mesmas, mas pelo ensino por trás disso.

No início, você é ensinado que limpar e fazer tarefas para a Nova Acrópole não é apenas isso, mas tem um ensinamento por trás disso. Como no filme Karate kid, a criança passa dias e noites pendurando e desligando sua jaqueta antes de poder receber o ensinamento do Mestre. Qual é a diferença? Bem, que na Nova Acrópole você acaba fazendo uma coisa para a qual não entrou.

O autoconhecimento que se insinuava no início, não era tal, mas era uma espécie de endoculturação, um sistema moral de comportamento. Tudo foi baseado em um controle de pensamentos, emoções e comportamentos. E o mais importante é que tudo sempre teve fins morais que estavam associados a dar todo o seu tempo à Nova Acrópole, por exemplo: "não devo ficar triste porque devo estar feliz por estar na Nova Acrópole", "não devo duvidar porque você tem que confiar nos Mestres", "não devo ser fraco porque você tem que ser forte para servir ao ideal", "pensar demais é ser kama-manas", "as pessoas boas obedecem e não dão muitas voltas às coisas", etc.

A tristeza, a dúvida ou a fraqueza fazem parte da "personalidade inferior", ou seja, a parte baixa ou pouco espiritual da personalidade (parte inferior-parte elevada, assim é

simples a psicologia da Nova Acrópole). Além disso, todas essas frases "clichê" nos foram ensinadas antes que essas emoções ou pensamentos surgissem, como uma espécie de programação para anular as reclamações que você teria depois: "as provas do discípulo são as dúvidas", por exemplo. Ou a frase típica: "todos os grandes foram criticados". Com isso, se visse críticas dizia: "Ah claro, era de se esperar que nos criticassem". E se eu não via além era simplesmente porque eu não estava interessado em ver além.

Por que estávamos fazendo tudo isso? Bem, como você pode ver, não era para se auto-sover, nem para fazer um caminho interior ou qualquer coisa que eles promovam. Na verdade, você sempre fazia as coisas por uma espécie de mandato moral interno (não ser fraco, não ser egoísta, não ter dúvidas...). O que começou como voluntariado, acabou sendo uma espécie de escravidão psicológica. Supunha-se que houvesse um objetivo maior além desses mandatos morais, mas quando você fazia as coisas raramente pensava nisso, só pensava em cumprir, em não ser egoísta, em não ser preguiçoso, em não reclamar, etc.

Qual era esse objetivo maior? Quando você está viciado nesse vínculo emocional esperando para se conhecer, eles lhe dizem que Nova Acrópole é uma Escola de Filosofia como as antigas, onde se guarda uma Sabedoria Atemporal que é a mesma que todos os sábios da humanidade transmitiram. É uma espécie de tradicionalismo filosófico, pois considera que há uma sabedoria já criada, a das próprias leis da natureza, e a Nova Acrópole é a única escola que possui esse conhecimento. Fazíamos todo esse trabalho contínuo sem descanso simplesmente para fazer a escola crescer e conseguir membros. Todo o voluntariado e atividades culturais eram uma fachada que havia sido criada a partir dos anos 90 para limpar sua imagem e atrair mais membros.

Nunca se falou do voluntariado, só se perguntou: "quantas pessoas compareceram", "que conversas foram tidas com os voluntários", "quantas pessoas se inscreverão no curso". As árvores que eram plantadas ou as crianças que eram ajudadas eram assuntos que não interessavam em nada. Apenas um interesse fictício foi mostrado.

O fundador, Jorge Livraga, a quem chamávamos de JAL, havia sido escolhido pela "Hierarquia Branca" para iniciar um movimento que seria como uma espécie de "arca de Noé" onde se preserva toda a Sabedoria Antiga. Livraga disse que enquanto membro da Sociedade Teosófica, Sri Ram, o então diretor, o encarregou-o de fundar um novo movimento esotérico, porque a Sociedade Teosófica havia decaído e perdido "o contato com a Hierarquia de Mestres". Antes desta "suposta missão", Livraga estava se preparando no porão de sua casa, onde construiu uma cripta egípcia e onde recebia instrução desses misteriosos "Mestres tibetanos". A Nova Acrópole também está preservando a Sabedoria Oculta que havia desaparecido com a morte do Imperador Juliano e que mergulhou a civilização em uma Idade Média. Outro objetivo era dar à luz uma nova raça, a chamada "sexta sub-raça", uma raça mais espiritual que a atual. Tudo isso se baseia na Teosofia, fundada por Helena Petrovna Blavatsky, e de quem Livraga dizia ser discípulo. De tudo isso, eles vão te descobrindo pouco a pouco. Não há nenhuma classe com este programa, mas eles vão te dizendo à medida que você entra no Círculo Interno, as chamadas "Forças Vivas".

A FORMAÇÃO PARA AS "FORÇAS VIVAS":

Depois de um ano de estar lá, um dos meus professores me disse que um novo grupo de treinamento estava sendo aberto para as "Forças Vivas". Vi que vários dos meus amigos entraram e aceitei o convite. Várias pessoas haviam sido expulsas e disseram

que "ainda não estavam prontas para entrar", então aqueles de nós que ficaram eram algo como os "discípulos mais aceitos".

Eles separaram as aulas de acordo com o gênero: as meninas fizeram algumas aulas e os meninos outras. Um dia, durante uma reunião de garotas, fomos deixados sozinhos na sala de reuniões e nos disseram para olhar para um ponto branco no quadro. Eles nos disseram: "*não falem entre vocês, apenas olhem para o ponto*", e então apagaram as luzes, deixando-nos meio escuros. Fiquei assim por cerca de duas horas. Aqueles exercícios em que você tem que focar a atenção eram chamados de "tratak". É um termo que vem do sânscrito e uma prática conhecida em outros contextos fora da Nova Acrópole. Eu estava bastante acostumada a fazer esse tipo de exercício, mas desta vez eles começaram a nos chamar individualmente. Eles te chamavam pelo nome completo e falavam de você com um tom muito solene e sério: "*Ana López García, me acompanhe por favor*".

Em silêncio, fui levado para outra sala e, ao entrar, encontrei um homem com luvas de boxe. Eu conhecia aquele homem, ele era instrutor da organização. O homem fez uma cara de concentração, porque ele tinha que fazer isso despersonalizado (eles disseram algo como que ele não estava batendo, mas cumprindo um papel). Eu não pensei que eles iriam me bater sério, mas sim, eles me bateram. Fui espancado várias vezes até cair no chão. Fiquei no chão de costas me protegendo. A diretora veio e gritou na minha cara: "*é assim que você lida com os problemas? Dando as costas para eles? Você é uma covarde!*". Levantei-me, tentei bater, e não consegui, estava paralisada e meio sufocada. O homem, que estava passando por um momento difícil porque não queria continuar me batendo, abriu os braços e me disse gritando: "*Ana, me bate, me bate!*". Mas literalmente, meus braços não funcionavam. Tive que repetir o exercício

outro dia com outro homem diferente. Naquela ocasião, como o fator surpresa não estava lá, fiquei mais consciente do que tinha que fazer e o exercício saiu melhor.

Eles deveriam fazer esses exercícios para controlar as emoções. Naquele momento não nos explicaram muito bem, mas pelo que li em algum texto do fundador, o que tratavam com esses exercícios era que tirássemos a agressividade para que ela não ficasse dentro e se tornasse uma agressividade mais sutil e prejudicial. Também quero acrescentar que não tenho nada contra quem me bateu. Ambos são boas pessoas, como a maioria dos que estávamos lá. E que as coisas te afetam de acordo com o significado que você lhes dá, e eu, naquele momento, apesar do medo que senti, apesar de ter ficado paralisada, senti que o faziam bem por mim e fiquei grata por isso.

Essa maneira em que nos faziam tirar a agressividade, também gerou uma espécie de catarse. De alguma forma, eles o desestabilizaram por complexo, mas depois o resgataram. Eles fizeram você tirar seus demônios, olharam para eles, não os julgaram. Mas você não podia mais esconder nada. Nem mesmo seus cantos escuros já eram de sua propriedade. Eles não julgaram seus medos e o não julgamento lhe dá certa confiança. Mas era como artificial, mecânico. Isso foi chamado de "formação de caráter".

Em outra ocasião, eles nos fizeram brigar entre nós. Como sempre, eles nos faziam esses exercícios durante uma reunião normal, sem aviso prévio. Eles colocaram nossas luvas de boxe e nos disseram: "bater em vocês". Nessas lutas não havia técnicas de defesa ou de luta como nas artes marciais. Estávamos no chão (não em um tatame) de sapatos e saia, e o exercício era simplesmente nos bater, como alguém que

briga na rua. Era para tirar a agressividade, a força, bater com vontade. Se não, você não passaria no exercício.

Outro dia nos colocaram em pares. Eles nos colocaram um na frente do outro e nos disseram que tínhamos que nos dar tapas na cara, primeiro um e depois o outro. Assim até que nos disseram para parar. Começamos a nos dar tapas, mas então, a diretora se aproximou de nós e gritou: "frouxo não, alto!". Você tinha que aguentar os tapas sem se contorcer, ficando reto rapidamente se caísse para o lado, sem fazer nenhuma careta de dor, raiva ou medo. Se você se afastou do rosto, eles também o admoestavam. A própria diretora se mostrou como exemplo antes de começar. Ele chamou uma mulher do Círculo Interno para lhe dar um tapa na nossa frente. Ele disse: "me dê um tapa com toda a sua força". Então, a mulher que bateu nele foi fazendo uma pequena piada, como se para tentar nos fazer relaxar um pouco, porque parecíamos bastante nervosas.

Esse exercício também deveria ser para controlar as emoções e para que fôssemos além das "formas". Segundo eles, "as formas" nem sempre revelam a verdade. Por exemplo, disseram que uma pessoa pode ser muito doce externamente, mas ser passiva-agressiva. Por outro lado, existem ações que são agressivas, mas podem ser necessárias para um fim maior, por exemplo, matar para proteger algo bom. Os espartanos eram muito exaltados e os hippies vegetarianos que praticavam ioga eram menosprezados. Também se dizia que os democratas eram muito pacíficos, mas enganavam o povo fazendo-o acreditar que tinha "eleição", e com base nessa ideia se colocava a pergunta: Por que eles só criticam o fascismo e não os democratas? Também, obviamente, foi explicado que os símbolos da Nova Acrópole estavam presentes em muitas outras culturas. Que eles os usaram por nazistas ou fascistas não

significava nada. Obviamente, hoje em dia, sei que a simbologia da Nova Acrópole está totalmente relacionada ao nazismo, ao fascismo e até ao franquismo. Mas o importante é destacar essa insistência em "não olhar para as formas", em "não nos basear nas modas culturais" e em destacar que a Nova Acrópole era única e original. Que sua única influência eram os símbolos atemporais presentes em todas as culturas. Uma ótima e inteligente maneira de nos enganar.

Por outro lado, essas práticas, mais do que gerar um controle, o que geravam era uma anulação. Uma anulação da minha própria percepção das coisas, do que eu sentia e do que se intui como certo ou errado.

Então você consentiu insultos e humilhações. Em uma reunião, a diretora gritou conosco dizendo: '*Vocês são burgueses de merda!*'. Ele nos disse que éramos burgueses de merda justamente para nós, pessoas que dávamos todo o nosso tempo para a Nova Acrópole sem cobrar absolutamente nada, e sempre tentando nos esforçar cada vez mais. Eles nos disseram: "se você pode dar 2, dê 3. Se você pode dar 3, dê 4", "por que perder tempo desenvolvendo uma profissão? Olhar para Delia que sacrificou sua carreira de pianista pela Nova Acrópole". Mas então, tive que limpar os lençóis e o quarto do Guardiã dos Selos e sua esposa a D.I. de Comunicação, pessoas com bastantes estudos e com muito dinheiro, mas que em vez de pagar uma faxineira, me fizeram trabalhar. Além disso, descobri recentemente que os líderes recebem dinheiro para viagens. Eu passei minha juventude vivendo mal, dormindo pouco, sem desenvolver uma profissão, limpando, e com a ideia de que não podia formar uma família porque há superpopulação mundial. Que o que falta são pais, não filhos.

Durante os testes de Forças Vivas, fomos levados de carro com os olhos vendados para a montanha. Era inverno, na montanha, muito frio. Entre outras coisas, as meninas nos fizeram tirar a roupa e entrar em uma cachoeira. Eles me ligaram e disseram: "*tire todas as roupas e entre até o fundo da cachoeira*". Eu perguntei: *a roupa íntima também?* E me disseram: "*sim, tudo*". Eu tirei todas as minhas roupas e entrei na cachoeira. As pedras escorregavam, mas entre os nervos e a vergonha, nem sentia o frio. Depois eles te secavam, te ajudavam a se vestir e te davam uma infusão para que você não pegasse hipotermia. Então, com os olhos vendados, entre várias pessoas, eles começaram a te empurrar e sacudir, enquanto gritavam e insultavam você. Então eles te deixavam sentado no meio da floresta no escuro.

Nunca soube o porquê desse tipo de teste. Mas eu estava como em uma espécie de "balão psicológico". Tudo isso sempre fizeram com sigilo, com os olhos vendados, sem aviso, com mistério. Você estava sempre nervosa, sem saber o que ia acontecer. E naquela adrenalina, tudo passava como em um sonho. Então, depois de fazer uma pequena cerimônia em uma caverna, todos te recebiam com abraços e sorrisos, me disseram que tinha sido muito difícil para eles agirem assim comigo, e você entrava em uma espécie de irmandade. Essas experiências só podíamos ser entendidas entre nós. Realmente, não havia ninguém tão confiável quanto "seu irmão acropolitano". Você sabia que ele não te roubaria, você poderia deixar dinheiro para ele, você poderia pedir ajuda para qualquer coisa. Mas não eram laços reais, era semelhante ao "espírito de corpo" que se vive nos grupos militares. Éramos uma irmandade, mas na realidade, éramos todos verdadeiros estranhos. A "personalidade individual" era algo passageiro, e focar nisso nos tornava egoístas.

Havia muitas outras práticas, como exposições para um público que te trata mal, segurar objetos com os braços estendidos até não poder mais, rastejar-se no chão se alguém chegar atrasado, fazer você pegar coisas grátis nas lojas para provar seu poder de persuasão, etc. Os meninos faziam outras práticas, que não conheço, já que não se explicava o que o grupo masculino fazia. Nós também não explicamos nossas cerimônias femininas.

Uma vez que passei nos testes de Forças Vivas, tivemos que fazer a cerimônia do Juramento. Vesti-me com o uniforme das Brigadas Femininas, fui 3 vezes à porta do templo, e ao entrar me coloquei na frente da bandeira com o braço erguido. Recitei de cor o texto do juramento, e depois cumprimentei dizendo: AVE!

Os homens podiam fazer parte das Brigadas Masculinas ou do Corpo de Segurança. Cada um dos três corpos tinha seu símbolo, seu lema, seu hino e suas cerimônias. Também tínhamos nosso código de honra, nossas divindades, e além disso, nós mulheres tínhamos que cuidar de um fogo que chamávamos de "vesta" que tinha que estar aceso 24 horas por dia. Nós nos revezávamos por semanas, e se o fogo de alguém se apagasse, considerava-se que havia sido por uma falha psicológica, seja por falta de lealdade, por fraqueza ou por qualquer tipo de problema discipular. Isso gerou muita ansiedade, e durante aquela semana, o cansaço e a falta de sono eram ainda piores. Porque não só tínhamos nosso trabalho remunerado, mas tínhamos que ir servir na Nova Acrópole todos os dias. Era um trabalho contínuo e não remunerado, que obviamente o enfraqueceu psicologicamente.

Foi assim que fiquei durante 10 anos da minha vida.

Se você tivesse algum descuido, eles gritavam com você ou puniam com algum trabalho extra. Para dar um exemplo que me vem à mente, lembro que uma das "senhoras" (assim nos chamávamos as brigadas femininas), esqueceu de mudar as flores da oferenda para "vesta" e a diretora jogou o vaso de vidro no chão. Se não trabalhássemos o suficiente, eles nos chamavam de "burgueses de merda". Se alguém chegasse atrasado, tínhamos que nos arrastar pelo chão. Se alguém colocasse alguma pega, gritavam para nós: "Você obedece, ponto final! Se fizéssemos alguma atividade fora da Nova Acrópole, os diretores se reuniam conosco para nos perguntar se "a Nova Acrópole não nos dava tudo o que precisávamos". Assim era a vida em Nova Acrópole. Aqueles que saíram desta filial para fundar outra, não acho que sigam esses métodos tão difíceis. Mas o que é óbvio é que suas escolas não crescem. Não é que eles façam errado, é o contrário. Depois, há escolas que fazem muitas atividades culturais e parecem crescer, mas a realidade é que praticamente ninguém faz parte das Forças Vivas. Esta é a lógica da manipulação e da coerção.

COMO CONSEGUI SAIR DA NOVA ACRÓPOLE:

Nós suportamos naturalmente os gritos, as pressões, as censuras por pequenas coisas e nos acostumamos a ser obedientes, submissos e dedicados. Mesmo assim, eles não tratavam todos da mesma forma, mas sempre percebiam com quem poderiam ser mais exagerados. Eu tinha uma amiga que foi esbofetada na cara em várias ocasiões. Esta amiga, tinha tido uma infância bastante difícil. No entanto, eles a pegavam quando ele tinha algum descuido ou dizia algo que não era apropriado. Um dia, em uma reunião com Delia Steinberg (diretora internacional), éramos todos membros de "Forças Vivas" da Espanha, e nessa reunião podíamos escrever perguntas anônimas em um papel e Delia as lia. Minha amiga escreveu: "um Mestre pode bater em um

Discípulo?”. Os papéis com perguntas eram deixados em sua mesa, e então ela os lia espontaneamente, então ela não sabia o que ia ler até que estivesse na frente, então não conseguia escolher ou apagar certas perguntas. Quando Delia pegou o papel da minha amiga e leu a pergunta em voz alta, ouviu-se uma espécie de grito em toda a sala, como vozes de espanto e surpresa com a pergunta. Então ela ficou um pouco em silêncio, e Delia respondeu com o seguinte: “Isso não é uma pergunta”, ela deixou o papel de lado e, sem mais, continuou lendo as outras perguntas. Como mágica, essa pergunta pareceu desaparecer no esquecimento.

O que aconteceu com minha amiga depois disso? Bem, ele pensou que tinha feito mal em escrever isso. Ninguém lhe deu nenhuma explicação, ninguém se desculpou, tudo ficou em silêncio, em indiferença. Eu também agia indiferentemente. De alguma forma, ele sabia que na Nova Acrópole não era promovido que o mestre batesse no discípulo, mas também sabia que às vezes você tem que ser duro e receber provas. Eu também tive que passar por um desses testes.

Eu tinha 20 anos e tinha comprado uma camisa nova. Era de alças e seda e fiquei animado para mostrá-lo às pessoas. Quando a diretora veio, ela olhou para a camisa e disse: “que linda”. E com cara de séria, ele foi embora. No dia seguinte, vesti a camisa, e à noite fiquei lá para jantar. Enquanto estava jantando, a diretora veio por trás sem fazer barulho e com uma tesoura de cozinha começou a cortar a camisa de baixo para cima. Eu sentava o frio da tesoura de metal nas minhas costas, mas nem me mexi. Depois abriu minha camisa, deixou a tesoura em cima da mesa com força e saiu sem dizer nada. Eu me cobri e olhei em volta. As pessoas não diziam nada. Acho que eles ficaram tão maravilhados quanto eu. Levantei e fui ao banheiro sem acreditar no que tinha acontecido. No dia seguinte, a diretora me fez ir ao seu escritório e me

disse: "nem pense em se vestir assim, você faz os homens sofrerem". O engraçado é que eu era uma garota bastante normal. Havia outras garotas que também estavam de suspensórios e ele não fez nada com elas.

O que eu pensei e como aceitei essa humilhação?

Bem, havia uma parte de mim que sentia raiva. Fiquei com raiva por ter rasgado minha camisa nova. Eu tinha 20 anos, não tinha muito dinheiro, e estava animado para comprá-lo. Eu achava que as coisas poderiam ser ditas de outra forma, que essas atitudes não eram normais. Fiquei com muita raiva de ter que me rebaixar assim.

Outra parte de mim pensou outra coisa. Eu pensei que era um teste e que se eles tinham feito isso comigo e não com outras pessoas é porque eles me consideravam forte o suficiente para suportar isso. Era como se estivessem testando meu orgulho, e eu pensei: "você não vai me provocar". Eu pensei que estava ganhando por não reagir a isso, mas na verdade estava assumindo uma posição de submissão.

Os anos seguintes foram um pouco mais calmos, mas também estava mais envolvida em Nova Acrópole. Como era de se esperar, comecei a ver a realidade, ou seja, que a suposta relação Mestre-Discípulo não era tal, que não estava me conhecendo, que não me sentia bem, e ainda por cima, se me sentia mal, era uma egocêntrica sempre pensando nos meus problemas. O que fazíamos diariamente também não fazia sentido: a má organização, a manutenção da "fachada externa", o esforço para atrair novos membros, o trabalho contínuo de limpeza, burocracias, doações e viagens fazia você se perder em um absurdo angustiante. Comecei a procurar explicações e a explicar a mim mesma os problemas que via, e foi aí que começaram os problemas.

Tudo começou de forma sutil, com pequenos gestos e frases soltas. Eles te disseram algo, mas não continuaram a conversa. Por exemplo, um dia o diretor me disse: “você tem um olhar escuro”. No dia seguinte, em uma reunião, ele disse: "Vi alguém que mudou seu olhar, não transmite mais luz". Então, ao sair da reunião, ele se aproximou de mim e sem que ninguém o visse, me olhou fixamente e me disse com um tom de castigador: "para ver aquele olhar". Então ele saiu de forma zombeteira ou despreocupada. Na Nova Acrópole, havia a ideia de que quando alguém criticava ou se mostrava desafiadora, era porque havia “elementais negativos” ou certas “forças escuras” que faziam as pessoas duvidarem. Tenho várias anedotas sobre este tema de «olhares sombrios» e «forças escuras» mas por espaço não vou explicar.

A diretora um dia saiu de seu escritório, se aproximou de mim e me disse: "vigie que você tem o pecado da quarta raça", e então voltou para seu escritório, sem dizer mais nada. Esse pecado era orgulho e orgulho. Me doeu que ele me dissesse isso, que meu professor me visse assim e me dissesse essas coisas. Lembro-me, por exemplo, que para tirar meu orgulho ela me disse que um dia por semana tínhamos que nos encontrar para que eu chorasse na frente dela. Ele se sentou em uma cadeira, me fez ficar de pé na frente dele e me disse: "chora". Eu chorava falsamente, até que ela dizia: "muito bem, pronto". Então, ele se levantou e saiu sem mais. Isso começou a acontecer quando tivemos que explicar nossos traumas em "as cartas de Peldaño".

Os diretores também incomodavam outras pessoas, mas elas não davam tanta importância, então não entravam naquele jogo psicológico. Mas o que me disseram me afetou e me esforcei para fazê-los mudar. Eu pensava: “Por que me dizem isso? Talvez não vejam as coisas corretamente. Vou mostrar a eles que estão errados”. Essa era a minha armadilha: tentar fazê-los mudar.

Os desprezos sutis, e não tão sutis, e as demonstrações de carinho, eram alternadas. Outra das minhas armadilhas era mostrar indiferença e fazer parecer que eu fazia as coisas por interesse próprio e não por aprovação. Na verdade, isso também foi uma espécie de rendição da minha parte, porque eu realmente parei de lutar. Eu me retirei e me calei. Eu simplesmente obedecia.

Quando eu me afastava, o diretor costumava ter comportamentos de desprezo e intimidação. Ele me dizia que "me faltava coração", "me faltava magnetismo", que "quando não se aceita um professor, nem o aceitarão como professor", etc. Houve momentos em que eu literalmente parava de falar com ele, e costumava me intimidar para me forçar a agir. Por exemplo, quando ele me via sentado, ele se aproximava por trás e me agarrava pelo pescoço e me afogava. Eu tentava tirar suas mãos, dizia a ele que estava me afogando, que não conseguia respirar, mas ele ficou em silêncio, apertando meu pescoço com força. Então ele sussurrou para mim: "é o meu jeito de dar carinho". Às vezes, ele até fazia isso na frente de uma pessoa, que achava que era uma das piadas do diretor. Se em uma explosão de raiva eu lhe disse que era um manipulador, ele disse: por que você é tão suscetível? Então, um dia ele pegava alguém no pescoço também, embora muito mais fraco, e eles começavam a rir juntos. Depois ele me olhou.

Fico com uma impotência horrível só de lembrar.

No começo eu sentia muita devoção por eles. Eu os via como pais. Mas então percebi que a única coisa que tinha conseguido naqueles anos era me sentir cada vez pior. Foi literalmente como chegar com o coração partido, ver uma luz de esperança, e voltar ao seu coração partido, mas sendo uma escrava.

Obviamente, houve alguns momentos de descanso. As viagens, as risadas, a brincadeira que fazíamos das "excentricidades acropolitanas", a irmandade... E digo irmandade, não amizade. Mas que segurança dá a irmandade, o pertencimento... Parece que você nunca está sozinho, mesmo que ninguém nunca tenha visto quem você realmente é. Você se acostuma a viver na superfície, e desde que se adapte ao exterior e o interior não incomoda, você pode até ser feliz.

ÚLTIMAS REFLEXÕES:

Eu percebi que a manipulação é eficaz enquanto você tem certos benefícios. Por exemplo: pertencimento, admiração, poder ou simples inércia. Mas quando tudo falha, quando você não aguenta mais, quando você percebe que está quebrado em pedaços e que nada mais importa, então você para de acreditar no que antes acreditava e para de aceitar o que antes aceitava. Ao ler sobre dissonância cognitiva, percebi isso. Quando você tem evidências que desacreditam sua crença, você pode simplificar as coisas sempre que tiver algum benefício. Mas se você não tem nenhum benefício, essa racionalização não faz mais sentido e você começa a ver as coisas como elas são.

Por outro lado, o que na época considerei como a pior coisa que poderia acontecer comigo, ou seja, que meus professores me humilhassem, me maltratassem ou me considerassem "escura", na verdade **foi o primeiro passo para minha libertação**. Isso é algo curioso, ou seja, que o que você considera tão negativo em um momento, é na verdade o que permite que você se liberte.

Também vi outros paradoxos curiosos. As pessoas acreditam que as pessoas que entram em uma seita são psicologicamente vulneráveis. Eu explicaria ao contrário. Aqueles que conseguem escapar geralmente têm alguma falha que o sistema coercitivo não conseguiu manipular. Mesmo os sistemas mais corruptos exigem uma ordem moral e precisam de pessoas que saibam aderir à sua ordem de forma simples. Mas as pessoas com falhas não são tão simples assim. As coisas nos afetam mais. E quando a faísca salta, você pode ver a verdade. Às vezes, no caos de nossas próprias vulnerabilidades, encontramos a faísca que nos permite escapar do que outros, aparentemente mais 'saudáveis', nem conseguem ver. É nessas falhas que descobrimos as rachaduras de um sistema aparentemente perfeito, mas destrutivo, e é aí que nasce nossa liberdade.

Ana, dezembro de 2022

TESTEMUNHO DE Juliano

Juliano, o Apóstata. México

O GRANDE ENGANO, 12 ANOS DEPOIS

por Juliano, o Apóstata

Para o amigo que me disse que eu estava errado.

Nos últimos seis meses de 2010 escrevi, na solidão do meu estudo, um livro focado na história, a doutrina e os danos causados pela seita militante Nova Acrópole.

Os sons do ticleo cruzavam o outono trazendo de volta, as imagens do passado. Paisagens, cenas e experiências. *O Grande Engano* foi um encontro com minhas

memórias e com o que se sabe no tempo da liberdade. Isso foi uma alava de reflexões e investigações. Desejava compartilhar minhas experiências, minhas descobertas.

Ao adicionar páginas, lembrei-me de que, ao deixar a Acrópole, refleti muito sobre por que me tornei parte e como fiquei desapontado. Mas ainda mais: ouvir, com o passar do tempo, os relatos sobre a injustiça aos membros que permaneceram e aos que chegaram depois, até mesmo a alguns que nasceram na seita, me confirmou a utilidade social do que fazia.

Girava capítulos tendo constatado as pegadas emocionais, os casamentos destruídos, as expectativas de vida frustradas, as maternidades arruinadas, a perda dos afetos, os danos morais, a dor e, sobretudo, o fantasma que os cercava, o de serem responsáveis pelo que aconteceu, não a organização e seus líderes. O que eu sabia sobre os outros me afetou mais do que o que aconteceu comigo. Então procurei abrir um farol de advertência sobre as manipulações que a Nova Acrópole faz e oferecer esperança de que é possível sair e curar, por meio do ato fundamental de *saber*. O livro foi para dar voz àqueles que vivem essas experiências em nível global e encontrar um pouco de justiça para eles, não foi só para mim.

Verificando arquivos, pensava nas denúncias, reportagens, relatórios de aparições na Europa. Sem diminuir o mérito, me pareceu que eu poderia contribuir com uma fiação mais profunda, então me propus a articular uma descrição em diferentes níveis, para alertar sobre as verdadeiras intenções e práticas do grupo fundado por Livraga Rizzi.

Muita coisa aconteceu, mas ninguém esperava que *O Grande Engano* fosse profético. O que foi descrito em suas páginas foi corroborado por experiências dos membros da seita. Como previsto no livro, Nova Acrópole México sofreu uma desbandada que quase a destruiu. Também se verificou que o culto ao poder que a seita tem é grave, mesmo para eles mesmos, porque possibilitou que seus líderes Lidia Pérez López e Esmeralda Osuna Lafarga se apoderassem da seita no país e mudassem de nome, para criar uma facção chamada Inspira. Eu disse profecia? Não. Foi uma previsão, baseada na lógica do mundo descrito e sua atuação.

Não estou aqui para destruir uma seita. As seitas se destroem sozinhas.

Hoje, aos 50 anos do golpe de Estado no Chile, lembrei-me da admiração de Livraga pelo ditador Pinochet. Na conjuntura dos dramas libertários considerei que poderia fornecer este testemunho de fatos relacionados com o livro, mas mais ainda, para falar do presente e do futuro, com você livre da seita.

Na janela

Durante a primeira distribuição de *O Grande Engano*, Nova Acrópole teve uma reação de violência que envolveu, em última instância, a ameaça implícita de matar. Não vou contar os detalhes por ser delicado e envolver a segurança dos afetados, mas tenho autorização para fornecer dados que permitirão que você saiba o que poucos ou ninguém sabia na época.

De minha parte, não foram esses fatos que eu deixei de ser visto. Minha primeira ideia foi circular o livro gratuitamente e nada mais. Depois, me perguntei se haveria ex-membros que o lessem e desejassem expandir as denúncias. No entanto, as redes sociais com seus alcances e interação estavam menos desenvolvidas do que agora, por isso, não tive mensagens, nem do México, nem de qualquer lugar e, como vou comentar, não encontrei utilidade em fazer abordagens. Então eu terminei, porque eu tinha cumprido meu objetivo.

... E estávamos na caverna

Saí da Nova Acrópole porque acabei tendo uma crise moral. Há anos eu estava convencido de que minhas ações eram, como nos diziam, em benefício da humanidade, por meio do que Acrópole chama *de serviço* e outras seitas *a seva*. No entanto, quando testemunhei os abusos que estavam acontecendo tanto contra outros membros quanto para mim, a consciência começou a despertar gradualmente. Passei de justificar a realidade, a negá-la e finalmente a aceitar sua veracidade.

Começou como uma sensação física de desagrado com a ideia de me apresentar na sede e depois foi uma voz interior, insistente, que começou a questionar a natureza da Nova Acrópole. A informação capturada aqui e ali se acumula em seu inconsciente e emerge como o que Acrópole chama de “a crise”. Eles estão conscientes de sua existência e a definem como um episódio de fraqueza gerado pelo egoísmo e perda de captação do membro, em relação ao esforço envolvido no serviço à humanidade, e tentam sufocá-lo injetando sentimentos de culpa, vergonha e dando punições morais ao membro, já que sabem que a crise é na verdade um despertar da consciência.

É importante notar que a crise em uma seita não é um evento único. No plural, considero as crises como resultado de acumulações na experiência do abuso. No singular, uma crise pode ser definidora. Todos nós vimos que uma crise leva a sair da Acrópole ou a afundar mais nela. As crises são, na verdade, o produto do que a ciência chama *de dissonância cognitiva*. As crises são uma dissonância que pressiona sua consciência.

Normalmente, a crise é causada por um evento desencadeante. Eles te dizem algo, você olha, você vive algo, que libera o efeito das experiências negativas acumuladas.

No meu caso, o evento desencadeante foi uma reclamação que um jovem segurança me fez, em parte dolorosa e em parte serena. Mostrou-me o sofrimento que lhe causavam minhas decisões como seu comando, as dúvidas que experimentava pela pressão a que o submetia, que era, aliás, menor do que a que eu me submetia e em que me encontrava.

O menino estava em crise. Portanto, eu poderia tê-lo silenciado, impor-lhe guardas de punição, exhibi-lo em público, como se faz, mas à medida que o ouvia, suas palavras me causaram uma profunda impressão. Algo dentro de mim me forçou a prestar atenção nele. Com suas palavras me foram aparecendo acontecimentos, cuja interpretação passou de ser a conhecida, que eram compromissos de discipulado, de superação do ego, de sacrifício necessário por um dever, a capturá-los como de natureza falsa e violenta. Violência em todas as áreas, que por anos eu havia ignorado, mas à qual estava adaptado, sentindo-a normal em nossa comunidade, e fez emergir em minha memória, momentos, emoções que eu estava montando. Eu ouvia, mas também me ouvia. E uma boa parte disso era eu dizendo a mim mesmo que estava abusando moralmente dos outros, para começar com aquele garoto. Minha voz me repetia, com um tilintar incessante, inflexível, que o que aquele guarda me dizia era, me causando um sentimento de horror sereno, que era a verdade cruel e lacerante.

Nunca soube o que o levou a me dizer isso, ou seja, o que o levou a *me* dizer. Poderia ir com machados, com o Chefe de Forças Vivas ou com o próprio Comando Nacional. Embora eu fosse seu canal hierárquico, só por ser a fonte de seu desconforto ele poderia ter evitado. Amém que tivessem gritado, punido e de passagem para mim por não contê-lo, além de sua ingenuidade por acreditar que protestar servia de algo, quero pensar que ele me disse isso, além de por rebeldia, porque ele acreditava que eu poderia ouvi-lo e por isso, embora eu não soubesse nada de sua vida pessoal, e depois que parei de vê-lo nada soube, o considero amigo e dedico este testemunho a ele.

Nesse momento, respondi-lhe de forma evasiva, mandei-o de volta aos seus deveres e retirei-me para uma sala vazia, prisioneiro de uma série de emoções que me

cruzavam sem poder contê-las e de pensamentos em desordem. Eu me senti tocado no que eu considerava minha identidade mais profunda. Senti-me confrontado com a terrível verdade, sem capacidade de fugir daquela sensação, atravessado por um grito de reclamação, de acusação que vinha da minha mente, de que, em vez de ser um guia, havia me tornado um instrumento de sofrimento e engano para aqueles que confiavam em mim. Eu era um defensor apaixonado da militância, da devoção a um Mestre e da colaboração em uma causa nobre que buscava viver e sustentar não com palavras, mas com minhas ações. No entanto, em um instante, percebi que, em meu desejo de ajudar, havia me tornado, sem perceber, parte de um sistema que abusava da confiança das pessoas e manipulava suas vidas de uma maneira que contradizia meus próprios princípios morais. Além disso, ele estava tomando consciência dos horrores históricos do nazifascismo que, junto com o senso heróico, era parte da medula do que considerávamos nossa mística. Foi uma tempestade silenciosa que pressionou minhas temporas com o índice inflexível da vergonha.

E o que me aconteceu, cheio daquela vergonha que me doía como uma facada, me martelando, foi que, naquela sala vazia onde eu tinha dado aula de filosofia moral, de simbolismo e alcançado os voos de comentar que não veríamos o Novo Mundo, mas que aquele mundo de beleza merecia as almas de amanhã, sentei-me onde os integrantes, e cobri meu rosto, e arduamente e silenciosamente, comecei a chorar com lágrimas ardentes. Eles haviam espetado na minha cara que eu havia perdido de vista o que realmente significa ser uma pessoa compassiva e justa. E mesmo agora que me lembro, sinto essa vergonha novamente, e me sinto grato por ela.

Suas palavras foram o momento desencadeante de uma crise que me levou a deixar a Acrópole, também como costuma ser, não imediatamente. É difícil abrir mão dos afetos. É difícil desistir do que você tomou como uma diretriz sagrada em sua existência. A última vez que estive na Acrópole, fiquei em frente ao fogo do chamado templo da Segurança. Diante da chama que queimava o tempo todo, lembrei-me de quando me untei à Acrópole. Eu estava procurando uma causa. Senti que a encontrei na Nova Acrópole, como ela a oferecia. Lembrei-me de quando me tornei elemento de Forças Vivas. A sensação de ação quando antes da cerimônia de juramento, me disseram para colocar a gravata preta no espaço do terceiro botão da camisa da mesma cor, com a faixa vermelha no braço. "Posição de ataque", me explicaram, e eu estava disposto a tudo.

E o que havia de base, a ideia de que os atos e sacrifícios eram transcendentais em benefício da humanidade não era mais do que um engano gigantesco e patético, porque a forma que assumiu era o oposto disso e era imoral. O que mais me doía era a traição de Acrópole para acreditar, mas eu estava processando isso. Lembro-me de que de pé diante da vela, minha expressão era serena, e senti meu olhar concentrado e nela outra chama, esta, a de um primeiro vislumbre, uma certeza ainda vaga, de que a história não ia terminar assim.

Cessei as memórias, apreciei minha boa vontade e, ouvindo os sons do trabalho sem fim, inútil para o mundo, daqueles que estavam lá fora, pensei que pode haver sonhos celestes e despertares terrestres. Depois saí e não me despedi de ninguém, nem perguntei por ninguém no futuro. Dos que conheci, só tenho uma lembrança especial, um homem de ideais que mereciam uma causa melhor, daqueles que têm silêncios cheios de emoções e paisagens onde os heróis criam mundos. Aqueles que podem existir exatamente onde a Nova Acrópole não está. Anos depois soube que ele tinha ido embora e fiquei muito feliz por ele, embora nunca lhe diga.

Uma janela

Sei que alguns que me leem podem estar interessados em saber se meu testemunho os afeta, porque são responsáveis por abusos econômicos e sexuais. No entanto, meu foco não está neles. E não posso ser acusado de nada disso, porque nunca cometi. Minha responsabilidade foi diferente. É o de um tipo de membro que busca um compromisso existencial. Minha responsabilidade era falar de falsidades como se fossem verdades. Que eu as acreditava que era verdadeira e era a tônica de alguns, nunca me fez sentir melhor.

Havia uma nuance. Desde o início reconheci, além da filosofia, o conteúdo do esoterismo de Blavatsky e do nazifascismo, que reitero, como disse no livro, que também me atraiu. Pensamento característico de certos jovens que se rebelam contra os sistemas tradicionais e que consideram que a democracia pode ser uma forma de ditadura, de 20 anos acreditava que o nazismo era um caminho válido para contribuir para um mundo melhor e que falhou porque foi traído. Eu o identifiquei desde as primeiras aulas e o vi diante dos meus olhos quando entrei em Forças Vivas. Seu ambiente de religiosidade pagã satisfazia em mim uma necessidade de mística, embora antes eu tivesse feito coisas assim. A estética, mas principalmente a tônica e os conceitos dos totalitarismos, foi algo que percebi imediatamente. Por isso entendo que foi capturado por Westland New Post, um grupo filonazizi que teve aulas na Acrópole e sobre o qual falarei mais tarde.

Ele tinha alguns pensamentos que não colidiam com o que percebia da Acrópole, mas o contrário. Eu acreditava que uma causa nobre não poderia avançar apenas com pessoas gentis, mas que um exército era necessário para impulsioná-la. Eu disse a mim mesmo que um problema era que os bons rezam, enquanto os maus os esmaqueiam. Eles precisavam de bons e com faca. Esta perspectiva não era apenas minha, usando outras palavras era o talento de Forças Vivas, talvez não de Brigadas Femininas nesse estilo de fanatismo, onde exceto algumas, as outras viviam o que consideravam o compromisso, formas que você aprendia de publicações e que inferia da própria existência dos círculos internos, embora a maioria não visse seu pano de fundo e muitos poderiam ter estado igualmente atendendo, mal, um bar. Quando tive a crise, que foi definitiva, há algum tempo que entendia que essa forma de agir era

imoral e o perigoso de encorajá-la quando se adiciona um componente esotérico ou pseudofilosófico.

Quando chegou a hora de escrever *O Grande Engano*, eu sabia que tinha que fazer essas confissões para que elas ajudassem a fazer entender o contexto. Agora me aprofundei para a mesma coisa. Para chegar à luz, você deve mostrar algumas sombras.

O depois

Pelo que vivi, além do que testemunhei, neste testemunho acrescento elementos que podem ser úteis para você.

Em algum momento do caminho, mesmo que você seja movido pelo impulso de ajudar a conhecer o problema, a seita deve desaparecer de sua vida e você deve se dedicar aos seus projetos. Construindo sua vida, você desliza para fora dela as formas de pensamento e ação que a seita impôs a você. Você é mais você do que nunca, uma vez que você se liberta.

Tenha em mente que a seita sempre vai querer desmerecê-lo dizendo que você está "zangado, ressentido". Claro que você está bravo. Os sujeitos te enganaram. Mas eles tentam reverter o foco da responsabilidade para se esconder, atribuindo-o a você. Ou eles te culpam pelo problema que eles causaram. Que um grupo cometa um erro e acuse os outros de tê-lo cometido, é um recurso tirado dos critérios de Goebbels.

Quando você está saindo da influência da seita, convido você a evitar certos erros ao gerenciar a situação.

- *Não analisar a experiência e fingir que você pode continuar sem mais.* Um dos erros mais significativos é não refletir sobre o que levou você a ser capturado por uma seita. Isso pode levar à manutenção dos padrões de pensamento que o colocaram em risco. Isso pode resultar em você "pulando de seita em seita". É vital analisar criticamente sua experiência e assumir suas responsabilidades. Sugiro evitar o "me ensinaram o que não se deve fazer e agradeço a eles".
- *Comporte-se com as mesmas relações de poder de quando estava dentro.* Ao sair da seita, é natural buscar apoio entre aqueles que deixaram a organização, porque uma primeira sensação é que você está totalmente

sozinho. No entanto, se você tentar manter a mesma dinâmica de influência que teve na seita, você está perpetuando o controle e a submissão, especialmente se você vier de uma seita paramilitar como a Nova Acrópole. Busca ter relações de igualdade e respeito mútuo.

- *Não crie sua própria dinâmica e projetos.* Uma vez fora da seita, é importante não estender a mentalidade ou o ritmo de vida que você tinha. Você deve se esforçar para construir sua própria vida, criar seus próprios projetos e valores.

Continuo meu testemunho, com minha experiência com o livro em 2010-2011.

Bastidores de *O Grande Engano*

A origem do livro é um blog onde denunciei a fraude acadêmica do então Comando Nacional, Lidia Pérez López, que sem ter os estudos se diz Dra. em psicologia *summa cum laude*, diante da mídia e da sociedade, porque essa é sua personalidade, mas também porque Nova Acrópole ensina a falsificar na prática, para alcançar seus propósitos.

Como Pérez López é a mais alta autoridade da seita, e seu comportamento é comum nos comandos da Acrópole, considerei que a denúncia dava um panorama de suas hierarquias, mas também de como os adeptos não descobrem a verdade ou se a conhecem, a justificam. Para que não se pense que pessoas com problemas são as enganadas por seitas, fica claro que todos podem ser enganados, quando até hoje, nenhuma autoridade ou grupo de profissionais toma medidas sobre o assunto, mesmo quando foram alertados.

Realizei a pesquisa em locais acadêmicos oficiais, inclusive Harvard e a Sorbonne, onde Pérez López afirmou ter dado palestras, e dei provas de sua usurpação de profissão. Depois, um bom garoto da Acrópole, encontrei sua foto, me enviou o endereço de um site, dizia sua mensagem, contra "minhas difamações" contra seu Comando Nacional. Visitei o site com curiosidade, mas obviamente, não havia nada. Se foi um truque para me hackear, eles levaram um vírus. Também recebi um convite

de Esmeralda Osuna, então líder da Acrópole, para conversar, disse, mas para mim foi uma perda de tempo porque falar com uma dogmática é o mesmo que falar ao ar.

No tempo anterior ao blog, duas Brigadas Femininas denunciaram por iniciativa própria e boa vontade, com Delia Steinberg, os abusos do Comando Nacional do México, Lidia Pérez. Em troca, uma delas recebeu ameaças de advogados, ainda mais quando as relacionam posteriormente ao livro. O convite que foi feito a outra delas, também por parte de Osuna Lafarga, foi em um quadro onde sem ter provas a apontou para participar com Juliano e a conversa foi, cito a frase que a líder usou, "para ajudá-la a sair de seu erro". Essas Forças Vivas reafirmaram sua decisão e deixaram a Acrópole.

Sem saber disso, baixei o blog que fiz porque, embora tenha chegado ao seu destino, estava escrito com um estilo sarcástico pouco propício para a análise de terceiros, já que, embora sua usurpação de grau seja verificável, eu disse coisas como "*doutora summa cum fraude*", o que me divertiu, mas não era meu interesse, mas fornecer informações para reflexões. Precisava-se de mais. Foi um passo no desenvolvimento do meu conceito, porque pensei em denunciar a própria Acrópole.

Entrei em contato com autoridades judiciais e policiais, para obter informações sobre o apoio àqueles que denunciam atividades relacionadas a seitas. A experiência foi caracterizada por ser um processo em que fui encaminhado de uma instância para outra. Um dos policiais praticamente me submeteu a um interrogatório, em busca de contradições, o que me fez sentir como se fosse o suspeito, até que desliguei. Outro, com um sorriso cínico, me perguntou sobre minhas possíveis motivações de lucro econômico. Outra autoridade expressou seu medo em relação às seitas, enquanto outra me aconselhou a não me envolver, argumentando que sua experiência indicava que poderia haver risco de violência, sem possibilidade de apoio para mim. Finalmente, na minha última interação, decidi apresentar uma declaração por escrito com meu nome, embora me explicassem que um conflito de palavra contra palavra não levaria a nenhum resultado positivo. A única coisa agradável durante este processo foi a atenção gentil de um policial e outro, também atencioso e proativo, que me disse que se fizesse a demanda, diante de qualquer problema poderia ligar para eles de emergência, sendo um grupo conhecido como *Os 300*. Verifiquei a falta de instrumentos para atuar nessas situações. Decidi não buscar esses apoios.

Procurei alguns especialistas para buscar associação, mas não tive eco. Ou não sabiam ou não podiam ou não queriam. O mais destacado foi Pepe Rodríguez, que me deu uma resposta atropelada, sordão, nervosa, quando lhe disse que estava na Acrópole. As razões de sua atitude são desconhecidas para mim, mas eles me deixaram uma lição. Decidi não recorrer a especialistas.

Mais tarde descobri que as ONGs se sustentam, Red de Apoyo Inc., RedUNE, RIES. Mas naquela época, a única pessoa que podia narrar o que eu sabia era eu mesmo, não sendo quem eu era, mas quem eu era agora.

Os fatos, como foram acontecendo, me mostraram a necessidade de não me limitar ao México, mas ampliar o raio de ação do que eu poderia contar. E que, visto o panorama, o melhor para cobrir o que tomava forma no meu conceito, era elaborar um livro.

Então, cheguei a essas horas de ticleo frutífero. O nome de Juliano veio à minha mente, porque ele havia vivido em uma crença da qual mais tarde se afastou. Ele é o maior dissidente da história.

No conteúdo, tive que fazer rastreamentos às vezes detalhados, porque na Internet há muito tempo estava sendo apagada informações que ligavam a Nova Acrópole com metas negativas. Desaparecimento de links e exclusão de sites. Ou por meio de intimações de advogados de "cessar e desistir" ou por hackers ou outros.

Abordei a história de Livraga a partir do fio que sempre tive: apresentar-me como parte de uma Academia Asteca de Arte que, sendo mexicano, você acha inexistente e que naqueles dias era risível para mim. Não o vi mal porque tinha assimilado o que Acrópolis ensina, "o fim justifica os meios... quando se trata do Ideal". No entanto, a surpreendente mentira da Academia Azteca me fez barulho e na hora de trabalhar o livro comecei a pesquisar mais, até que organizei a informação que compartilho.

O Grande Engano traça uma conexão direta entre a Acrópole e os princípios primordiais de seu fundador, aprofundando-se na controversa questão do filonazismo na seita. O livro argumenta que o filonazismo, embora nem sempre seja evidente, não pode ser ignorado e, em alguns casos, se manifesta de forma explícita. Isso destaca a importância de reconhecer que mesmo na Europa, muitos na Acrópole não sabem do que se trata quando cantam *Cara al sol*, o hino da Falange espanhola, ou a referência a "camisas negras", os fascistas de Mussolini e "camisas pardas", os nazistas de Hitler. Ambos os nomes são usados pelas Forças Vivas, mas não causam efeito sobre os adeptos devido à doutrinação, ou simplesmente pela falta de informações sobre a ideologia e códigos associados ao nazismo e ao fascismo, além de seus nomes.

Para uma pessoa conhecedora, ouvir "camisas pardas" o alertaria imediatamente. Por isso, foi importante para o livro colocar os emblemas cujas associações de conceito percebi na época, bem como convidar a refletir que tantas coincidências são significativas, não aleatórias e traçam sua identidade real. Entender que o declínio atual das manifestações não significa, por si só, que a era de Livraga foi apenas uma

mistura absurda de radicalismos e incenso. O criador e sua criação não podem ser separados.

Claro, nem a Nova Acrópole, nem ninguém, é nazista, porque o nazismo morreu em 1945. Também não são neonazistas porque não fazem reivindicações nacionais associadas a essas ideias. É um filonazismo, um nazifascismo esotérico, pseudofilosófico, preconceito que não evita suas origens ou intenções. Não se trata de levantar a existência de um ogro hitlerista, mas que essas doutrinas tendem fios subterrâneos que determinam o comportamento do grupo e justificam as ideias que introjetam seus seguidores.

As festas de fim de ano de 2010 eram celebradas quando fechava o livro com dois testes para buscar maior objetividade na orientação ao leitor, com base em elementos-chave da experiência. O episódio de Eva e Elias, personagens fictícios, é verdadeiro porque reúne os elementos de trajetórias na Acrópole dentro do esquema piramidal. Mantive o tema do Comando Nacional Lidia Pérez porque, embora fosse um assunto local, considere um botão de amostra da maneira de se comportar de muitos comandos médios e altos da Acrópole a nível internacional. Também achei importante porque geralmente os membros de um país não sabem dos abusos cometidos em outro, e isso lhes daria uma janela de verificação. Assim, por exemplo, pode ajudá-lo a entender que a ideia de que a Acrópole é essencialmente boa não é realista, mas que apenas onde você mora foi estragada ou arruinada por um líder ou falha em lugares onde você não pode mantê-la. Nova Acrópole é o que Livraga projetou e regulamentou.

Jonestown aparece porque o FBI tem, online, a gravação das horas dramáticas em que a seita na Guiana se imola e encontrei nos diálogos, na tentativa de dialogar com o abusador, nas evasivas de Jim Jones, nas refutações dos mais fanáticos, o sistema da Nova Acrópole, ou seja, as falácias sobre a falta de vida pessoal diante da suposta missão do grupo, a coerção em nome dos compromissos assumidos e a submissão *de fato* a um líder. Nos anexos, resgato material de meses anteriores que foram, sem eu saber, o caminho para o livro.

A distribuição

Uma vez que tive o trabalho, localizei os sites da seita no México, além de recuperar e-mails de ex-membros com os quais não falava há muito tempo e uma tarde fiz envios em massa. Tenho a agradável suspeita de que houve reenvios. Era para informar.

O que apresentei pode gerar dúvidas, como se o estandarte de Livraga na forma que é descrita, existe na realidade. Eu vi em uma imagem impressa, colorida, de pelo

menos 120x80 cm e não só eu vi. E se foi visto no México, é claro que foi visto na Europa, porque lá o fizeram, especificamente na Espanha, de onde veio todo o material doutrinário. As acusações do filonazismo da Nova Acrópole não foram invenção da mídia, nem erros de apreciação. Originaram-se de revelações que, ao se juntarem, geraram um consenso de preocupação social e política, a partir de denúncias de ex-membros que não se conheciam e que foram às suas autoridades, em uma corrente que veio principalmente da Bélgica, Espanha e França, até a Comissão Europeia.

Hoje, quando os slogans fascistas retornam e marchas de tochas de origem nazista são feitas nas ruas da Europa, volte seu olhar, você se lembrará que também são realizadas na Acrópole. Hoje, quando abundam as cenografias de estética nazista onde os estandartes são mostrados em meia luz e mais do que antes se vêem braços para cima, hoje, quando na América se revivem insígnias e conceitos de intolerância, será necessário maior conhecimento do passado para que você não acabe como um escravo, porque um dia você comessistiu a um café filosófico ou a uma escola para pais e professores. As seitas estão cheias de advogados e psicólogos. Não é o Hitler debaixo do tapete, é o conceito, a mística e o método, é a submissão das pessoas em nome de grandes ideais, da paz, do propósito e até do amor e da felicidade.

Não foi inventado na América. Seguimos os usos, costumes, Bastiões, Ameneiras, boletins de Forças Vivas e manuais que chegaram da Europa e nenhum membro de seus países, nem Livraga, quando vieram disseram que tínhamos distorcido algo.

Quando distribuíamos panfletos de propaganda, às vezes, sem perceber, os damos a estrangeiros. Mais de uma vez, foi oferecido aos espanhóis que fizeram cara de desagrado e disseram "ah, não, sabemos disso na Espanha". Eles sabiam algo que vivíamos, mas que praticamente ninguém do grupo sabia identificar. E não nos foi comunicado, nem se perguntou a essas pessoas, embora estivéssemos frente a frente. Havia uma lacuna na informação. E isso também acontece entre ex-integrantes. As lacunas de experiências e percepções serão acentuadas e é nisso que a Nova Acrópole aposta.

O ano de 1945 está próximo de seu centenário, a que mexicano de 18 anos, a que salvadorenho de 20, a que argentino de 30, parece importante para sua vida presente, a existência de vez desses totalitarismos? Mesmo para muitos jovens europeus, eles parecem distantes e sentem que sua presença na Nova Acrópole é impossível. Mas se eles não os conhecem, e a Europa tem um problema com os retornos da direita radical, um dia eles estarão vivendo-os sem saber, enquanto plantam árvores ou cuidam de animais.

Você acha que aqueles que vão ao Inspira, que é uma cisão da Acrópole, sabem que o grupo vem de uma seita? Você acha que eles abandonaram as práticas sectárias? Os

novos diriam que é impossível que Lidia Pérez e Esmeralda Osuna lancem ameaças de retaliação, porque nunca as viram fazê-lo. Como você acha que o trabalho de quem está lá é mantido? Eles não param de falar de amor, mas provavelmente têm um círculo interno copiado de Forças Vivas, assim como Inspira é uma cópia do GEA que desvinculou Acrópole da imagem nazifascista e, em seu lugar, o voluntariado social foi sustentado. Amor e mais amor, inspirado por seus líderes que vieram da Acrópole, que humilharam e manipularam pessoas em graus incríveis, Pérez López que quando ficava furiosa nas reuniões de comandos por trabalhos não realizados, derrubava pratos contra as paredes, lançando gritos de raiva que se ouviam por toda a sede. Hoje, quando a Inspira completa 10 anos, dirão que é impossível para Lidia Pérez cumprimentar pessoas uniformizadas, levantando o braço direito e gritando *Ave, vitória ou morte!*

Ao finalizar o trabalho do livro, já perto do novo ano de 2011, ele me disse que haveria opiniões contraditórias, o que geralmente acontece com um trabalho dessas características, mas o importante era motivar a análise corajosa e pessoal. Eu quero alertar, não estou interessado em que me dêem razão. Decidi que se intitulou *O Grande Engano* porque em uma cafeteria, uma tarde de Natal depois de tomar dimensão do experimentado, veio a frase: *Nova Acrópole, O Grande Engano*. A capa representa que a seita é a Caverna de Platão, mas que a verdade te coloca de frente para fora.

Uma vez que distribuí o livro e também coloquei em um blog, sabia que o envio para a Acrópole México levaria à proibição de lê-lo. Por pouco que você saiba sobre as seitas, você saberá que é de se esperar. A rede esteve presente e os líderes avisaram seus membros da secretaria para apagar o e-mail, sem vê-lo. Apesar disso, eu tinha certeza de que, mais cedo ou mais tarde, eles apareceriam.

Eram outros tempos das redes sociais. Enquanto isso acontecia, houve resenhas e uploads do livro na RedUNE, Red de Apoyo Inc. e RIES, que aproveitei para agradecer, porque foi por sua iniciativa, já que não entrei em contato com essas ONGs por causa das experiências anteriores com outras instâncias, incluindo-as em meu conceito sobre terceiros, erroneamente, mas também ao saber que uma quarta instituição havia se recusado a divulgar os pedidos de apoio de alguns dos ameaçados pela Acrópole por ocasião do livro, em uma resposta que li e que me pareceu quase um insulto à inteligência.

Sei que *O Grande Engano* foi lido e me pediram uma tradução para o inglês, para a qual não tive orçamento e lamento. Além disso, não tive conhecimento exato do apoio que a obra deu, exceto que, por cau do livro, Acrópole perdeu negócios na América Central. Era estar em uma ilha deserta e lançar uma voz no oceano. De minha parte, meu melhor desejo é sempre que sirva a alguém. Uma vida vale a pena.

Reação da Nova Acrópole

Aconteceu o que eu sabia e tinha me mentalizado, as ameaças, porque quem se lançava naqueles tempos em algo assim, entendia que as intimidações chegariam, sem contar com muito apoio contra elas. Imagine como era antes das redes sociais existirem. É por isso que o anonimato é geralmente usado.

A seita já usava advogados, embora fosse menos hipócrita e lançasse advertências através de seus líderes, bem como ameaças com intermediários, o que também não é muita transparência. Eu tinha calculado que eles iriam contra mim como um de seus suspeitos, mas eles não queriam me procurar, quase me sinto ofendido, eles foram contra outros e isso deu uma nuance diferente.

Não vou relatar certos detalhes porque é conveniente para a segurança do assunto. Pode-se dizer que Nova Acrópole nos casos de dissidência que começa a se mover, além de desencadear uma caçada interna para saber se eles têm infiltrados, porque de fato, a liderança não confia nem nos seus, também convoca os comandos e monta uma lista de suspeitos com base em seu comportamento quando eram membros e nos termos em que partiram. A reação imediata é a do tiro de espingarda. Eles jogam tudo para ver quem se move. Além disso, eles salvam seus dados de localização. Quando seus ex-colegas procuram você para cumprimentá-lo depois de sair da Acrópole, o que eles fazem com isso é verificar se têm suas informações atualizadas. O café que você é convidado é para saber o que você faz e pensa. Eles falam muito bem com você e no retorno dão um relatório. Eles acreditam que vale a pena trair sua amizade, por ser o Ideal.

Um dissidente ainda pode ter afinidade com alguns membros, mas é importante entender que eles não são mais seus amigos. O choque emocional vem quando você percebe que eles o tornaram um inimigo que prejudica o Ideal. Eles se voltam contra você de uma forma que você considerava impensável. Você costumava chamá-los de "seus irmãos" e não acreditava que eles fossem capazes de machucá-lo, você esperava que eles pudessem entendê-lo, especialmente depois do que você compartilhou com eles. Além do que está associado à ideia do Discípulo, você lhes emprestou dinheiro, fez favores, conheceu sua família e passou anos com você. No entanto, ao descobrir que estão de costas para você porque você expressou uma reclamação ou decidiu sair, você percebe que a conexão era uma ficção. E a rejeição vem de algo tão essencial como casar com alguém que não é da Acrópole. Não há uma resposta madura da parte deles, o que faz você entender que não pode confiar em ninguém. Torna-se evidente que não respeitam nenhum vínculo anterior. Mesmo em locais onde se vive uma Acrópole mais leve, a violência aparece de várias maneiras.

Enquanto eu esperava, e quando ficou mais difícil, eu sabia que por dentro eles estavam passando por um momento difícil. Se eles estão tentando te desinquietar, é porque eles estão mais inquietos.

Comunicações

Soube por e-mail de pressões e ameaças, veladas ou não, a alguns ex-integrantes, já que no blog eu tinha um endereço de e-mail. Ele havia respondido a membros mexicanos que queriam ficar à margem, mas que concordavam com o livro ou tinham diferenças. Além disso, fui enviado insultos por "Cavalheiros" sem bandeira e "Senhoras" que não são tanto.

Em janeiro, me perguntei se haveria ex-membros interessados em denunciar, e a resposta que recebi foi um silêncio que me pareceu compreensível. Uma vez que você entra na Acrópole, você percebe que não é uma escola de filosofia.

Como uma semana atrás recebi mensagens de exForças Vivas. Seu tom era medido, equilibrado. Disseram-me que tinham lido o livro, que concordavam e ficaram surpresos ao descobrir o viés do nazismo, que lhes parecia distante, porque não tinham ideia do que faziam nesse sentido.

Uma das mensagens, e tive a confirmação de que todas as recebidas naquela fase eram verdadeiras, veio de uma ex-Brigada, que me disse que havia recebido um telefonema, que respondeu afirmando que não se deixaria intimidar. Pela buzina, uma voz sem sotaque, não identificável como de Acrópole México, suponho que, de Segurança Internacional pelo fator de falta de sotaque, que era um recurso para camuflar a nacionalidade, foi-lhe dito que "Juliano deveria retirar o livro ou haveria represálias" contra ele e contra quem recebeu a ligação e que "Juliano deveria pedir desculpas a Nova Acrópole e à Professora Lidia Pérez López".

Lá soube da história das Brigadas Femininas que denunciaram dentro da seita.

Recebi outras mensagens de ex-Forças vivas, que não comento porque só tive autorização de poucos, se for o caso.

Assim também uma semana e meia de distribuição do livro, a visita presencial de um bravo guerreiro do Corpo de Segurança que foi acompanhado por seu pai, a uma das mulheres que escreveram para o Comando Mundial Delia Steinberg.

O indivíduo foi mensageiro da seita, não se limitando a entregar a mensagem, mas envolvendo-se ativamente, ao mostrar ter faculdades de representação da Nova Acrópole. A intimidação se manifestou através do aviso de que Acrópole recorreria a advogados internacionais para processar a mulher, pelo livro de Juliano. O sujeito disse a ele "você não escreveu o livro, mas a carta que você enviou é o nome visível que eles têm, o *grupo* de advogados irá por você". No entanto, eles também ofereceram a possibilidade de que a pessoa ameaçada tivesse o apoio de um dos líderes mais comprometidos do México, para tentar "resolver o erro" da ex-Brigada. Observe como eles continuam se comportando como se fossem mestres.

O indivíduo acrescentou que a única maneira de parar o conflito era que Juliano retirasse seu livro, então entendi que essa visita não poderia ser realizada sem saber do ultimato telefônico, e a visita também era uma intimidação. Apesar de ela não ser autora, nem colaboradora de *O Grande Engano*, foi atacada, sendo provável que a seita estivesse indo contra quem quer que fosse e eu mal sabia. Esta mulher seria responsabilizada pelas ações de Juliano.

O mais grave é que o ameaçador era o marido daquela mulher.

Nova Acrópole é um mundo de violência secreta. É natural para eles. Eles são corrompidos pela herança de Livraga. A fachada da filosofia e do amor desmoronará mais cedo ou mais tarde.

Talvez eu não saiba quem falou naquela ligação ameaçadora, mas até hoje, sei quem foram os responsáveis. São quatro pessoas básicas, e devido à sua posição na época, eram os principais autores. Os lacaios que enviaram não esconde sua participação.

Acrópole e seus comandos, impossível que Steinberg Guzmán não soubesse, os enviaram na linha de frente, colocando-os em perigo, sem se importar com as possíveis consequências. Não peço desculpas a eles, eles decidiram participar. E é ingênuo pensar que você pode lançar ameaças do tipo que Acrópole fez, sem provocar uma reação. Pessoalmente, não desejava esse confronto, pois havia pessoas na Acrópole que eu apreciava, outras que eu não gostava, mas que eu não desejava mal, e outras que não tinham relação com o conflito. Ele sabia que por esse caminho isso terminaria da pior maneira e que Acrópole ficaria impune, tendo enviado seus seguidores para enfrentar as consequências por eles.

No entanto, houve outras respostas. Descobri, duas semanas depois, no Youtube porque não tinha e-mail prévio, que um dos afetados realizou uma coletiva de imprensa para denunciar as ameaças e, de passagem, divulgar o rosto sectário da Acrópole. Ele me escreveu mais tarde e também autorizou a comentar se necessário, o que o acusaram de ser Juliano por mensagem de texto, e lhe deram provas de que o

havam fotografado na festa pública de um coletivo artístico, cuja presença havia anunciado no Facebook.

A falta de conexão entre os envolvidos pela seita foi um fator característico nesta situação. Depois de alguns dias, soube das tentativas da Acrópole de hackear os perfis do Facebook dessas pessoas, bem como um roubo de conta de e-mail.

Além disso, e isso muito depois, soube que um dos ameaçados ligou para Lidia Pérez para responsabilizá-la pelas ameaças e avisá-la de que, se continuassem com a ex-Brigada e contra ele, tomaria ações legais e policiais.

Eu estava considerando a situação. Eram os últimos dias para a terceira semana. Nesse nível de confronto, a resposta não pode ser facilmente medida. Eu havia antecipado a possibilidade de enfrentar insultos, assédio e até mesmo as intimidações próprias do tiro de espingarda, inclusive, que me identificassem e se apresentassem para que eu tivesse que responder, mas mencionar contra várias pessoas, "represálias", acarreta a extrema ameaça contra a vida. Pode-se argumentar que eles não expressaram dessa maneira, mas isso é irrelevante. Adicionar "oferecer desculpas à Professora Lidia Pérez", indica que ela estava por trás do ultimato e entendo que obviamente sua segunda, Osuna Lafarga, de quem deduzo, deveria tê-lo como "a defesa de sua professora". Diante de ameaças graves, o receptor deve interpretá-las da pior maneira. Não devemos dar o benefício da dúvida a uma seita que emite ameaças.

A única surpresa para mim foi que, embora eu soubesse que é capaz de agredir sem distinção, não acreditava que Acrópole chegaria ao extremo de ameaçar mulheres, além disso com o envolvimento do marido de uma delas, em uma tentativa desesperada de parar a circulação do livro. Quase imediatamente fui informado de que uma noite, uma caminhonete com dois indivíduos vigiou a casa de uma ex-Brigada que morava sozinha. Eu não podia expor ninguém a esse risco ou assumir essa responsabilidade.

Fiz outras considerações. Dada a situação, mais cedo ou mais tarde eu teria que entrar na defesa, sentindo-me responsável pelos riscos não associados a mim, com o resultado de que seria feito um escalonamento e aqueles, você sabe onde começam, mas não onde terminam. Não só é sensível ser alvo de ameaças, mas também é arriscado lançá-las. Não importa se eles não os repetem, qualquer desenvolvimento revelaria suas identidades. Nesse ponto, tomei medidas para que, se exercessem represálias contra qualquer pessoa, mesmo que eu não tivesse como denunciá-lo pessoalmente porque me impediram, muitos membros da Acrópole enfrentassem consequências criminais. Essas medidas foram ajustadas à medida que os eventos se desenvolveram, por exemplo, que, devido ao tempo decorrido, pensam que eu acho que se esqueceram. Eles ainda estão em vigor hoje.

O comportamento daqueles que lançaram os ultimatos é resultado do aprendizado da direita radical, que influencia as Forças Vivas, mesmo que não saibam. Para essas ideologias, qualquer resposta a uma oposição deve ser silenciada com violência. Fantoches típicos dos sistemas autoritários são as Forças Vivas. O fanatismo sob a máscara de idealismo injeta uma impressão de invulnerabilidade. Além disso, acreditam ter o apoio da estrutura internacional da Nova Acrópole, ingenuamente, já que, em situação grave, seriam abandonados e o apresentariam como uma iniciativa de membros isolados, fingindo desconhecimento na direção da Acrópole.

Por que eles assumiram que Juliano não responderia no mesmo nível? Foi devido ao autoritarismo que caracteriza seu ambiente e que os faz pensar que os ex-integrantes são semelhantes aos adeptos, aqueles que manipulam e intimidam? Como sabem que Juliano não estaria disposto a recorrer à violência? Pensei que se esses ultimatos fossem aleatórios ou quisessem me forçar a revelar assumindo que eu descobriria, eu não o faria nos termos deles. Mesmo, com meus próprios preconceitos adquiridos em Segurança, eu poderia ter ido à sede ou filiais não mais sozinho ou contatado diretamente com os portadores das ameaças, para desafiá-los a um encontro sem intermediários.

É por isso que refleti: isso pode sair do controle e causar danos a alguém em ambos os lados. Não era o que eu procurava. Além disso, percebi que isso colocaria em maior risco aqueles que me escreveram. Por isso, no blog, compartilhei a história das ameaças que mencionei que me foi permitido compartilhar, e baixei o livro.

As ameaças cessaram após três semanas, entendo que por baixar o livro, mas também porque Acrópole recebeu advertências de ações por via legal e policial.

E aconteceu algo que nem eu esperava. Com seu ataque, a seita promoveu a obra. Dois dias depois de descer, leitores desconhecidos para mim carregaram *O Grande Engano* novamente para vários sites e a partir daí a difusão se multiplicou, sem que Acrópole fizesse nada, causando-me a satisfação de que tinha tido eco.

Pela intermediação de uma ONG que soube do caso pela circulação do livro, a Rede de Apoio Inc., a situação reverberou na mídia jornalística nacional naquele ano e levou a Nova Acrópolis México a ser investigada por iniciativa da revista *Vice*, que a infiltrou por três meses em 2014 e obteve o testemunho de um ex-membro da Segurança

<https://www.vice.com/es/article/4w9d89/el-hombre-que-escapo-de-nueva-acropolis-308-v7n1>, bem como a entrevista com outro pelo repórter Ozaeta https://www.ivoox.com/nueva-acropolis-secta-disfrazada-organizacion-cultural-audios-mp3_rf_4772082_1.html. Pode-se pensar que foi porque o livro os encorajou a serem mais explícitos, mas meu desejo é que foram reações pessoais de rebeldia diante da arrogância da seita. Também investigou a Nova Acrópolis o muito

importante semanário político *Proceso*, como parte de seu artigo *Las sectas en México: Fe y fanatismo*, especial número 47, de 2014.

O reduto mais profundo

Aqueles dias estranhos de verdades e silêncios de 12 anos atrás me deram o sabor de um fato fundamental: manter a mensagem. Foi assim porque era um momento difícil para o México em matéria de segurança pública.

Por outro lado, no que se limita estritamente à minha pessoa e vida, era propício considerar que a seita poderia acabar por ter minha identidade com certeza e exercer as represálias em seu sentido mais extremo, ainda mais porque não me retratava e não me desculpava com a Nova Acrópole, nem a seu Comando Nacional no México, Lidia Pérez López, como haviam exigido.

Não me retraí e não o faço agora. Não o fiz porque, embora não seja agradável ser ameaçado, estava no meu cálculo o que aconteceria e me senti moralmente preparado. Desde o ano passado eu tinha decidido. No momento da multidão daquelas semanas, fazendo a ressalva do que já contei sobre terceiros, aqueles que decidi manter a salvo do que me dizia respeito, fiquei com as dúvidas de que não ia virar as costas para o que vivi e outros viveram, onde quer que estejam e mesmo que nunca os conheça.

Chegando o momento complicado que você espera, é um pouco difícil, mas nunca, mas nunca pediria desculpas àqueles que danificaram de inúmeras maneiras outros seres humanos, pois o fato irrefutável é que Nova Acrópole é uma seita, ou seja, um elemento de perversão social que quebra tecidos familiares e comunitários, que extraem, usam e prejudicam, por isso algumas vidas não se recuperam, em nome da filosofia, da espiritualidade e do voluntariado.

Depois do livro

Decidi fazer contribuições. Não conhecia temas da Acrópole em outros países e iniciei uma pesquisa para aproximar o público deles. Dessa forma:

- Traduzi o artigo, que não era conhecido em espanhol, *A Aristocracia fascista da Nova Acrópole*, de Harry Westerlink, da publicação holandesa *Glebaderte Archief*. Esta tradução foi republicada em vários sites desde então,
<https://studylib.es/doc/9029094/la-aristocracia-fascista-de-nueva-acropolis>
- Nesse mesmo ano, escrevi *A Seita Destrutiva Nova Acrópole*, com o nome de Lancelot, já que aquele personagem mítico-literário era leal à ideia de justiça. O livro é de informações operacionais, não de análise, publicado pela RedUNE primeiro e os outros foram leitores
<https://docplayer.es/31398388-La-secta-destructiva-nueva-acropolis.html>
- Em 2013 participei do tópico do Fórum Comunista, “Seita Filonazi Nova Acrópole”,
<https://comunistas.superforo.net/t17950p75-secta-filonazi-nueva-acropolis>, onde na página 4 entrou Yiannis Garantzotis, que revelou que foi líder em Thessalonica e que escreveu um livro, que considero que deveria ser traduzido do grego. A propósito, Garantzotis apontou que Pinochet usava um tipo de capa em seu uniforme que, segundo ele, também era usada pelas Forças Vivas.
- No blog de Garantzotis, encontrei as fotografias de Livraga fazendo mudras ao jurar Giorgios Planas, bem como as imagens dos encapuzados na cripta, entre outras, que compartilhei amplamente depois de traduzir suas anotações do grego.
- Nesse tópico do Fórum Comunista, surpreendi alguns ao compartilhar informações do WikiLeaks sobre a Acrópole, que divulgamos a ONGs.
- Acontece que a polícia belga investigou a Acrópole por permitir que um grupo pró-nazista chamado Westland New Post usasse suas instalações para se reunir, alternando alguns pela manhã e outros à tarde. Westland New Post foi dissolvido após o assassinato de seu líder e seu envolvimento em um homicídio durante seu "treinamento".
- Foi destacado que um elemento do Westland New Post afirmou que para serem admitidos eles deveriam fazer um curso de seis meses na Nova Acrópole. Considero que referindo-se ao Probacionismo. Ele também mencionou que dois membros de Westland ensinavam artes marciais na

Acrópole, que ele descreveu como uma "escola de filosofia de extrema direita".

- O mesmo declarante informou que em New Acrópole havia pessoas uniformizadas e um serviço de segurança, conforme detalhado no relatório policial no WikiLeaks, página 578, em <https://file.wikileaks.org/file/paul-latinus.pdf>
- Não citando mais o relatório, sabe-se que filonazistas como o conhecido "88" da Espanha, tomaram o Probacionismo ou Curso Introdutório da seita, razão que os tornou conhecidos, o que destaca a natureza de doutrinação desse chamado curso e o filonazismo, que os interessados sabem identificar.
- A falta de conhecimento sobre a conexão entre New Acropolis e Westland New Post, tanto interna quanto externamente, ressalta a opacidade que envolve a maioria de seus membros. Apesar de sinais de intolerância em seu comportamento e diálogos, muitos não são capazes de reconhecê-los.

A união necessária

Vendo a evolução, percebo que existe algo como uma "velha escola" da seita, da qual, abordagens dos dissidentes são confrontadas com o pensamento hegemônico presente, mas é natural. Na Nova Acrópole México, como sem dúvida em outras partes, houve uma grande diferença entre os membros da primeira época e os das imediatamente seguintes, até mesmo na forma de falar.

Sendo assim, sem dúvida que 66 anos de uma seita criam gerações e o mesmo para seus dissidentes. Mas a informação, de acordo com os cenários mutáveis aos quais a Acrópole se adapta como estipulou Livraga, deve ser mantida, trocada e analisada ou no final perpetua-se o que não se sabe que existe, ou seja, se não se mantiver a informação sobre Acrópole e as facções que dela derivaram, continuarão afetando, porque as novas gerações não saberão o que são, se aproximarão ingenuamente como tantos outros por mais de meio século.

Somos parte da História, nossas ações em relação ao que vivemos na Acrópole afetarão ou beneficiarão as próximas gerações, vamos deixá-las à sua sorte?

Como ex-integrante ligado a essa "velha escola", termo que uso não para me associar a ela, mas para contextualizar a época em que muitos viveram esses eventos, "velha escola" que localizo antes da RIM de 2000 em Atenas, onde começou a redução das expressões nazifascistas, ou seja, uma vez que Livraga faleceu, considero que poderia elaborar um ensaio a partir da história das ideias. Este ensaio poderia explorar a transformação para uma ideologia com tons nazistas na Acrópole, bem como seu processo de aparente distanciamento, mantendo uma doutrina totalitária.

Como eu disse, procurando informações sobre denúncias no aniversário do sacrifício do presidente Allende, encontrei o blog onde você lê este testemunho e convido você a ler todos, são de pessoas corajosas, causando-me grande admiração a convocação que é alcançada hoje. É um trabalho que merece maior projeção, porque não se trata de "destruir" uma seita, a seita não é importante, mas as pessoas que podem ser prejudicadas.

De minha parte, considero que os debates são intermináveis e não me envolvo, porque o estudo das seitas é de grande envergadura, e se for pessoalmente requer conhecimento, introspecção e coragem para reconhecer o que passou despercebido. Em primeira instância, é preciso coragem para aceitar que sua visão era a mesma do grupo. Segundo, é preciso uma depuração racional, depois memória e finalmente amarrar pontas, então você para de discutir superficialmente, principalmente de discutir com integrantes, porque o fazem a partir da base de falácias e de slogans, pretendem doutrinar você e daí vem o choque. Há camadas dentro. Você pode ficar e não ver nada. Ainda mais, você pode optar por não ver nada.

O "eu não vi isso"

Também estou interessado em testemunhar o seguinte. Às vezes ouvi a resposta a algo sério que foi vivido, que é formulado como "eu não vi isso", e considero muito importante comentar sobre isso.

Toda vez que você diz, por qualquer outra pessoa contar, "eu não vi isso", você está dizendo que não viveu isso ou que está surpreso, tudo bem, mas pense que se você

reagir assim, automaticamente, para desautorizar a veracidade de um testemunho, é provável que, acredite ou não, você ainda veja o mundo da perspectiva da seita, se você continuar usando as mesmas palavras, se você é o mesmo por dentro ou fora, se quando você mora com ex-integrantes você quer se comportar como se ainda fosse um líder ou se sua maneira de fazer julgamentos é intolerante. Se sim, se se pergunta se você não está revivendo o quadro, sem observar o que realmente estava acontecendo ao seu redor, as atitudes, os indícios da natureza da Acrópole. Se for assim, você sempre dirá "eu não vi isso".

Quando você duvida ou determina que não é verdade com "eu não vi isso" ou ouve com um humor de promotor, você invalida o testemunho daqueles que estão lhe dizendo o que viram e viveram, você os torna culpados de interpretar mal ou mentir, e você o faz tomando seu conhecimento parcial como uma totalidade, apenas por uma ausência do exercício de ouvir e considerar, contribuindo para que a memória coletiva seja perdida. Você sabe o que é pior? Que você colabore com o objetivo da seita que seja esquecido e que, com esse esquecimento, sua responsabilidade seja apagada.

Em uma ocasião falei com alguém dos primeiros dias em que a Acrópole se formou, e devo dizer que sua raiva em relação à Teosófica e sua noção de cumprir uma missão, além de seu autoritarismo, eram muito maiores do que as do tempo em que eu estava. Foi falar com alguém marcado pelo ar do *Ariel*. Você sabe o que é? Por enquanto te digo que o modo de expressão do indivíduo, suas convicções, duras, fechadas, seu tom de desafio, apesar de tudo o que eu sabia me mostrou um pouco incompreensível, e entendo que o que comento, mesmo que não tenha essas características, soa irreal para alguns, mas não se engane. Os alcances deste assunto levantam um debate social muito importante sobre a natureza da verdade e da mentira nas organizações. As ideias do fundador não ficam para trás, são a própria natureza de um grupo, indelévels porque são a base fundacional de seu pensamento e ações, ainda mais em uma seita militante como Nova Acrópole.

Chegou a hora de ser feliz

Descrevo o seguinte porque é o desfecho que foi configurado em *O Grande Engano*. O evento é um laboratório das relações de poder e de submissão que ocorrem na Nova Acrópole, em qualquer ponto da geografia, mesmo que assumam formas diferentes.

As celebrações em Nueva Acrópolis México pela retirada do livro lhes deram um sabor de vitória e a satisfação de "ter defendido sua Professora Lidia" ... prazer que durou pouco mais de um ano.

Se eu quisesse agir como um esotérico, diria que fui profético. Na página 132 do livro digo que "o carma cíclico das desbandadas da Acrópole está para se cumprir novamente". Quanto eu não gostaria de dizer que consultei os Arquivos Akáshicos, mas esses pertencem ao portal dimensional do ópio do esoterismo, porque se tratava na realidade da observação sociológica das dinâmicas de grupo. As premissas do livro marcavam que pelas relações de poder e de ambição, mais cedo ou mais tarde se provocaria que as pessoas saíssem em massa. Acima de tudo, as premissas apontavam que Lidia Pérez acabaria tendo um problema com a seita.

Se alguém acredita que o que aconteceu no México não foi do conhecimento da Europa, está errado. Se você acha que isso só acontece na América porque considera que os processos são diferentes, com menos progressão e avanço, você está profundamente errado. O México e seus controles são um botão de amostra do mundo. Já aconteceu em outros países, porque estimular o culto ao poder atua como um catalisador das ambições pessoais.

Nos altos níveis da Acrópole internacional não recebiam com agrado Lidia Pérez, mas a mantiveram porque ocupava um lugar alto na pirâmide hierárquica e Livraga lhes ensinou que isso era intocável. Essa crença permitiu que uma usurpadora roubasse sua estrutura.

Sabia-se que Lidia Pérez aspirava a ser Comandante Mundial da Acrópole e quando soube que não seria, provavelmente teve uma crise por inveja de Beatriz Diez Canseco. O livro narra como Lidia Pérez gradualmente colocou aqueles que lhe eram fiéis em posições de decisão. À medida que o processo avançava, ele criou uma nova estrutura, sua a partir da base do ascendente, embora hoje essa estrutura, Inspira, tenha uma diretora que também foi Hachada em Nova Acrópole.

Bastou dar o próximo passo: apenas dois anos após o aparecimento de *O Grande Engano*, Lidia Pérez na companhia de Esmeralda Osuna se comunicou com Delia Steinberg para lhe dizer que o México estava se separando da Nova Acrópole.

Facão a cavalo de espadas. Esse cisma era como o do jovem Livraga para justificar a separação da Sociedade Teosófica ou a apropriação de uma estrutura local, que não aconteceu porque foi expulso. A diferença é que Acrópole não conseguiu expulsar Lidia Pérez, porque ela deu o primeiro passo. É a ruptura, cisma ou "independência", ato ao qual todas as seitas que se dividem recorrem para fazer aparecer como ética, a usurpação que vem.

Lidia Pérez disse aos membros em uma próxima reunião especial, que Acrópole havia perdido o caminho e que "não eram mais felizes na Nova Acrópole", que ela continuaria mantendo o Ideal, sem guardas de Forças Vivas, sem a filosofia, mas ficando com o "bonito", "a alegria", "a felicidade", tão desmerecidos anteriormente, convidando-os a segui-la. O panorama ficou mais matificado quando, em cada sede, um a um, cada membro foi levado na frente de um jurado de trudo que o fez declarar ficar na Nova Acrópole ou ir para seu novo grupo. Lá estava a primeira amostra de sua nova liberdade e felicidade.

Como Pérez López havia colocado comandos fiéis a ela e não à seita, acomodou a estrutura aos seus interesses e aumentou a pressão coercitiva sobre os membros para que a obedecessem, 90% deles abandonaram a Nova Acrópole. Em seguida, ordenou retirar as placas dos locais e colocar as novas, já preparadas, com o nome de Inspira. Esse grupo é um GEA, sem a fachada da filosofia.

De fato, o novo grupo não é uma entidade separada. Inspira é uma facção da Nova Acrópole.

No México, a realidade é que a Nova Acrópole mal sobreviveu, porque da noite para o dia seu lugar foi ocupado por Inspira, que ficou com os locais, a biblioteca e provavelmente ficou com os estandartes de Fuerzas Vivas.

Com isso, as premissas levantadas por *O Grande Engano* foram cumpridas, a saber:

- Nova Acrópole é uma seita que usa a doutrinação, a intimidação, a chantagem emocional e a exploração econômica para controlar seus seguidores e fazê-los obedecer cegamente a seus líderes ou aqueles que identifica como tal, inculcando-lhes uma doutrina que os afasta da realidade e os torna seus escravos.
- Perfil comum nos comandos da Acrópole, Lidia Pérez López é uma mitomaniaca compulsiva, que inventa seu currículo, suas conquistas, suas experiências e seus conhecimentos, que engana a mídia, instituições acadêmicas, o público e principalmente seus adeptos, e que carece de escrúpulos para alcançar seus objetivos econômicos.

O livro não apenas documentou o que acontece no México, mas é possível transpor suas informações, por exemplo, a história de Eva e Elias, para qualquer país do mundo, e por outro lado corrobora as denúncias que foram feitas, principalmente na Europa.

Não tão rápido

Este outro ponto é revelador da Nova Acrópole como um todo. Lidia Pérez López justificou sua separação da Acrópole argumentando que não cumpria mais seu propósito e que seus membros não encontravam mais a felicidade nela. Esta afirmação é chocante, dado que, durante anos, mas ainda um mês antes de se dividir, Pérez López havia defendido a Nova Acrópole, apresentando-a como uma instituição humanista e filosófica que proporcionou formação integral e uma visão transcendente da vida. Ela havia refutado as acusações de Juliano.

Então, como é possível que Lidia Pérez López tenha experimentado uma mudança de opinião tão radical em relação à Nova Acrópole? Como é possível que ele tenha concordado com Juliano de que Acrópole era um grupo prejudicial? E ainda mais intrigante, como é possível que 90% dos membros a tenham seguido sem questionar? Mais: as Forças Vivas que permaneceram na Acrópole, como não tiveram a bravura de que ostentavam, para defender “o lugar que tinham lá”?

Em um programa de rádio apareceu pessoas da Inspira, desacreditando a Nova Acrópole. Havia algo dissonante, chocante naqueles testemunhos orquestrados ou confissões tardias. Algo embaraçoso. Não me interprete mal pensando que defendo a seita. Quero dizer que aqueles que sustentaram a Acrópole até o cansaço extremo, até a falência financeira, agora a denegriam. Agora era uma fraude. Só porque ela disse a ele. Seu Ideal era o máximo e eles o abandonaram em minutos. O ensinamento tão repetido de manter o compromisso com o Ideal e não com a pessoa, convenientemente o colocaram de lado. A falta de coerência foi o sinal de que eles estavam rachados por dentro.

Por outro lado, aqueles que optaram por ficar na Nova Acrópole não são melhores, nem a virtude da lealdade pode ser reconhecida a eles, porque não defenderam o que era deles. Também não têm a virtude do filósofo, ou seja, a de fazer as perguntas certas. Não mostraram um pingão de autocritica em relação ao que os levou a essa situação. Nem assim foram capazes de questionar sua obediência, nem de avaliar suas ações e muito menos de retificar suas atitudes. Obedecendo às ordens da Nova Acrópole de ver o exterior como um perigo, eles se recusaram a ouvir outras opiniões, a aceitar evidências. Eles foram incapazes de questionar sua líder. Eles se contentaram com sua ignorância e se resignaram à sua desgraça.

Em vez de reconhecer que haviam sido enganados e despojados, eles afirmaram publicamente “recuperamos nossa casa”, como se fosse uma vitória. Como se fosse seu mérito. E depois que lhes foram tirados seu patrimônio como grupo, sua identidade, sua coesão, uma vez na rua, os filósofos que nunca entenderam nada, só puderam dizer "recuperamos nossa casa".

Reflexão

Em tudo isso há um elemento que me faz girar um pouco a cabeça. Não estou dizendo que está correto. Acontece que às vezes você não consegue parar de lembrar. Pelo menos três dos de Segurança na época do livro teríamos montado um San Quintín pela questão do espolimento. Pior se for verdade que eles tiraram as bandeiras de Forças Vivas. Se tivesse acontecido na época do livro, eu mesmo teria ordenado me entrincheirar. Eu teria gritado naquela reunião que o título de Mestre não valia nada. Aqueles que viveram a usurpação, não tiveram coragem de defender o que tanto diziam se orgulhar. Em sua linguagem, os deuses foram roubados.

E quando me lembro do episódio da violência que invocou Nova Acrópole por *O Grande Engano*, confirmando com isso a verdade do livro, mais a ruptura de sua estrutura no México e a criação da facção Inspira, entendo que ontem, hoje e amanhã, tudo se resume em manejos de caráter mafioso.

Na Nova Acrópole não há honra, não há respeito, não há filosofia, não há humanidade, não há amor de que tanto falam. No final, eles tiram as máscaras e, sem máscaras, revelam que se trata apenas de sua ansiedade patética pelo cavalheiro do dinheiro. Os humanos não contam. Seus interesses estão nos negócios e nos negócios às vezes você ganha e às vezes perde. Aqui não há um bom ladrão. Eles foram para Inspira, puderam ameaçar uma mulher e outros que não tinham nada a ver, depois de se protegerem em ser numericamente mais, para depois mudar e trair.

Não é surpreendente, porque há uma razão. Isso acontece porque o chamado Ideal é uma ficção, porque a Nova Acrópole incapacita para reagir. Há o fenômeno por um lado do cinismo em quem usurpa, por outro, da doutrinação naqueles que vão ou ficam, porque cada um agiu por ser doutrinado, independentemente da direção que tomou.

A doutrinação ou processo de controle de pensamentos, emoções e comportamentos, trabalhado ao longo do tempo, faz com que, pela lógica da Nova Acrópole, seus seguidores obedeçam a quem tem o bastão. Portanto, quando Pérez López os intimidava de criticar a Acrópole, todos se calavam com medo. Mas quando ele afirmou que eles não eram mais felizes, os outros simplesmente repetiram suas palavras como discurso orquestrado ou confissão tardia, sem refletir sobre suas experiências ou talvez fosse a oportunidade de sua liberdade fictícia, porque no extremo do pensamento subjugado, agora o mestre era amoroso.

Você não é uma águia acropolitana, nem um Homem Novo. Você para Nova Acrópole não significa nada. Nova Acrópole não deve significar nada para você. Se você for convidado, não entre.

Conclusão

Doze anos depois de ter compartilhado *O Grande Engano*, vejo que o alerta sobre as seitas deve continuar. As seitas sobrevivem, mas ainda mais, há aqueles que geração após geração dão seu testemunho e acontecerá que não muito tarde, a consciência será ampla o suficiente para que não seja fácil ser capturada.

A história da Nova Acrópole serve como um exemplo impressionante de como as seitas podem manipular e prejudicar até mesmo a si mesmas porque não têm valores. Também exemplifica como a ausência de reflexão pode dificultar a capacidade de reconhecer problemas. Portanto, é essencial estar atento aos sinais de uma seita. Não renuncie ao dom que a vida nos deu e pelo qual somos seres humanos: pensamento crítico e solidariedade.

Faça sua vida, viva seus projetos, você não deve nada a eles, a consciência do que não deve ser feito é sua, eles não te deram. Há um caminho para você, para o qual você não precisa de professores que lhe ditem o que você deve pensar, porque o que eles querem pensar por você, eles querem ordenar o que fazer. Você não precisa deles. Você é o criador de suas horas.

Existe um Grande Engano? Sim, mas há algo melhor. É a hora da Grande Verdade.

Juliano, setembro de 2023

Testemunho de LILIANA

Liliana. França

(Esteve em Nova Acrópole 5 anos)

Ao longo de vários anos (em algum lugar entre 2010 e 2020), tenho compartilhado o que muitos dos membros da NA pensaram sinceramente (alguns ainda acreditam) ser um belo “Ideal”, para o qual vale qualquer sacrifício. Eu tenho sido uma Força Viva, parte da Brigada Feminina em um dos centros franceses de NA.

Este testemunho não é contra os membros da NA, mas para eles, bem como para todos os públicos interessados em aprender mais sobre esta organização. Eu poderia escrever um livro completo (um dia eu vou), mas aqui vou resumir brevemente apenas alguns pontos significativos.

Como muitas outras pessoas, conheci NA através de suas atividades públicas culturais (para o 3rd cercle, como aprendi mais tarde) e logo depois de concordar em seguir seu curso de filosofia. Eu era novo na cidade, **procurando redes sociais significativas**, e este curso tem sido de alguma forma intelectualmente provocativo para mim como uma pessoa com formação científica. Naquela época eu **não tinha interesse no esoterismo e tinha apenas conhecimento histórico e político básico**, fazendo o contrário bem na minha vida de todos os pontos de vista.

Éramos 15 para começar o curso de 1o ciclo e no final éramos apenas 3, “estudantes” estavam saindo sem dizer adeus, o que foi estranho para mim. Bem, algumas discussões eram bastante desconfortáveis, os treinadores eram hipócritas e muitas vezes nos faziam sentir culpados (mesmo para atividades básicas de lazer, como sair com amigos depois do trabalho). Também, lentamente, **surgiu a ideia de que a NA é uma única “escola de filosofia” com missão civilizadora** (para um mundo novo e

melhor), foi-nos sugerido que aqueles que ficam são de alguma forma espiritualmente superiores aos outros... “**não é por acaso que você está aqui**” nos foi dito, o que estava reforçando nosso apego e dedicação à causa.

Dos 3 alunos que terminaram o 1o ciclo, fui o único que decidi continuar, convencido de que posso trazer minha contribuição para um mundo melhor, mas também por curiosidade. O que vem a seguir? – alguma pequena voz interna estava me empurrando para continuar, eu estava sentindo que o caminho que eu estava avançando não é comum.

Depois de algum ritual leve, tornei-me um membro do (2o círculo) e logo notei que tudo parecia mais sério, até mesmo rígido, **mal tínhamos permissão para fazer perguntas durante o curso**, na verdade, fazer perguntas era tolerado, mas visto como uma espécie de fraqueza (mais tarde chamada Kama Manas, uma espécie de mente de calculadora inferior e não espiritual).

Fomos pela primeira vez explicado que Jorge Angel Livraga (conhecido como JAL para os discípulos) fundou o NA a pedido de Sri Ram, um Mestre da Sociedade Teosófica (Soube mais tarde que a Sociedade Teosófica realmente expulsou JAL por mau comportamento), fundada por Helena Petrovna Blavatsky (HPB para os discípulos). Seus retratos estavam agora pendurados nas paredes de NA (na verdade, eles sempre estiveram lá, eu só não prestei atenção antes). Algum tipo de mistério começou a planar no ar, alguma promessa oculta de que quanto mais se aprofundar no NA, mais ele será desvendado.

Na época eu era confiante e **não tentei pesquisar na internet informações** sobre a organização.

Comecei a investir mais e mais tempo com o grupo, sentindo-me emocionalmente ligado **como em uma família de alma** e acreditando genuinamente que juntos faremos do mundo um lugar melhor. Não estávamos morando juntos, mas estávamos passando muito tempo juntos, quase diariamente, tínhamos nossas músicas, algum tipo de idioma específico e muitas atividades culturais, espirituais, de serviço público.

Uma sombra apareceu durante um curso (introdução à sabedoria da orientação e do Ocidente) falando sobre a evolução da raça, onde fomos claramente informados pelo treinador sobre **a superioridade da raça branca**, mas isso foi posteriormente borrado como se não o entínássemos bem (como nosso “nível de consciência ainda é baixo” – como será repetido muitas vezes posteriormente, também “olha, NA está em todos os países e tem membros de pele colorida”). Mais tarde eu encontrei este curso escrito, ele literalmente menciona a superioridade da raça branca.

Também nos disseram que a história oficial não é a real, que os sistemas políticos atuais são todos um fracasso, que estamos deixando em um mundo decadente onde, como “acropolitanos” ou “filósofos” terão um impacto significativo (como a história é sempre feita por pequenos grupos de elite, certo?). Perguntei ao treinador se a NA tem algum plano político, me disseram "não, somos uma escola de filosofia, tipo clássico".

Com o tempo eu comecei a negligenciar significativamente minha família e não NA amigos (isso foi realmente encorajado por membros mais velhos da NA, mas também vindo naturalmente como eu queria fugir da minha velha vida, como de algum pano inútil, como a “semente precisa morrer para se tornar uma árvore”).

Os dias passados com NA foram meio mágicos, fora do tempo, eu estava me sentindo feliz por pertencer lá - e pouco a pouco **comecei a adotar novas ideias** como a existência potencial de um mundo invisível com o qual poderíamos estar em contato (por que não, disse meu cérebro científico, como eletricidade não podemos ver, mas realmente existe), que somos kshatriyas, uma espécie de guerreiros pacíficos liderados de cima pela Hierarquia Branca, muitos outros tipos de crenças de pensamento mágico. Tive a impressão de que uma **nova realidade está se abrindo para mim, isso foi tão fortalecedor**. Eu sempre fui uma pessoa de alta energia e dedicada, mas durante esses anos **minha vida foi extremamente intensa, como em um filme de fantasia, mas me sentindo real**.

A conexão com o grupo também foi continuamente reforçada por **um sentimento de perigo** alimentado pelos membros mais velhos da NA que estavam nos dizendo que os inimigos da NA estão em toda parte, liderados por forças das trevas (incluindo o governo existente) – então devemos manter em segredo o que está acontecendo dentro do NA, bem como **manter longe da influência do detrator**.

Nesse período **eu teria tirado meu fiel escudo adepto diante de qualquer ataque ao meu amado NA**, seja um amigo dizendo que eu estava em uma seita ou qualquer tipo de crítico. Eu também estava de acordo com atividades internas como infiltrar a Wikipedia para garantir que a imagem pública correta seja mantida

Quando me perguntaram se eu gostaria de me envolver mais (me tornar uma força viva) - querendo saber o que isso implicaria do ponto de vista do tempo, me disseram que isso não ficará muito mais ocupado do que já é, que ainda serei mestre da minha vida.

Um curso intenso de poucos dias em um ambiente isolado pertencente a NA (La Cour Petral) e algumas experiências incomuns (que eu achava “espirituais”, agora eu as chamo de **estados de consciência modificados, semelhantes à hipnose**) me convenceram de que eu estava no caminho certo, então aceitei passar pelo período de aplicação e teste.

Passei em alguns testes com o nome dos 4 elementos (terra, água, ar, fogo) que essencialmente implicavam muito tempo e dedicação, incluindo noites sem dormir, limpando por horas o centro de NA, tomando banho em água muito fria, escrevendo ensaios e apresentando um deles na frente de uma reunião intimidante das Forças Vivas e, por último, mas não menos importante, a prova de militância – falando sobre NA para pessoas na rua, convencendo-as a comprar produtos NA.

Eu aprendi sobre a existência de símbolos e hinos NA, uniformes e hierarquia estrita e pela primeira vez vermelho alguns selecionados - menos hardcore - **“Bastões” de JAL (escritos internos, alguns deles que descobri mais tarde são realmente preocupantes, com frases totalitárias, megalomaniacas e violentas defendendo, por exemplo, esterilização forçada de alguns grupos humanos ou matar em nome de um ideal).** Minha progressão foi muito seguida de perto por algum membro alto da hierarquia da NA, então cada dúvida que surgiu foi abordada com cuidado, então finalmente eu estava (quase) convencido de que estava me juntando a uma espécie de exército espiritual (cavaleiros e damas) lutando por um mundo novo e melhor.

Então eu me endioz de manhã cedo, depois de uma noite sem dormir de muitos testes e rituais de liberdade condicional (um deles estava sendo completamente enterrado) no Cour Petral, no meu **novo uniforme azul, fazendo o pássaro “Romano”! saudação (o mesmo que o fascista), ajoelhou-se no chão na frente de uma bandeira de águia solar (muito semelhante à nazista), recebendo um novo nome (conhecido apenas pelas forças vivas da NA) (como uma espécie de renascimento), fazendo um voto que eu estava ouvindo pela primeira vez: que eu juro na frente da minha alma eterna para servir às Forças Vivas, se não Deus, o Karma e os Mestres "me lembrarão".** Eu estava sob uma espécie de hipnose, mas ainda podia pensar que não vou assinar este cheque branco e, ao pronunciar o voto conforme solicitado, disse a mim mesmo que permaneceria fiel em

primeiro lugar aos meus valores e não obedeceria ou faria nada que fosse contra eles.

O que aconteceu depois disso, durante a minha associação ao 1o círculo (Live Forces), foi principalmente uma cadeia de más experiências e profunda decepção que me fez passar consecutivamente pela raiva, sentimentos profundos de injustiça e desespero.

A maior parte do tempo das “Forças Vivas” (que era todo fim de semana, noites, feriados nacionais) foi dedicado a tarefas relacionadas à “integração” (aprendizagem e planejamento de como **atrair novos membros**), alguns eticamente muito questionáveis como chegar perto de pessoas com esse propósito em mente (treinamentos especiais foram dedicados a isso), fazendo visualizações, curtidas e comentários em sites da NA ou atividades de redes sociais (mesmo que não participássemos), como se fôssemos estranhos (“oh, esses caras são fantásticos, este lugar é maravilhoso” etc – isso me deixou tão doente). Tivemos reuniões sem fim, onde os membros da hierarquia estavam frequentemente tratando as Forças Vivas de nível inferior como cães. Eu vi velhinhas chorando (como elas foram severamente criticadas ou mesmo humilhadas na frente do grupo) E NINGUÉM SE ATREVEU A DIZER ALGO (nem mesmo eu).

Fiquei chocado com a submissão cega, as Forças Vivas eram todas policiais umas com as outras (sobre o tempo livre, roupas por exemplo), mas forçadas a parecer felizes, realizadas como parte de uma elite espiritual. A vida

humana não tinha valor além do que pode fornecer à causa, percebi que essas pessoas não estão mais sentindo a injustiça e internalizei seu medo.

O **princípio secreto tinha dimensões paranóicas**, estávamos usando e-mails criptografados especiais (...acropolis.org), uma chave perdida do templo (sala onde apenas as Forças Vivas têm acesso) era um verdadeiro drama, cada vez que o diretor do país veio a segurança era reforçada e todos colocavam sob alto estresse, fotos e vídeos durante os rituais ou reuniões das Forças Vivas eram proibidos, textos internos eram estudados, mas os papéis devolvidos ao treinador no final (não podia levá-los para casa).

O culto à personalidade era uma obrigação, para HPB, JAL (dias e noites completos com rituais dedicados, canções, poemas), enquanto esquecer qual tipo exato de chá o diretor do país prefere era um crime de les-majestade.

Havia **um aumento na taxa de associação, proporcional ao nível de engajamento, também aumentou a pressão para doar dinheiro**, estávamos pagando nossa presença para treinamentos obrigatórios, além de muito trabalho voluntário (cozinhar, limpar), comprando produtos NA (alguma pressão neste nível também).

Os cursos para Live Forces foram de má qualidade do ponto de vista intelectual (os melhores treinadores estão envolvidos com membros de "bom

perfil" que podem se tornar novas Forças Vivas), muita doutrinação, rituais esotéricos e exercícios espirituais supostamente para se conectar com verdades mais elevadas. Foi particularmente engraçado ver membros da hierarquia brigando entre si sobre qual gesto exato é o certo durante alguns rituais ou exercícios, que tudo isso me deu a impressão de que eles realmente não sabem o que estão fazendo.

Cada tentativa de questionar (ideologia, hierarquia) foi tratada como se fosse um "baixo nível de consciência" (como você poderia contradizer a "sabedoria universal"?) prova, cada um (real ou imaginado) não-obediência punido (mais trabalho, exclusão de algumas atividades, fazendo tarefas humilhantes).

Pouco a pouco percebi que as respostas às perguntas existenciais provenientes de Forças Vivas mais antigas eram sempre as mesmas, como se fossem clones recitando do texto de alguém (como por exemplo, para a questão sobre submissão a resposta era que não devemos confundir submissão com obediência voluntária que é uma "qualidade discípula").

Mais ou menos diretamente nos foi **sugerido para não ter filhos, trabalhar meio período (o que alguns membros obedeceram)**, eventualmente alguns muito mal pagos "contratos de trabalho" foram feitos para alguns jovens membros (eles ficaram tão gratos!) tornando-os totalmente dependentes do grupo, pois esperava-se que estivessem disponíveis 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Jovens na casa dos 20 anos são especialmente importantes para NA, especialmente idealistas, propensos a se culpar facilmente, gentis e dispostos a servir algo que percebem como a causa certa. Atalhos especiais são feitos para eles alcançarem o primeiro círculo facilmente, como o acampamento de verão de Perseu.

NA cultiva muito heroísmo, espírito de sacrifício, nos disseram **para matar nossos instintos de sobrevivência** e personalidades históricas como Leonidas estão no alto de corações e canções de “acropolitans”. Mais tarde eu li os escritos do JAL onde ele se opunha a esses valores viris a **“mocieiz homossexual” e os traços “feminóides”**.

Cada Força Viva foi obrigada a escrever uma carta “espiritual” semanal (principalmente autocrítica) para ela ou para seu “mestre”, onde muitos pensamentos íntimos e outras informações são fornecidas, a relação mestre-discípulo 1 para 1 é muito forte, os mestres são às vezes gentis e abrangentes, às vezes abruptos, ásperos, até mesmo insultando ou humilhantes, confundindo muito os discípulos (eu vi isso em outros e aconteceu comigo também, pode ser uma experiência extremamente traumática).

Por que ficar? - alguém perguntaria, bem, você se importa com essas pessoas, você acredita que o **“Ideal é perfeito, mas os idealistas não”**, sempre se questiona (também como consequência de doutrinação) que talvez se sua culpa, talvez você não esteja entendendo bem, talvez você não seja gentil ou espiritualmente elevado o suficiente... ou talvez “algo está errado dentro do NA, mas talvez eu possa mudá-lo” (muitos jovens Live Forces pensam que).

Fui finalmente diagnosticado com “dificuldades de integração”, egoísmo, às vezes me disseram que é uma crise espiritual normal que vou passar (se decidir crescer espiritualmente).

Houve inúmeras situações em que eles tentaram usar o voto e o medo metafísico implantado em minha cabeça contra mim - cada vez que eu não estava me comportando como eles esperavam.

Uma vez, depois de um acidente genuíno que tive (não ameaçando a vida), fui informado por um membro “machado” da hierarquia (símbolo semelhante ao da bandeira fascista da Itália, apenas com dois lames, esses membros estão usando-o como uma espécie de objeto mágico) que **eu quase morri – um sinal de carma - porque não estou cumprindo corretamente meu dever de Força Viva**. Esta abordagem, além do efeito de manipulação mental, é particularmente perigosa (fácil de entender o porquê, tendo em mente o fenômeno da profecia auto-realizável).

Junto com outros sinais de luz vermelha, isso foi para mim uma prova de que as crenças que eles colocam em seu cérebro podem mais tarde ser usadas para manipulá-lo.

Mesmo levando tudo isso em conta, foi muito **difícil para mim sair do grupo**, fiz isso lentamente, passo a passo, mas uma vez que comecei a ler livros de especialistas sobre influência mental não ética, também livros de história e política, entendi o que me intinava e pude me separar completamente de NA, corpo e alma. **É um processo longo e doloroso**, mas agora sinto que **minha vida está de volta, assim como minha liberdade de mente**.

Desde que estive em contato com muitos ex-membros da NA em todo o mundo, os **problemas são os mesmos em todos os lugares**, não estão relacionados aos padrões de alguns líderes (como muitas vezes nos dizem), mas enraizados nos planos e na personalidade do criador da NA.

Para aqueles membros da NA dizendo - bem, eu gosto das atividades e as pessoas são legais, não há problema em me envolver - eu respondo: **leia atentamente os escritos internos da JAL** (disponíveis na internet, sim, eu sei que a NA diz que eles não são verdadeiras... mas você pode vincular esses textos com o comportamento que você está testemunhando) **e pensar bem se este é o mundo que você gostaria de deixar**. As atividades públicas são apenas plataformas de recrutamento, participando delas é apoiar o crescimento da NA e espalhar sua ideologia totalista. Liliana, março de 2022

Testemunho de DANIELLA

Daniella. Uruguai

(Esteve em Nova Acrópole 11 anos, dos 14 aos 25. Foi 7 no “Círculo Interno”)

Meu nome é Daniella Scuadroni Rudawski, e esta é uma história real, contada a partir da minha experiência e subjetividade, mas você pode encontrar material semelhante na internet, e algumas coisas muito mais preocupantes do que as que eu vivi.

Esta é uma história que será contada de forma um tanto desordenada cronologicamente, mas emocionalmente ordenada.

Um cimbronazo de liberdade

Depois de quase um ano pensando nisso, dando voltas, mudando de ideia e até várias reuniões com a diretora do lugar, em 2 de outubro de 2014 deixou a associação cultural Nova Acrópolis.

Eu planejava sair em dezembro, quando o ritmo da "escola" (como se chama internamente) se acalmava, e eu poderia abandonar minhas obrigações sem deixar meus irmãos e irmãs com uma sobrecarga de trabalho abandonado por mim. Mas minha ansiedade e meu desânimo não me permitiram continuar, apesar do infinito

dever que sentia, não mais pela instituição, mas com meus colegas e companheiras, que nada tinham a ver com minha perda de amor pelo "Ideal".

No início eu tinha mil coisas em mente, desde censuras aos líderes da instituição até censuras a mim mesma por minha perda de vontade e devoção, passando por onze anos de exaustão mental e emocional, e vários de depressão.

Naquela semana eu tinha minhas tarefas voluntárias no refeitório na quinta-feira (eu costumava fazer tarefas diferentes de segunda a sábado, várias horas por dia). Lembro-me disso claramente, acho que a razão é que tenho passado por isso em minha mente várias vezes. Uma quinta-feira será meu último plantão na cafeteria, portanto, na semana anterior me dediquei a informar todos os líderes e chefes de setores que minha saída poderia influenciar, para que tivessem tempo de reorganizar os horários que me correspondiam e que ninguém ficasse sobrecarregado.

Lembro-me de abraçar com os olhos mal úmidos, mas com o coração na garganta, um companheiro gentil e genuinamente bondoso, e que ele ao olhar para o meu rosto ficasse sério, e não me lembro se me pergunto se algo estava acontecendo comigo, ou apenas perguntou com o olhar.

Meu primeiro sentimento foi um golpe de liberdade!

Chorei porque estava abandonando minha família, chorei por ter falhado com eles, e chorei porque não sabia o que faria com minha vida a partir daquela noite. Mas

também chorei porque pela primeira vez na minha vida adulta (entrei na instituição aos 14 anos, fui embora com 25) senti que podia respirar.

No dia seguinte fiz uma mecha fúcsia no meu cabelo, saí nos fins de semana com amigos sem medo de que ninguém da Acrópole me cruzasse na rua e pensasse mal de mim por ir ao boliche, me vesti sem cobrir meus gostos extravagantes, e dormi mais e melhor do que tinha feito.

Mesmo assim sofri, estava perdida, lembro que depois de alguns anos de entrar neste lugar minha mãe deixou de se sentir confortável comigo e me perguntou "o que você faria se a Nova Acrópole deixasse de existir?" Ao que respondi orgulhosamente "eu a fundaria novamente". Por muitos, muitos anos (um terço da minha vida hoje) não imaginava uma vida que não fosse a de acropolitana, considerava a diretora da instituição minha segunda mãe, as forças vivas meus irmãos e a cada novo membro uma responsabilidade, uma enorme responsabilidade, porque na façanha do "Ideal" na alma de cada novo membro, havia o germe para mudar o mundo... e criar um novo... e melhor!

Como facilmente havia perdido meu propósito e minha ambição... e ainda assim como foi maravilhoso sentir que descobri coisas sobre mim mesma!

Eu me dei permissão para sentir o que eu senti e pensar o que eu pensava, sem que ninguém me desse uma lição moral ou tentasse me lembrar dos "mestres da sabedoria".

Como era lindo dançar, vestir, andar, embebedar, beijar e cavar sem culpa.

Nunca estive em um cargo muito alto dentro desta instituição, e apesar da opinião da então diretora (que achava que eu tinha uma vida dupla por sair com amigos à noite nos meus 20 anos), senti que havia levado mais a sério do que muitos líderes os ensinamentos morais predicados, como ser gentil, honesto, bom e dedicado.

Eu nunca menti ou disfarcei algo extravagante sobre minha personalidade, embora, por alguma razão, muitos acreditassem que sim.

Não estar mais sozinha

O sentimento que tenho hoje (junho de 2021) é de profunda perda, porque embora tenha feito muitas coisas que amei, o tempo, os anos, a idade e o cansaço mental, me limitaram a fazer outras coisas que eu teria amado fazer aos 17 anos.

Mas aos 17 anos já estava em pleno curso para se tornar "Força Viva"... mas vamos mais para trás.

Aos 12 anos, sendo uma adolescente extremamente inocente, extrovertida mas tímida, com uma facilidade e dificuldade ambíguas para fazer amigos, caí em uma profunda depressão. Uma depressão que minha família não soube lidar corretamente e que simplesmente ignorou. Anos atrás me pergunto o que teria sido de mim se em vez de entrar em uma "Escola de filosofia à maneira clássica/Associação cultural internacional/Escola de filosofia, cultura e voluntariado, etc" minha mãe tivesse me

levado a um bom terapeuta que me ajudasse a me sentir menos sozinha, menos suicida e a enfrentar o bullying do ensino médio.

Mas não foi o que aconteceu, na árdua busca por um sinal (depois de um sonho que tive com um monge vestido de branco, e considerando que minha avó e minha mãe sempre me influenciaram no esotérico) passei por grupos metafísicos, palestras esotéricas e cursos gnósticos, até chegar a um lugar onde pela primeira vez me senti em casa.

Todos os temas de que se falava (filosofia, alquimia, Atlântida, os mistérios do antigo Egito) me fizeram sentir que estava destinada a estar lá, e não hesitei por um momento. Ela era uma adolescente solitária, melancólica, bem-humorada e extremamente inocente, que se odiava por odiar todos os adolescentes de sua idade, com os quais não conseguia se conectar. Na minha egolatria puberal, eu me considerava mais inteligente e mais capaz, transformava em superioridade meu rancor pelos da minha geração cruel e tendia a me dar bem e sentir que me conectava melhor com adultos, ou com adolescentes marginalizados, como eu. Na Acrópole fui bem recebida, compreendida, protegida e senti que pela primeira vez na minha vida estava rodeada de pessoas boas, que queriam mudar o mundo.

Aos 14 anos, depois de várias palestras das temáticas já mencionadas, em outubro de 2003 comecei o curso de primeiro nível ou "probacionismo", a porta de entrada para o curso de filosofia, para ser membro da instituição... para fazer parte... não estar mais sozinha.

A história dentro

Onde continuar sem cair em anedotas tediosas?

Fiz o curso, comecei a ser voluntária no setor de manutenção, e sempre me oferecia para fazer mais e mais horas de voluntariado, também me inscrevi em cada curso interno ou externo que se abria, coisa que com o passar dos anos me deu uma saída de trabalho e muitas habilidades úteis para a vida... mas Acrópole acabou sendo minha vida.

Comecei a me desconectar com amigos, a ter gestos de desprezo com minha mãe, e como disse anteriormente, a ter um sentimento de superioridade, fomentado pelos ensinamentos recebidos.

Isso é MUITO importante, e é no que (acho que muitos de nós caímos, pois fomos convencidos disso: O que ele fez não foi POR MIM, nem pela instituição, foi por toda a humanidade, então, se você amava sua mãe, seus amigos, etc., não importaria se eles não te entendiam, se te questionavam, se zombavam, simplesmente eram muito ignorantes para entender sua missão, um bem maior, um bem para toda a humanidade.

Eu "não estava colocando um tijolo, estava forjando uma catedral" e se fosse lavar um banheiro, atender a cafeteria ou dar um curso de primeiros socorros, nada disso importava por si só, o importante era ajudar a fazer este mundo novo, o importante era fazer parte da história "E já velho olhar do meu inverno todo o bem que forjei na

minha juventude, e saber que humildemente fui ponte, Oh Deus, entre a humanidade e você", diz o Hino da Acrópole.

No entanto, sempre consegui manter algumas amizades próximas do lado de fora e, dormindo pouco, fiz alguns novos amigos entrando na minha adolescência, o que, obviamente, não foi bem visto, e sempre foi julgado na Acrópole, embora não terminasse de entender o porquê.

Heroicidade

O que me levou a entrar tão dentro

Desde criança sempre amei super-heróis, sempre amei defender o bom e o justo (como uma boa fã do Superman e do Capitão América, os super-heróis mais nerds do mundo).

E assim eu queria ser, me imaginava como um cavaleiro ambulante que mata dragões, admirava as histórias de loucura heróica de Quixote, e me sentia representada por toda metáfora assim.

Era o típico perfil que Acrópolis queria capturar... nos homens... nos "cavaleiros".

Perceber que o que se esperava das mulheres era que nos tornássemos "Senhas" foi um golpe mais duro do que eu conseguiria descrever em algumas linhas. Aos 15-16 anos, a feminilidade me parecia antinatural e ridícula. Quem gostaria de usar vestidos

longos e desmaiar na torre de um castelo podendo sair para matar monstros e dar a vida com sangue no rosto para servir à justiça?

Eu queria ser uma heroína, queria ser forte e corajosa, não bonita e delicada... e ainda assim, com toda aquela bagagem mental que já trazia, a ideia de me tornar uma dama era um teste tão terrível para mim que eu a considerava a verdadeira prova de fogo pela qual deveria passar.

Portanto, aprendi a usar vestidos, a cruzar as pernas, a usar maquiagem, a rir menos alto, a não falar abertamente sobre assuntos impróprios ou a fazer piadas grosseiras. Aprendi a cozinhar, lavar, fazer arranjos florais e me vestir mais apropriadamente para ser uma "Dama". Pode soar absurdamente exagerado, mas você não imagina o quão difícil foi o teste... Foi minha prova de sacrifício, de heroísmo pelo "Ideal".

O ideal

Mas nem tudo correu tão bem quanto eu planejei, acho que sempre houve algo rebelde em mim, ou talvez o problema estava em que tenho uma absoluta incapacidade de entender as regras sociais não explícitas, problema que hoje em dia me faz notar quais foram meus problemas também na adolescência.

Quando eu queria ser feminina eu era "sexy" ou algo assim. Quando eu queria ser honesta, fui tratada com "vida dupla", quando implorei à diretora que me dissesse O QUE FAZER PARA FAZER AS COISAS BEM, ela me disse, depois de me dizer que estava fazendo mal, que ela não poderia me dizer o que fazer.

Fiquei muitos anos abnegada ao Ideal, aceitando as opiniões de líderes ou membros mais antigos como verdades ou, ao admitir diante de mim mesma que estavam errados, repetia para mim, como um mantra, uma frase dita em alguma classe "o ideal é perfeito, os idealistas não", e assim me obrigou a afogar a raiva, a silenciar minhas opiniões e aceitar... aceitar tudo, incluindo humilhações públicas como ser criticada por repetir um prato de comida (eu sendo gorda) ou ter encerado mal os apartamentos (estando responsável pela manutenção), todas essas experiências sendo menor de 18 anos e sendo voluntária em cada atividade, recebendo críticas ou às vezes gritos na frente de todos os presentes.

É preciso esclarecer que ser "rezongado efusamente" em público, mesmo diante de membros mais novos, era uma coisa comum, não só para mim, mas para a maioria com quem vivi, inclusive líderes, por outros de maior escalão (já que a instituição é um sistema hierárquico e piramidal).

Mas nada disso importava. O Fundador da Acrópole, JAL (falecido em 91), dizia em um de seus livros "O ideal justifica o berço e o caixão: por um Ideal se vive, e por um Ideal se morre".

Se ele era capaz de morrer pelo Ideal, viver a seu serviço era o mínimo que ele podia fazer.

Câncer rosa ou AIDS

Vamos nos enredar de novo nos anos de formação.

Houve um momento muito determinante no meu serviço, e foi quando eu estava ajudando na secretaria de Escolástica ou Bedelía pela primeira vez, aos 16 anos, e muito antes de ser Fuerza Viva (o grupo interno da instituição). Foi-me encarregado de ordenar Bastiones (artigos escritos pelo fundador) e enquanto ia trabalhar alguns chamaram minha atenção e eu os li, um era intitulado "O câncer rosa" e falava de forma denegrante, discriminatória e determinante contra a homossexualidade, dizendo explicitamente que "não se aceitam homossexuais em nova acrópole", e acusando-os da existência do HIV.

Bem, sou uma mulher cisgênero heterossexual, mas aos 16 anos não tinha muita certeza, dada a minha experiência sexual afetiva quase nula e levando em conta que tinha uma grande tendência para a "masculinidade". Depois de ler esse artigo, lembro-me claramente de ter tomado uma decisão "sou heterossexual", não foi uma descoberta, foi uma decisão radical onde não me permiti nem pensar em ser outra coisa que não fosse uma mulher cis hetero, porque senão, talvez me expulsassem da Acrópole, e já naquela época a escola era minha vida, e não imaginava nada sem ela.

Mas não foi só isso, muitas piadas discriminatórias foram feitas e como já mencionei, os papéis de gênero eram muito determinados, portanto esse artigo me fez formar preconceitos muito estranhos em minha mente, já que eu tinha um mau conceito de diversidade sexual, e ainda assim mantinha amizades com homossexuais e bissexuais que amava profundamente, então me obriguei a olhar para eles com tristeza em sua

ignorância, sem perder o vínculo, mas ocasionalmente expressando o "não natural" de sua natureza.

A partida

Dentro da Acrópole vivi correções contínuas de como pensar, vestir, viver e até espirrar. Vivi uma espécie de espionagem virtual porque fui julgado por fotos no Facebook ou comentários em fóruns virtuais. Eu vivi muitas frases como "um acropolitano tem que se acostumar com a solidão". Também vivi momentos de êxtase místico, anos depois nublados pelo medo de nunca mais experimentá-los.

Mas o que me quebrou foi um momento pontual, já deve-se esclarecer que desde a minha ruptura interna até a minha partida se passaram 4 anos, como desde a minha partida até a minha descarga atual se passaram 6 (suponho que é assim que os traumas são processados).

Um fim de semana fui acampar com amigos e conhecidos, onde jogamos "role ao vivo" um jogo muito inocente onde você pega um personagem fictício e sobrenatural e o personifica dentro do quadro de uma história, muitas vezes com fantasias, e uma dessas noites tomamos, entre 16 pessoas, 6 litros de álcool.

Em uma foto no Facebook fui marcada tomando um gole de uma garrafa, eu tinha uns 21 anos.

O retorno das minhas férias foi muito estranho, eu senti que estava voando sobre as nuvens, estava fazendo tudo certo, tendo amizades saudáveis, tomando ar em um acampamento arborizado e voltando para cumprir meus deveres como FV. Até que quando cheguei meu mundo desmoronou.

A diretora me disse que estava pensando em me expulsar das Forças Vivas porque tinha visto fotos minhas disfarçada, bebendo álcool de uma garrafa e fazendo "qualquer coisa". Não me lembro de mais detalhes, na minha cabeça ressoava "ejar das FV".

Uma líder, a chefe das Brigadas Femininas, corpo das Forças Vivas ao qual eu pertencia, me disse ao falar sobre o assunto, ao tentar explicar que as férias tinham sido apenas inocentes, e me respondeu "uma dama não só deve ser, mas não parecer".

"Exclar das Forças Vivas", nunca me tinha considerado ser outra coisa, eu queria ser líder no futuro, queria abrir uma sede de Acrópole em outro departamento do país, viver da joalheria (meu ofício naquela época) e de dar aulas de artes marciais (minha paixão sempre repreensada)... ou o que quer que fosse! Mas nos meus anos lá, foi a primeira vez que me foi apresentada a possibilidade de não estar na Acrópole, ou de não ser parte genuína (na minha opinião).

"Excitar das Forças Vivas" não paravam de bater as palavras da diretora na minha cabeça, minha mãe me notou com uma grande depressão, mas eu não podia dizer a ela o que estava acontecendo comigo, sempre nos encorajaram a ter muito sigilo, porque as pessoas de "fora" não entenderiam, nem sabia da existência das FV, e com certeza ele ficaria com raiva se soubesse por que eu estava tão mal.

Tirei uma data para psiquiatra, porque notei que na minha mente as opções eram, me sentir melhor ou morrer, porque não entendia outra vida, porque estava convencida de que servir ao Ideal era a única coisa importante que um ser humano poderia fazer, e que se eu estava fazendo errado então qual era o sentido de tudo? Eu tinha feito uma promessa da "minha alma imortal" com o joelho encarado na frente de um estandarte, de servir ao ideal, e não estava conseguindo cumpri-la.

Implorei aos deuses inexistentes que não existissem e que minhas crenças de reencarnação fossem uma mentira, mas essas superstições me mantiveram viva por sua vez, porque eu não queria morrer sabendo que renasceria com a possibilidade de viver toda aquela agonia novamente.

"Excular das Forças Vivas"... ainda doeu, mas com o tempo não ressoou mais tão alto, e cada vez o som dessas palavras, depois de tomar antidepressivos e deixá-los, depois de ir à terapia e deixá-la, depois de tentar novamente ser uma Força Viva abnegada... e deixá-lo... essas palavras não significavam mais uma ameaça.

Saindo das Forças Vivas...

Um cimbronazo de liberdade.

Finalizando

Quero esclarecer, para finalizar, que essas experiências são apenas uma pequena parte do que foi vivido nesses 11 anos, mas poderia mencionar mais mil.

Da forma como os líderes da instituição se intrometiam na vida pessoal, de um artigo interno que a diretora escreveu falando contra os jogos de RPG após minha experiência. Dos comentários depreciativos das pessoas que haviam saído da Acrópole, como se fossem fracas ou suas almas tivessem "morrido". A insistência indireta, mas extremamente clara, sobre não ter filhos, e o sigilo em uma infinidade de atividades, que se fossem menos "secretas" talvez não gerariam um impacto tão grande em quem as cursa, como ter os olhos vendados passando por provas uma noite inteira, que incluem colocá-lo à beira de um medano e quando você ouviu "salte" fazê-lo sem hesitar, tenho vergonha hoje de me sentir tão orgulhosa naquele momento, em que pulo feliz por não duvidar um único momento, sem me importar com o que estava lá embaixo.

Daniella Scuadroni Rudawski, julho de 2021